

# CMIRELATÓRIO

“Se homens e mulheres fossem iguais,  
todos nós seríamos simplesmente pessoas”

Género e Pobreza no Norte de Moçambique

Inge Tvedten  
Margarida Paulo  
Minna Tuominen

**Tradução do Relatório R 2009: 14**



“Se homens e mulheres fossem iguais,  
todos nós seríamos simplesmente  
pessoas”

Género e Pobreza no Norte de Moçambique

Inge Tvedten (CMI)  
Margarida Paulo (UEM)  
Minna Tuominen (AustralCowi)

**R 2009: 14**

### **Relatórios CMI**

Esta série pode ser encomendada a:

Chr. Michelsen Institute

P.O. Box 6033 Postterminalen,

N-5892 Bergen, Norway

Tel: + 47 47 93 80 00

Fax: + 47 47 93 80 01

E-mail: [cmi@cmi.no](mailto:cmi@cmi.no)

[www.cmi.no](http://www.cmi.no)

Preço: NOK 50

Versão impressa: ISBN 978-82-8062-379-9

Versão electrónica: ISBN 978-82-8062-380-5

Este relatório está também disponível em:

[www.cmi.no/publications](http://www.cmi.no/publications)

### **Termos indexados**

Moçambique

Pobreza

### **Número do projecto**

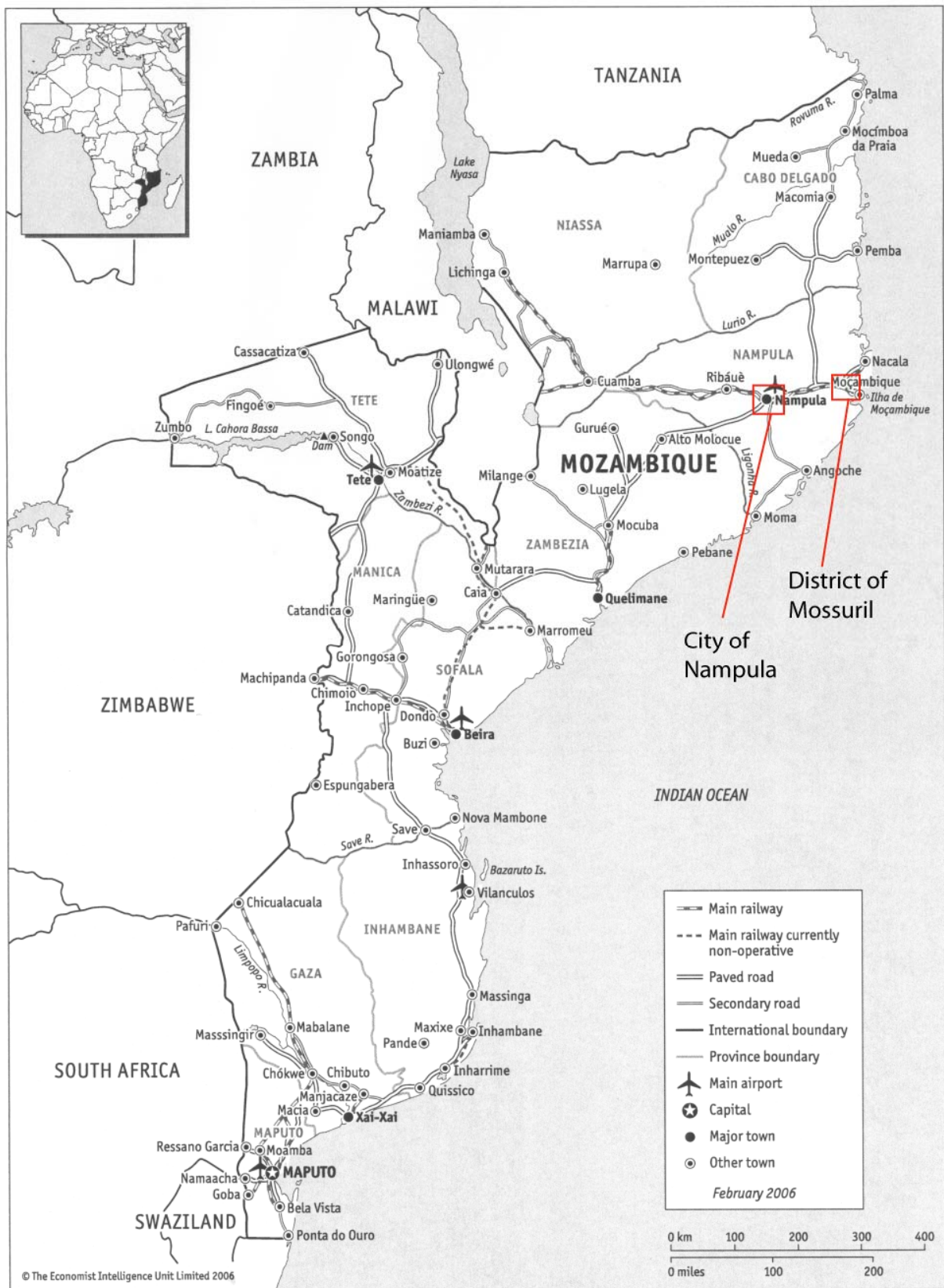
27042

### **Título do projecto**

Estudos qualitativos sobre a pobreza em Moçambique 2006-2011

# Índice

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1 ABORDAGEM ANALÍTICA .....	3
1.2 METODOLOGIAS .....	4
1.3 CONSTATAÇÕES PRINCIPAIS .....	5
1.4 SUMÁRIO DO RELATÓRIO .....	7
<b>2. ANTECEDENTES.....</b>	<b>8</b>
2.1 HISTÓRIA.....	8
2.2 CONTEXTO POLÍTICO E ECONÓMICO .....	10
2.3 INDICADORES SÓCIO-ECONÓMICOS.....	11
2.4 MOSSURIL .....	13
2.5 CIDADE DE NAMPULA .....	18
<b>3. GÉNERO E POBREZA .....</b>	<b>23</b>
3.1 PRÁTICAS CULTURAIS .....	23
3.2 ORGANIZAÇÃO DOS AGREGADOS FAMILIARES .....	27
3.3 EMPREGO, RENDIMENTO E DESPESA .....	32
3.4 EDUCAÇÃO.....	43
3.5 SAÚDE.....	47
3.6 RELAÇÕES COMUNITÁRIAS E CONFLITOS .....	51
<b>4. CONCLUSÕES.....</b>	<b>56</b>
4.1 RECOMENDAÇÕES .....	58
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>60</b>



**Mapa 1. Moçambique e Localização do Projecto**

## 1. Introdução

O Governo de Moçambique tem a “igualdade de género e o empoderamento da mulher” como um objectivo explícito da sua estratégia de desenvolvimento, argumentando ser um pré-requisito para atingir os objectivos de redução da pobreza estabelecidos na sua Estratégia de Redução da Pobreza, PARPA (GdM 2005). Há uma boa razão para isto: os dados quantitativos disponíveis mostram claramente que as mulheres em Moçambique estão sistematicamente em desvantagem em termos políticos, económicos e sócio-culturais. Os dados revelam ainda diferenças importantes na situação das mulheres entre diferentes regiões geográficas e formações sociais rurais e urbanas, em áreas chave como produção agrícola, emprego, rendimento, educação, saúde e proporção de agregados familiares chefiados por mulheres. Além disso, os dados proporcionam uma base fraca para avaliar as percepções das próprias pessoas (*emic*) sobre as relações de género e as suas implicações para a pobreza e bem estar.

Este é o segundo relatório da série ‘Políticas de Género e Feminização da Pobreza em Moçambique’, realizada em estreita cooperação com o Ministério da Planificação e Desenvolvimento. Enquanto o nosso primeiro relatório (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008) se debruçou sobre os dados quantitativos existentes versando as questões de emprego e rendimento, educação, saúde, organização social, casamentos infantis, abuso sexual e violência doméstica, este relatório focará as relações sociais e percepção cultural de género num cenário rural (o distrito de Mossuril) e num cenário urbano (a cidade de Nampula) na província nortenha de Nampula. A este seguir-se-á um terceiro relatório em cenários similares na província de Gaza, a sul – cobrindo assim as configurações norte-sul e rural-urbana que são frequentemente vistas como particularmente significativas para as relações de género e desigualdades no país.

O nosso ponto de partida é uma noção de pobreza ligada ao género como uma condição multifacetada envolvendo diferenças ligadas ao género em três circunstâncias principais: a primeira é a falta de rendimento e de bens para satisfazerem as necessidades básicas na forma de comida, vestuário e alojamento (aliviada através de uma combinação de *oportunidades* aumentadas e *capacidade* acrescida de capitalizar as oportunidades disponíveis); a segunda é um sentimento de não ter voz activa nem poder em relação às instituições da sociedade e do estado (aliviado através de um aumento de *empoderamento*); e a terceira é a vulnerabilidade perante choques adversos, ligada com a capacidade de lidar com eles através de relações sociais e instituições legais (aliviada através do aumento de *segurança*). A noção de uma “feminização da pobreza” será vista como implicando que as mulheres são mais pobres do que os homens; que ao longo do tempo a incidência da pobreza entre as mulheres está a aumentar em relação à dos homens; e que a crescente pobreza entre as mulheres está ligada à feminização da chefia dos agregados familiares (Chant 2007).

No que concerne às actuais políticas de género em Moçambique por parte do governo e dos doadores, argumentámos no nosso primeiro relatório que há uma discrepância considerável entre, por um lado, as políticas e objectivos declarados e as intervenções reais no terreno, por outro lado: o relativamente alto nível de representação das mulheres no Parlamento e no Governo (Tabela 1) não produziu resultados significativos em termos de acção concreta para o empoderamento das mulheres – epitomizada pela, até muito recentemente, pendente Lei da Violência Doméstica.<sup>1</sup> E continua fraca a representação das mulheres em níveis mais baixos de governação (províncias e distritos) bem como nas instituições chave do estado (educação, saúde, sector legal, etc.) – como indicado pela frágil posição das Unidades de Género e Pontos Focais do Género nesses

---

<sup>1</sup> Após muitos anos de discussões e de resistência, por parte de homens e também de mulheres membros do Parlamento (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008), a lei foi finalmente aprovada em meados de 2009.

estabelecimentos. Entre os doadores, a política de ‘integração do género’ – afectando ostensivamente todos os programas e projectos, independentemente do sector – pulverizou de facto as responsabilidades com poucos resultados concretos no terreno para todos, com excepção de alguns doadores como a CIDA, SIDA, FNUAP e UNIFEM. Um sector da sociedade civil relativamente forte, tendo o Fórum Mulher e a WLSA como instituições chave, não tem estado numa posição de “compensar” a limitada atenção real do governo e doadores à igualdade de género e ao empoderamento das mulheres em Moçambique.

**Tabela 1.** *Mulheres nos Organismos Públicos em Moçambique*

<b>Instituição</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Parlamento	161	89
Ministros do governo	20	6
Directores nacionais	141	33
Governadores provinciais	9	2
Directores provinciais	130	33
Administradores distritais	113	26
Chefes de postos administrativos	288	10

Fonte: MAE 2005; actualizado pelo MMCAS.

Ainda com referência ao nosso primeiro relatório, os dados nacionais disponíveis mostram que há uma feminização da pobreza em curso no país. As principais conclusões estão, com bastante crueza, resumidas na Tabela 2 abaixo. As desigualdades de género são particularmente pertinentes nas áreas da produção agrícola, emprego e rendimento, educação e saúde, e as mulheres são altamente susceptíveis à violência doméstica e ao abuso sexual – ambos contribuindo para uma consideravelmente mais elevada contagem de pobreza entre os agregados familiares chefiados por mulheres do que entre os chefiados por homens.

**Tabela 2.** *Dados Sócio-Económicos Chave sobre a Posição das Mulheres em Moçambique (em percentagem)*

<b>Ítem</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Emprego formal	19,0	3,9
Emprego na agricultura	67,5	89,3
Taxa de alfabetização de adultos	67,0	37,5
Frequência líquida da escola primária	62,7	56,7
Esperança de vida à nascença	44,8	48,6
Proporção afectada pelo HIV-SIDA*	42,0	58,0
<b>Ítem</b>	<b>AFCH</b>	<b>AFCM</b>
Proporção global	73,6	26,4
Contagem de pobreza	51,9	62,5

Fontes: INE 2004; MISAU 2005; Banco Mundial 2007; INE 2009 \* Taxa total de HIV-SIDA 16.1%.

Finalmente, realcemos a título de introdução algumas das expressões quantitativas de dissemelhanças de género entre Nampula e Gaza – os enfoques geográficos do relatório actual e seguinte. Como se vê na Tabela 3, há diferenças significativas entre as duas províncias em termos de pobreza e desigualdade, bem como de atributos específicos do género na proporção de agregados familiares chefiados por mulheres, emprego e rendimento, taxas de alfabetização, taxas de



mortalidade infantil e de HIV/SIDA. Em termos gerais, a pobreza de consumo é mais alta no sul (incluindo Gaza), enquanto a pobreza humana é mais elevada no norte (incluindo Nampula). No nosso primeiro relatório explicámos estas diferenças fazendo referência aos principais desenvolvimentos históricos e contemporâneos relacionados com os sistemas sócio-culturais de parentesco e descendência (i.e. patrilinearidade and matrilinearidade); as experiências coloniais de agro-industrialização, migração e trabalho forçado; as experiências pós-independência de níveis melhorados de urbanização; e as diferenças actuais nos níveis de pobreza e desigualdade.

**Tabela 3.** *Características Sócio-Económicas de Nampula e Gaza (em percentagem)*

<b>Iten</b>	<b>Nampula</b>	<b>Gaza</b>
População (milhões)	4,1	1,2
Emprego formal	7,0	6,0
Emprego na agricultura	82,8	83,7
Frequência líquida da escola primária	46,6	77,3
Taxa de mortalidade dos zero aos cinco anos (em 1.000)	220	156
Contagem de pobreza	53,6	59,7
<b>Indicadores de género</b>		
Agregados familiares chefiados por mulheres	20,8	53,6
Frequência de rapazes na escola primária	50,2	77,7
Frequência de raparigas na escola primária	43,1	77,0
Raparigas com relações sexuais antes dos 15 anos	43,2	22,6
Índice de Desenvolvimento Humano	0,340	0,439
Índice de Desenvolvimento de Género	0,327	0,423

Fontes: INE 2004; MISAU 2005; PNUD 2007; Banco Mundial 2007; INE 2009.

Neste relatório daremos particular atenção à relevância e importância da *organização sócio-cultural* para as relações e desigualdades de género. Em linha com a literatura internacional (Chant 2003; Cornwall 2007) admitiremos que as mudanças nos sistemas de parentesco, casamento e sexualidade são particularmente importantes para explicar as mudanças na ‘masculinidade’, ‘feminilidade’ e relações de género. Isto não desconsidera a importância da posição económica (emprego e rendimento) de homens e mulheres, mas reflecte uma situação no norte onde a ‘cultura’ – incluindo a religião – parece inibir ainda o envolvimento activo das mulheres na esfera económica (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008).<sup>2</sup> Talvez que a expressão mais clara disto seja a virtual ausência de mulheres na economia informal em Nampula, excepto no que respeita a alguns ‘nichos’ relacionados com comida. Em Gaza, por outro lado, esperamos encontrar uma muito maior proporção de mulheres na economia informal e as estratégias de subsistência ligadas ao género serão um foco principal nesse relatório.

## 1.1 Abordagem Analítica

O segundo e terceiro relatórios baseiam-se na hipótese de que os dados quantitativos e qualitativos devem ser combinados de forma a darem uma imagem completa do género no país, através do que é frequentemente chamada uma abordagem ‘qual-quant’ (Kanbur & Schaffer 2007): embora os dados quantitativos prestem informação importante sobre o mapeamento e perfil de pobreza e género, é necessária uma abordagem qualitativa para compreender as percepções culturais e estratégias de

<sup>2</sup> Isto foi amplamente verificado num grande projecto de micro-finanças da World Relief, onde 80-90% dos clientes em Gaza eram mulheres, enquanto em Nampula apenas 15% dos clientes eram mulheres – apesar de um particular esforço nesta última província para envolver mulheres (Pontara 2001).

subsistência de homens e mulheres. Uma abordagem ‘qual-quant’ parece particularmente importante na área do género, dado que não só reflecte as condições materiais mensuráveis como está enredada em profundas configurações históricas e sócio-culturais.

A nossa estrutura analítica baseia-se na noção de que a história e as forças estruturais contemporâneas, políticas, económicas e culturais têm um efeito poderoso sobre a acção humana e a forma dos acontecimentos (Bourdieu 1994). A um nível, então, as relações de género são moldadas e reproduzidas por processos externos que são congruentes com os padrões de poder estabelecidos pela sociedade como um todo (Moore 1996). Ao mesmo tempo, todavia, há espaço para a agência humana e vidas normais, dado que as pessoas se relacionam com constrangimentos e oportunidades estruturais o melhor que podem a partir da posição económica e sócio-cultural em que estão inseridas (Ortner 2006).

A mudança social ocorre através do que Johnson-Hanks (2002) chamou ‘conjunturas vitais’ ou mudanças no ambiente estrutural. O nosso argumento é que duas ‘conjunturas vitais’ têm sido particularmente importantes para as relações de género em Moçambique: uma é a forte exposição das partes centro e sul do país às forças estruturais da ‘modernidade’ e migração laboral, e a concomitante influência continuada da ‘tradição’ na parte a norte do país que tem sido menos susceptível a essas forças; e a outra é o impacto da urbanização, que parece ter aberto um novo espaço estrutural para homens e mulheres por igual, de tal forma que está a tornar as relações de género nas cidades e vilas profundamente diferentes das verificadas nas áreas rurais.

Embora haja uma vasta literatura sobre relações de género na África Austral (Geisler 2004; Ouzgane and Morrell 2005), pouca, se alguma, adopta uma visão sistemática da relação entre género e pobreza *per se*.<sup>3</sup> Admitiremos neste relatório que a pobreza material tem consequências por si própria, no sentido de que canaliza as percepções e acções das pessoas em direcções específicas, com implicações não apenas para homens e mulheres individualmente mas também para as relações entre eles. Embora a masculinidade e a feminilidade em Moçambique estejam envolvidas em direitos e obrigações sócio-culturais, a pobreza tem profundas implicações no ponto até ao qual estes direitos e obrigações são consumados e mantidas as relações de poder ligadas ao género. Em linha com isto, a posição e direitos das mulheres nos casamentos polígamos em áreas rurais parecem estar enfraquecidos pela produção agrícola e rendimento mais baixos. E há sinais emergentes de que o desemprego e a pobreza têm implicações na capacidade de os homens manterem a sua ‘masculinidade’ e posição como chefes do agregado familiar, particularmente nas áreas urbanas.

## 1.2 Metodologias

O principal objectivo deste relatório é captar as configurações locais das relações de género em Nampula, focando na província uma área rural e outra urbana. A primeira é o distrito rural de Mossuril, no litoral, que é considerado um dos distritos mais despojados da província em termos de pobreza material e desenvolvimento humano (MAE 2005). As áreas urbanas são Muatala e Namutequeliua, que são dois dos bairros mais populosos da cidade de Nampula e abundantemente habitados por migrantes da costa, partilhando por isso com Mossuril raízes históricas e sócio-culturais. Isto coloca-nos em boa posição para analisar as implicações da migração urbana e urbanismo nas relações de género ‘tradicionais’.

---

<sup>3</sup> Na antropologia em particular, as questões de pobreza material foram negligenciadas devido ao efeito combinado da aversão da disciplina aos dados quantitativos e a concomitante ênfase demasiada na “cultura” como sistemas de significado (Tvedten 2008).

Realizaremos a nossa análise através de uma combinação de entrevistas com parceiros chave no distrito de Mossuril e na cidade de Nampula; um estudo que foi especialmente desenhado para captar características e diferenças ligadas ao género; e um conjunto de metodologias qualitativas. Os parceiros incluem funcionários do distrito e do município; chefes de instituições públicas e da sociedade civil, de particular relevância; autoridades tradicionais (*régulos, secretários de bairro, chingores*, etc.) e homens e mulheres individuais das comunidades.

O estudo cobre um total de 120 agregados familiares, sendo 60 em Mossuril e 60 na Cidade de Nampula. As localidades mais específicas (*povoações* em Mossuril e *quarteirões* em Nampula) foram seleccionadas em cooperação com as autoridades locais e tradicionais, com o objectivo de encontrar áreas que fossem tão ‘representativas’ quanto possível. Dentro de cada área de enumeração optámos por seleccionar um número igual de agregados familiares chefiados por homens e por mulheres com o fim de melhor captar as variáveis que procuramos.<sup>4</sup> Embora não ‘randómica’ em qualquer sentido científico, evitámos dessa forma chegar ao fim com uma amostra que não pudesse trazer luz suficiente às nossas questões de género e pobreza.

As metodologias qualitativas usadas são a *análise de forças de impacto* (para captar percepções de quais as condições [políticas, económicas, sócio-culturais] que podem inibir ou acelerar a mudança e o desenvolvimento da comunidade); *classificação da prosperidade* (para captar a percepção da própria comunidade sobre pobreza e bem estar ligados ao género e as categorias dos pobres e dos em melhor situação); e *diagramas de Venn* (para identificar as relações e redes sociais usadas pelas diferentes categorias de pobres e em melhor situação como parte das suas estratégias de sobrevivência) (ver Tvedten, Paulo & Montserrat 2006 para uma descrição mais detalhada das metodologias). No primeiro exercício usámos grupos mistos de homens e mulheres, e no segundo juntámos grupos separados de homens e mulheres para averiguar possíveis diferenças de género nas percepções de pobreza e bem estar. O diagrama de Venn foi feito com agregados familiares individuais.

### 1.3 Constatações Principais

As percepções culturais de masculinidade e feminilidade e as relações de género em Nampula são o resultado combinado de uma forte tradição matrilinear entre os Macua como grupo sócio-linguístico dominante, do impacto patriarcal do Islão (na região do litoral) e do Cristianismo (no interior), e dos desenvolvimentos mais recentes incluindo uma guerra devastadora e a crescente urbanização.

O nosso estudo no distrito costeiro de Mossuril e na cidade de Nampula verifica que há um processo de feminização da pobreza em curso – embora com diferenças importantes entre os dois tipos de cenários.

Como definido pelo INE, há nas duas áreas uma proporção relativamente alta e em crescendo de agregados familiares chefiados por mulheres, e estes agregados familiares são geralmente mais pobres e despojados em termos de emprego, rendimento, habitação e outros bens materiais do que os agregados familiares chefiados por homens.

---

<sup>4</sup> O nosso ponto de partida para identificar agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres foi a percepção de quem chefiava o agregado comunicada pelos nossos guias locais. Em alguns casos isto não coincidia com a percepção do próprio agregado, o que nos levou a terminar com uma proporção geral de 55% de agregados familiares chefiados por homens e 45% chefiados por mulheres – reflectindo diferenças interessantes entre as percepções ‘públicas’ e ‘privadas’ da chefia do agregado familiar, às quais voltaremos abaixo.

Há também uma pronunciada diferença entre os agregados familiares chefiados por homens e os chefiados por mulheres, em termos de saúde, incluindo mortalidade infantil e frequência da doença. As razões principais para isto não parecem ser as diferenças em prioridades entre as chefias masculina e feminina, mas sim mais um efeito das diferenças nos níveis de rendimento e educação de homens e mulheres.

A diferença entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres é menos pronunciada na educação: embora os chefes masculinos tenham uma maior educação do que as chefes, os níveis gerais de educação dentro dos agregados familiares é mais semelhante – o que implica que os agregados familiares chefiados por mulheres dão prioridade à educação das suas crianças não obstante as suas dificuldades económicas.

Em termos de organização social, a idade das chefes é geralmente mais alta do que a dos chefes masculinos, reflectindo a prevalência de viúvas e divorciadas entre as primeiras. Os agregados familiares chefiados por mulheres são mais pequenos e com taxas de dependência mais altas do que os chefiados por homens. E os agregados chefiados por mulheres são mais propensos ao envolvimento em redes sociais e associações do que os chefiados por homens.

Ao mesmo tempo, há diferenças importantes entre o Mossuril rural e a cidade de Nampula. Em Mossuril, uma combinação de destituição económica e tradição mantém diferenças sistemáticas entre homens e mulheres, enquanto que o contexto urbano de Nampula criou um novo espaço semelhante para homens e mulheres.

Os agregados familiares chefiados por mulheres, em Nampula, têm geralmente um rendimento mais elevado e níveis mais altos de consumo do que em Mossuril e receberam geralmente maior educação e têm menos problemas de saúde.

Há uma maior proporção de agregados familiares chefiados por mulheres na cidade de Nampula do que em Mossuril. O principal factor por detrás disto é que os homens mais facilmente ‘abandonam’ as mulheres nas áreas urbanas e frequentemente deixam-nas também sozinhas com a responsabilidade pelos seus filhos conjuntos.

Todavia, há também sinais emergentes crescentes de mulheres que deixam os seus maridos ou companheiros, particularmente em Nampula. Algumas mulheres procuram homens com mais meios e outras vêem isto como necessário para prosseguir as próprias carreiras, num contexto onde é suposto as mulheres serem membros subservientes do agregado familiar.

Em ambos os cenários, a virilidade e a masculinidade são desafiadas pela pobreza. Com a posição dos homens como chefes dos agregados familiares descansando sobre uma combinação de tradição, religião e fornecedores de comida, vestuário, alojamento e outras necessidades básicas, a pobreza torna cada vez mais difícil aos homens mais pobres manterem a sua posição.

No Mossuril rural, isto é em parte compensado através de uma ênfase contínua em práticas culturais como os mitos de iniciação, realçando as obrigações das raparigas/mulheres em relação aos homens; de uma forte influência contínua da religião Muçulmana, advogando a supremacia dos homens; e de uma escassez de emprego e opções de rendimento para as mulheres.

Na cidade de Nampula, tradição e religião parecem ter menos domínio sobre as pessoas, enquanto o urbanismo tem implicações conflituosas para os homens: para os que estão em posição de explorar as oportunidades económicas urbanas, a cidade criou formas alternativas de manter as suas posições como maridos e pais. Para os que não estão nessa posição, a base para defender a sua posição como chefes de agregados familiares e como homens está a desaparecer.

Alguns agregados familiares chefiados por homens, bem como por mulheres, em Nampula agem de maneira a manterem relações tanto com o cenário rural como com o urbano, na forma de relações rural-urbanas e acesso a uma machamba. Estas “raízes duplas” são vistas como a melhor estratégia para ser capaz de combinar emprego e rendimento com a segurança social da produção agrícola.

Em Mossuril a economia parece demasiado deprimida para que os agregados familiares sejam capazes de fazer isto. Nem os agregados familiares chefiados por homens nem os chefiados por mulheres têm os recursos e relações para manter ligações mais permanentes com a cidade.

Tanto no Mossuril rural como na Nampula urbana os homens ainda dominam a esfera pública: eles estão sobre-representados no governo e administração municipal e distrital, e constituem a parte principal (formalmente reconhecida) da comunidade e dos líderes tradicionais – embora a proporção de mulheres nessas posições seja mais elevada em Nampula do que em Mossuril.

O acesso das mulheres aos serviços e recursos públicos é também inferior ao dos homens, indicado pela baixa proporção de mulheres em Mossuril que solicitaram e/ou receberam financiamento para projectos através do sistema dos ‘Sete Milhões de Meticais’.

As mulheres têm maior presença nas organizações civis ou baseadas na comunidade. Em Mossuril, estas tendem a centrar-se à volta de questões culturais (como grupos de ‘Canto e Dança’) que reforçam, mais do que desafiam, a ordem sócio-cultural existente. Em Nampula, os agregados familiares chefiados por mulheres e as mulheres estão mais inclinados para serem membros de associações e de outros grupos de interesse que promovam os seus interesses.

Em ambos os cenários, contudo, ficámos perplexos com o grau de consciência de relações e antagonismos de ‘género’ – epitomizado pela afirmação feita [por um homem] em Mossuril que deu o título a este estudo: “Se homens e mulheres fossem iguais, todos nós seríamos apenas pessoas”. Homens e mulheres estão claramente conscientes das sistemáticas diferenças existentes em termos de autoridade, responsabilidades e carga de trabalho. A maioria, tanto dos homens como das mulheres, parece ver isto como parte da ordem sócio-cultural (implícita na resposta frequente de que as coisas são como são porque “sempre foi assim”). Mas também há mulheres, particularmente em Nampula, que entendem que as relações de género existentes são negativas para as suas próprias vidas e para as perspectivas futuras delas próprias e das suas famílias.

## 1.4 Sumário do Relatório

A seguir a esta Introdução, o *Capítulo 2* versará os antecedentes históricos e contemporâneos da província de Nampula, do distrito de Mossuril e da cidade de Nampula como formações sociais. Com estes antecedentes contextuais, o *Capítulo 3* debruçar-se-á sobre as relações sociais de género e pobreza em Mossuril e na cidade de Nampula, numa perspectiva comparativa. O estudo terminará com conclusões e recomendações no *Capítulo 4*.

## 2. Antecedentes

### 2.1 História

Nampula está localizada no norte de Moçambique, é a província mais populosa do país com uma população de 4,1 milhões de habitantes (INE 2009), e é geralmente dividida em três regiões, litoral, central e interior, no que se refere a condições climáticas e ambientais. Historicamente, a província foi modelada pelo grupo etno-linguístico dominante, os Macua, chegados em 300 DC (e perfazendo actualmente 93% da população); pela chegada dos comerciantes Árabes e Swahili, com a sua fé Muçulmana, a partir de 400 DC; e pela chegada dos colonizadores Portugueses a partir de 1500 CD – que rapidamente estabeleceram a sua principal fortaleza na Ilha de Moçambique, ao largo da costa de Nampula (Newitt 1995).

Cada movimento trouxe consigo as suas próprias configurações sócio-culturais que modelaram as percepções actuais de homens e mulheres e as relações entre eles. Entre os Macua, os clans (*n'loko*) e linhagens (*nihimo*) eram chefiados por homens – embora houvesse um sistema de linhagem de 'rainhas' (*apwiyamwene nihimo*) com um papel importante na resolução de problemas da comunidade e na preservação da tradição. Os Macua eram matrilineares, com uma forte influência da linhagem das mães através dos seus membros masculinos (pai ou irmão mais velho da mãe). O padrão de residência era originalmente uxorilocal, o que significava que os homens se mudavam para a aldeia da sua mulher. Uma implicação importante deste sistema era que as mulheres e os seus filhos permaneciam 'propriedade' da sua própria família de origem, e podiam voltar para ela se o casamento fracassasse. Economicamente, os Macuas eram principalmente agricultores e comerciantes, sendo a agricultura mais importante no interior da província onde os solos eram melhores e tanto os homens como as mulheres tomavam parte na produção (Sheldon 2002).

Na costa, a influência Muçulmana contrariava parcialmente a tradição matrilinear Macua com a sua ênfase na posição dos homens e na linha masculina em assuntos económicos, familiares e religiosos. Inicialmente havia uma estreita ligação entre o Islão e a autoridade tradicional, mas com a emergência das Novas Ordens esotéricas Sufi a autoridade religiosa tomou a precedência – corrigindo práticas que se julgava serem proibidas (*haram*) pela lei Islâmica, incluindo uma rígida separação entre homens e mulheres (Bonate n.d.). Os Muçulmanos também reforçaram a tradição de poligamia, sendo o número de esposas uma expressão de valor mundano bem como piedoso. A primeira mulher tinha uma posição especial em termos de direitos e obrigações para com o seu marido, embora o Corão sublinhe a importância de “tratar todas as esposas com respeito”. Os meios principais de rendimento e subsistência eram, na costa, o comércio (de escravos e produtos como sementes, borracha, resina de copal e arroz) e as pescas, todos dominados por homens. As mulheres eram marginais como criadoras de rendimento, em resultado da combinação das convicções religiosas e dos solos agrícolas pobres e arenosos ao longo da costa.

Os Portugueses tiveram um impacto mais directo sobre a posição dos homens, mulheres e relações de género, não tanto devido à sua própria cultura patriarcal (embora esta fosse muito forte), como devido às implicações das suas políticas coloniais. Com o sistema de trabalho forçado masculino (*chibalo*), as mulheres dedicavam-se principalmente à agricultura de subsistência, à produção de culturas de rendimento para satisfazerem as crescentes exigências coloniais, em termos de impostos, e à direcção do lar – enquanto os homens trabalhavam para os agricultores Portugueses, proprietários de barcos de pesca e, subsequentemente, para as indústrias nas áreas urbanas, contra pagamento em dinheiro ou espécie. Desta forma, a base económica para a sua posição sócio-cultural como homens era reforçada. Todavia, em oposição às partes centro e sul do país, as famílias e

agregados familiares não estavam separadas por grandes períodos de tempo devido à migração laboral – o que manteve o papel tradicional dos homens nos agregados familiares e inibiu o tipo de auto-confiança e independência encontrado entre muitas mulheres em outras partes do país (Newitt 1995).

A posição central dos homens no tecido sócio-cultural e económico de Nampula veio efectivamente a ser desafiada pelo governo da Frelimo após a Independência em 1975. Tentando abolir as empresas privadas, reduzir o papel do sector familiar e substituí-los por fazendas do estado e pela produção colectiva, teve como resultado que a maioria dos agregados familiares sofreu um declínio económico dado que se deterioraram a produção das culturas de rendimento e a agricultura de subsistência. O declínio continuou com as subsequentes políticas de ajustamento estrutural, que levaram ao encerramento de muitas fábricas (Hanlon 2008). Todavia, embora enfraquecendo a base económica da chefia masculina do agregado familiar, a Frelimo nunca encorajou o empoderamento da mulher ao nível das famílias e agregados familiares e a tradição e a religião continuaram a ter uma forte influência nas relações de género (Urdang 1998).

A guerra entre 1983 e 1992 contribuiu efectivamente para a cimentação das relações de género tradicionais, excepto para as mulheres que perderam os seus maridos e se encontram sós. Como na maioria das guerras, a guerra civil Moçambicana foi basicamente desenvolvida por homens mas sendo as mulheres e crianças as suas principais vítimas (Nordstrom 2002). Para além do grande número de vítimas civis, as mulheres permaneceram no seu domicílio em grande parte incapazes de desenvolver actividades económicas devido à guerra e à frequente ausência dos seus pais, irmãos ou maridos como membros masculinos do agregado familiar. A guerra (que provavelmente afectou mais fortemente Nampula do que qualquer outra província)<sup>5</sup> constituiu uma pesada sobrecarga para o tecido interno de muitos agregados familiares, mas não no sentido de mudança significativa das relações de género.

A crescente urbanização desde o princípio dos anos 1990, resultante do efeito combinado da guerra e das condições difíceis nas áreas rurais, inicialmente envolveu sobretudo os homens na procura de emprego. Alguns homens migraram numa base oscilatória e permaneceram chefes de agregados familiares rurais; outros mantiveram de facto uma unidade do agregado familiar urbana e outra rural; e outros ainda trouxeram mais tarde as suas famílias para a cidade. Desta forma, a organização e as relações dos agregados familiares tornaram-se mais complexas. Além disso, muitas mulheres começaram também a partir para a cidade, para se juntarem aos seus maridos ou a outros membros da família e tentarem estabelecer a sua própria base de rendimento à medida que a economia informal tomava uma importância crescente. Os que permaneceram nas áreas rurais eram principalmente agregados familiares com uma base económica rural relativamente sólida (encontrada principalmente no interior da província, onde as condições agrícolas eram melhores), ou agregados familiares pobres com muito poucos recursos para criar uma base alternativa de geração de rendimento e para se mudarem com todo ou parte dos seus agregados familiares (Araújo 2005).

De facto, a urbanização é provavelmente o desenvolvimento actual com o impacto mais importante sobre o género e as relações de género em Nampula – conduzidas por uma combinação da necessidade crescente de rendimento em dinheiro e noções contrastantes de ‘ruralidade e tradição’ e ‘urbanismo e modernidade’. A urbanização não só criou um novo espaço público e privado e mudou as relações de género para os que nela vivem, como fez também das áreas urbanas um importante ponto de referência para jovens rapazes e raparigas nas áreas rurais. Todavia, como

---

<sup>5</sup> As únicas áreas em Nampula que eram consideradas seguras eram a cidade de Nampula, que foi fortemente protegida pelos soldados da Frelimo, e a Ilha de Moçambique que apenas podia ser alcançada por uma ponte com 400 metros de comprimento que era fácil de proteger pela população local.

veremos, muitas pessoas que se mudaram para a cidade acabaram em áreas de fixação informal atingidas pela pobreza, onde as percepções de masculinidade e feminilidade podem mudar, mas não necessariamente na direcção da igualdade de género e empoderamento das mulheres.

## 2.2 Contexto Político e Económico

73% dos 4,1 milhões de habitantes da província de Nampula vivem em áreas rurais e 27% em áreas urbanas, incluindo a capital provincial – Cidade de Nampula – com 478.000 habitantes (INE 2009). A agricultura é a actividade económica dominante na província, com uma mistura de agricultura de pequena escala, principalmente de subsistência e unidades maiores produzindo culturas de rendimento como algodão, caju e tabaco (Hanlon 2008). Na costa, onde os solos agrícolas são pobres e arenosos, a pesca e as plantações de coqueiros são fontes adicionais de subsistência e rendimento. A indústria e o comércio são dominados pelas actividades informais, e há poucas indústrias formais além de fábricas de processamento agrícola (caju e amendoim), excepto as ‘obrigatórias’ fábricas de refrigerantes e cerveja. Para além da rede de estradas, que é geralmente fraca fora das estradas nacionais principais, o porto de Nacala e o caminho de ferro de Nacala até ao Malawi constituem meios de comunicação importantes na província.

Politicamente a Renamo, partido da oposição, tem tido tradicionalmente uma forte posição em Nampula, mas a Frelimo ganhou 27 dos 50 assentos da província nas eleições Parlamentares de 2004 e Armando Guebuza obteve 50% dos votos contra 44% do candidato da oposição, Afonso Dhlakama, nas eleições Presidenciais de 2004.<sup>6</sup> 20% dos lugares de Nampula no Parlamento são ocupados por mulheres. A província de Nampula consiste em 21 Distritos e 6 Municípios (Cidade de Nampula, Nacala-Porto, Angoche, Ilha de Moçambique, Monapo e Ribáue). Em termos de género, as estruturas políticas e administrativas na província são dominadas por homens – embora tenha havido um ligeiro aumento na proporção de mulheres entre 2007 e 2008 (Tabela 4). Todavia, como argumentado no nosso primeiro relatório (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008), não há relação automática entre a representação feminina em organismos públicos e políticas mais sensíveis ao género. Como mostraremos mais à frente, o efeito mais directo é provavelmente aos níveis mais baixos de representação, onde uma cultura burocrática patriarcal é menos proeminente e os funcionários públicos estão em contacto mais directo com a população que servem.

**Tabela 4.** *Distribuição de Posições Públicas entre Homens e Mulheres em Nampula, 2007-2008*

Função	2007		2008	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Directores Provinciais	11	3	12	3
Chefes de Depart. Provinciais	49	13	49	15
Administradores Distritais	18	3	16	5
Secretários Permanentes	16	4	16	4
Chefes de Secretaria	23	10	23	11
Chef.de Post. Administrativos	36	7	36	7

Fonte: Governo da Província de Nampula, Direcção Provincial da Mulher e Acção Social.

Como no resto de Moçambique, as estruturas políticas formais da província, distritos e postos administrativos trabalham mais estreitamente com as autoridades tradicionais quanto mais baixo estão na hierarquia. Aos níveis mais baixos, o estado depende efectivamente das autoridades

<sup>6</sup> Os resultados preliminares das eleições de 2009 indicam um fortalecimento da posição da Frelimo com 32 lugares no Parlamento e 68 por cento de votos para o candidato presidencial da Frelimo – embora com uma participação invulgarmente baixa de 38,2% e um número extraordinariamente elevado de votos inválidos (15,7%).



tradicionais como régulos, secretários e *sagutes* ou *chingore*, para a mobilização popular e cobrança de impostos. Todos são, em princípio, seleccionados na base da tradição ou eleitos popularmente, mas há uma interdependência *de facto* entre as estruturas políticas formais e informais, através do sistema governamental de remuneração das autoridades tradicionais (West 2009). Também entre as autoridades tradicionais, os homens excedem largamente em número as mulheres (Tabela 5).

**Tabela 5.** *Distribuição das Posições de Autoridade Tradicional entre Homens e Mulheres, 2008*

<b>Função</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Régulos / Secretários (1º Esc.) *	2176	23
Chefes / Aut. Comunitárias (2º Esc.)	2007	33

Fonte: Governo Provincial de Nampula – Departamento da Administração Territorial e Autárquica.

\* Destes, 427 são régulos e 1.747 são secretários.

### 2.3 Indicadores Sócio-Económicos

Passando para as características sócio-económicas da pobreza e bem estar em Nampula, gerais e ligadas ao género, a província exhibe uma contagem de pobreza baseada no consumo de 52,6%, que se aproxima da média nacional de 54,1% (Tabela 6).

**Tabela 6.** *Indicadores Sociais Básicos, Moçambique e Nampula*

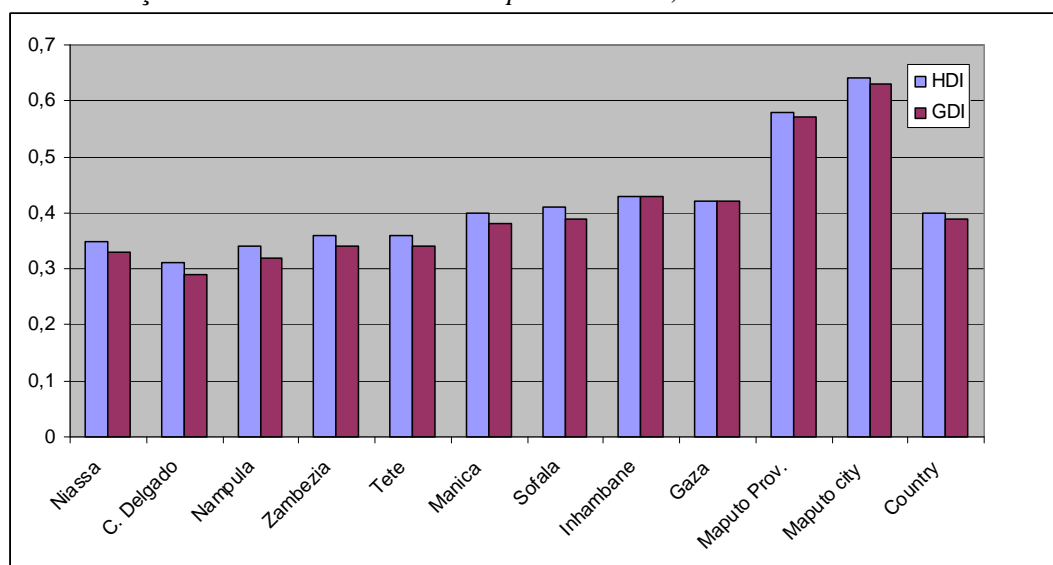
<b>Itens</b>	<b>Moçambique</b>	<b>Nampula</b>
<b>Geografia</b>		
Área de terra (km <sup>2</sup> )	799.380	81.606
População (milhões)	20,5	4,1
Densidade populacional (por km <sup>2</sup> )	21,6	40,0
População rural / urbana (%)	68,8 / 31,2	70,2 / 29,8
<b>Características do agregado familiar</b>		
Tamanho médio do agregado familiar	4,8	4,4
Rácio de dependência (%)	99,0	102,1
Agregados familiares chefiados por mulheres (%)	26,4	20,8
<b>Actividades económicas</b>		
População economicamente activa (%)	83	87,6
Emprego próprio / familiar (%)	87,7	89,2
Proporção empregada na agricultura (%)	80,5	82,8
Rendimento mensal per capita (MT)	325	229
Despesa mensal per capita (MT)	324	238
<b>Educação</b>		
Taxa líquida no ensino primário (%)	61	46,3
Taxa de analfabetismo masculino (%)	48,7	36,7
Taxa de analfabetismo feminino (%)	68	81,4
<b>Saúde</b>		
Taxa de mortalidade infantil (0-5 anos)	178	220
Taxa de fertilidade total (filhos por mulher)	5,5	6,2
HIV/SIDA (15-49 anos)	13,6	8,1
<b>Indicadores de pobreza</b>		
Contagem de pobreza (%)	54,1	52,6
Intervalo/profundidade da pobreza (%)	19,9	18,7
Gravidade/intervalo de pobreza quadrado (%)	9,9	8,6

Fontes: Banco Mundial 2006; Fox et al. 2005; INE 1999, 2004<sup>a</sup>, 2009.

As medidas da profundidade da pobreza ('intervalo de pobreza') e da gravidade da pobreza ('intervalo de pobreza elevado ao quadrado') estão também próximas das médias nacionais. Ao mesmo tempo, as classificações de Nampula em diversos indicadores sociais mais específicos são excepcionalmente baixas, dado que estes são expressos em termos do índice de desenvolvimento humano e de género. A província tem uma das mais baixas taxas líquidas de matrícula na escola primária, 36,7%, contra a média nacional de 61%. E tem a segunda mais alta taxa de analfabetismo, 65,1%, contra a média nacional de 53,6%. Na saúde, Nampula tem uma das mais elevadas taxas de fertilidade total no país, 6,2%, e a segunda mais alta taxa de mortalidade infantil dos 0 aos 5 anos, 220/1000 (INE 2004). Apenas a taxa de infecção pelo HIV/SIDA, 8,4%, é menos severa do que a média nacional de 16,1%, provavelmente derivando de uma combinação da contínua importância da tradição em termos do agregado familiar e organização da família; da distância até aos principais corredores de movimento da população; e da prevalência da fidelidade à oração do Islão, sendo outros factores contributivos a circuncisão masculina e o uso limitado de álcool (Arndt 2002; MISAU 2005).

Comparando o índice de desenvolvimento humano (que mede o rendimento, educação e longevidade) com o índice de desenvolvimento de género (onde estes indicadores foram ajustados para homens e mulheres, respectivamente), Nampula mostra uma discrepância considerável que não apenas indica que o desenvolvimento humano é baixo mas também que a situação para as mulheres nas áreas de rendimento, saúde e educação é mais difícil do que para os homens (Figura 1).

**Figura 1:** *Varição Acumulada do IDH e IDG por Província, 2001-2006*



Fonte: Adaptado do PNUD (2007a).

Tendo apresentado o contexto geral histórico, político e sócio-económico de Nampula, terminaremos este capítulo introdutório apresentando os dois locais escolhidos para o nosso estudo aprofundado das relações de género na província. São eles i) o distrito de Mossuril, localizado ao longo da costa e geralmente considerado um dos distritos mais pobres e destituídos da província; e ii) os dois bairros ou 'unidades urbanas' Muatatale e Namutequeliua na cidade de Nampula, que estão entre os bairros mais populosos e se situam perto do centro da cidade. Enquanto Muatatale é principalmente povoado por gente vinda das partes central e interior da província, Namutequeliua é principalmente povoado por pessoas do litoral – o que adiciona raízes históricas comuns à comparação entre relações de género na Nampula rural e urbana.

## 2.4 Mossuril

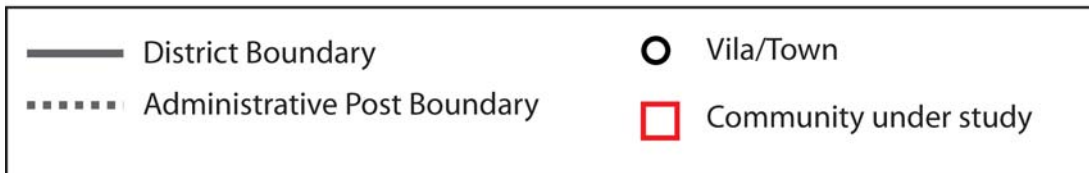
O Distrito de Mossuril fica localizado a cerca de 120 km ou 2 horas de condução da cidade de Nampula em direcção à costa – com mais uma hora para os últimos 10 km quando as condições da estrada são más. A vila de Mossuril concentra-se centrada à volta de uma rua principal, justaposta por velhos e cansados edifícios Portugueses e terminando numa praia que conserva as ruínas de um antigo forte de escravos Português. As instituições públicas principais na vila são constituídas por vários escritórios de direcções e delegações distritais, um hospital, um velho convento albergando uma escola primária, uma escola secundária recentemente construída e a Administração Distrital localizada no fim da rua principal. A questão do género é imediatamente visível quando se chega a Mossuril, através de duas imagens aparentemente contrastantes: nos dois mercados abertos informais cheios de gente, praticamente todas as pessoas que vendem são homens, apontando para o papel marginal das mulheres na economia do agregado familiar em Mossuril. E no pátio da escola secundária perto de metade dos estudantes são raparigas, apontando para as aspirações de algumas famílias de educarem as suas filhas na esperança de melhorar as suas vidas.

O distrito no seu todo tem 117.000 habitantes (INE 2009), o que dá uma densidade populacional de apenas 31,2 por km<sup>2</sup>. A Administração Distrital tem um total de 32 funcionários, dos quais 6 são mulheres (um aumento de quatro desde 2005).<sup>7</sup> As entrevistas com todos os homens da gestão do distrito mostram que eles estão cientes das questões de género, mas também argumentam que ‘é difícil’ porque a população de Mossuril está imbuída de um conjunto de valores tradicionais (Macuas e do Islão) onde os homens são considerados a autoridade, tanto no agregado familiar como nas comunidades. O distrito está dividido em três Postos Administrativos (Mossuril Sede, Lunga e Matibane, ver Mapa 2, e três Localidades, sendo os níveis mais baixos os grupos de povoações e as povoações. As estruturas do estado descem até ao nível de 93 régulos/secretários, que lidam principalmente com problemas da comunidade e questões espirituais (no caso dos régulos). Apenas dois secretários são mulheres. Os chefes tradicionais ou *chingore* ao nível das comunidades individuais (dos quais 5 em 92 são mulheres) ainda exercem influência principalmente relacionada com os problemas dos agregados familiares individuais. Todavia, as autoridades religiosas na forma de *imams* e *mwalimos* (chefes das escolas Muçulmanas locais ou *madrassas*, que são sempre homens), são também importantes a este nível.

---

<sup>7</sup>De acordo com o actual sistema político, as posições de gestão na administração do distrito são ocupadas pela Frelimo apesar do facto de 58% da população de Mossuril ter votado na Renamo nas eleições de 2004 e apenas 30% na Frelimo ([www.iese.co.mz](http://www.iese.co.mz)).

## DISTRICT OF MOSSURIL



A economia local em Mossuril é influenciada por três factores principais: o primeiro é o relativo isolamento do distrito (exacerbado por estradas muito más), que inibe investimentos externos e o comércio com os centros populacionais mais próximos, Ilha de Moçambique, Nacala e cidade de Nampula; o segundo é a relativamente fraca produtividade da agricultura (devido aos solos pobres e arenosos) e das pescas (devido a uma frota industrial que pesca demasiado junto à costa), que são duas fontes principais de subsistência e rendimento; e o terceiro factor (a seguir aos dois anteriores) é o baixo poder de compra da população local, que inibe o comércio local e os negócios de pequena escala.<sup>8</sup> Excepto no que respeita ao emprego na administração do estado e instituições públicas de educação e saúde, as únicas oportunidades de emprego formal disponíveis encontram-se em aproximadamente 15 salinas e nas estâncias turísticas localizadas principalmente no segundo centro populacional do distrito, Chokas Mar. As salinas empregam apenas homens (com salários mensais que descem até 250 MT), enquanto algumas mulheres estão empregadas como criadas nas estâncias turísticas.<sup>9</sup> Para conseguir um rendimento para além da subsistência, a maioria dos agregados familiares depende pois do estabelecimento de alguma forma de relacionamento com um dos três centros urbanos acima mencionados.

De acordo com a Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural, a produção agrícola não é apenas dificultada pelo tipo de solos pobres e arenosos mas também por uma ‘falta de tradição’ em relação à agricultura. Os agregados familiares têm geralmente terrenos muito pequenos, usam ferramentas agrícolas rudimentares e produzem para subsistência e não para venda. A produção é também dificultada pela frequente ausência dos homens, que se vêem a si próprios principalmente como pescadores e comerciantes, deixando para as mulheres o exercício de muitas tarefas que “eles não estão preparados para fazer”. A pesca é tradicionalmente uma actividade predominantemente masculina, com fortes imperativos culturais<sup>10</sup>, mantendo as mulheres longe do mar. O forte preconceito masculino no sector é também sublinhado pelo facto de o comércio do peixe, que em muitas partes de África e algumas de Moçambique é uma actividade feminina, ser dominado por homens, em Mossuril. As mulheres tomam parte na pesca de camarão fino feita a partir da praia e na recolha da amêijoia, mas isto é principalmente para subsistência e tem um retorno muito baixo. Por último, o comércio informal de pequena escala é também fortemente dominado por homens, particularmente jovens. Nos mercados públicos os homens parecem vender de tudo (comida, peixe, lenha, vestuário, artefactos, pequenas mercadorias, etc.), sendo as ‘bolinhas’ (pequenos ‘bolos redondos’ ou pãezinhos) a única coisa aparentemente reservada para as mulheres. Como mostra a citação abaixo, há poucas dúvidas de que este forte enviesamento em favor dos homens nas actividades económicas tem uma importante base cultural/religiosa, mas veremos também que algumas mulheres se encontram em processo de rotura com isto, principalmente porque a pobreza força os seus maridos e a elas próprias a infringirem as regras culturais.

“Há por aqui muitos homens que ficam embaraçados se as pessoas vêem que as suas mulheres e filhas têm de trabalhar” (Residente Masculino, Mossuril).

<sup>8</sup> Isto nem sempre foi assim: no fim da era colonial o distrito tinha 105 lojas, das quais todas, com excepção de cerca de 10, estão actualmente inoperativas (MAE 2005).

<sup>9</sup> Uma fonte adicional (e ligeiramente surrealista) de emprego e rendimento no Mossuril fortemente Muçulmano é a fábrica de licor “Belmoz”, estabelecida e gerida por um casal Europeu e que emprega cerca de 20 homens e mulheres.

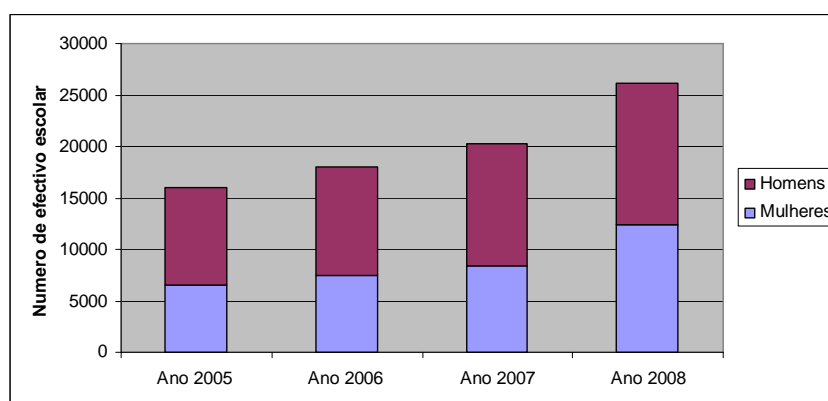
<sup>10</sup> Como muitos imperativos culturais, eles têm a sua lógica: de acordo com o extensionista acima mencionado, a pesca foi sempre uma ocupação perigosa e os agregados familiares não podiam arriscar-se a perder a mãe dos filhos da família.

Parece haver esforços limitados por parte da Administração Distrital e de outras instituições públicas no sentido de realçar o papel das mulheres na vida económica. A ferramenta mais importante para esse fim é o sistema dos ‘Sete Milhões de Meticais’ (RdM 2005; ver também MPD 2009), através do qual as pessoas dos distritos podem solicitar financiamento público para projectos que aumentem o emprego e o rendimento. O processo da solicitação passa por um processo consultivo a três níveis (i.e. os chamados Conselhos Consultivos), mas a decisão final é tomada pelo Governo Distrital e sua equipa técnica. Arrancando com 150 projectos atribuídos em 2006, em Mossuril, o número de projectos aumentou para 296 com um valor total de 8,4 milhões de Meticais em 2008 (GDM 2008). 82% dos projectos eram formalmente chefiados por homens e 18% por mulheres. Não há nos documentos de política relevantes disposições para o favorecimento das mulheres nas alocações deste importante programa (RdM 2005).

A instituição que mais reivindica o empoderamento económico das mulheres, em Mossuril, é a OMM, actualmente com uma líder dinâmica e activa. Contudo, com a forte filiação da OMM no partido Frelimo numa área predominantemente da Renamo, e os limitados fundos alocados pela organização mãe, as suas opções para iniciativas importantes estão restringidas. Há também algumas ONGs activas no distrito, incluindo a CARE (abastecimento de água rural), ADRA (distribuição de sementes) e a MSF-Bélgica (saúde), bem como diversas organizações locais. Como veremos, as suas actividades estão principalmente relacionadas com o canto e dança e outras expressões culturais – que tendem a cimentar, mais do que a mudar, as relações de género (ver abaixo).

Na educação, o Distrito de Mossuril apresenta uma das mais baixas taxas de alfabetização de adultos e de frequência escolar do país. Números de 2005 mostram que 88% da população era analfabeta, e que apenas 20% tinham frequentado a escola. A taxa de analfabetismo para as mulheres era de 95,3%, contra 80,1% para os homens (MAE 2005). Dito isto, parece ter havido nos últimos anos um esforço muito concertado do Governo Provincial e da Direcção Distrital de Educação para melhorar o nível de educação no distrito. Como se vê na Figura 2, o número de matrículas mostra um acentuado aumento no período 2005-2008, tanto para rapazes como para raparigas. De acordo com o Director Distrital, as duas iniciativas mais importantes foram a reabilitação física das infra-estruturas escolares e um grande número de reuniões com a comunidade argumentando sobre a importância de enviar as crianças – incluindo as raparigas – à escola.

**Figura 2:** Matrícula na Escola Primária de Rapazes e Raparigas, 2005-2008



Fonte: Direcção Distrital de Educação de Mossuril.

Igualmente importante é o estabelecimento da Escola Secundária de Mossuril, que foi inaugurada em 2007 e leva os estudantes até à 11ª classe (a partir de 2010 a escola secundária leccionará a escolaridade completa). Embora tendo ainda um número limitado de estudantes, e muitos vindos de outros distritos, a escola abriu oportunidades às famílias de Mossuril que não estavam em posição de enviar as suas crianças para um internato. 40% dos estudantes são raparigas. De acordo com o Director da Escola, em exercício, as raparigas tendem a ter uma formação académica um pouco mais fraca do que os rapazes, mas “compensam isso trabalhando mais arduamente [do que os rapazes]”. Três raparigas estudantes entrevistadas para este estudo enfatizaram quão importante foi o apoio dos seus pais, e todas têm a ambição de obter emprego formal e de se mudarem para Nampula ou Maputo “já que aqui não há oportunidades de emprego”.

Apesar destes desenvolvimentos positivos, o Director Distrital de Educação diz que ainda há uma grande quantidade de obstáculos e relutância entre os pais para mandarem os seus filhos para a escola. Parte do problema tem a ver com a percepção de que a educação, em particular para as raparigas, é uma perda de tempo e de recursos, dado que o seu objectivo principal deve ser casar e ter filhos. As raparigas da escola secundária exprimiram sem rodeios que a sua educação seria interrompida se os seus pais identificassem um bom marido para elas. Algumas enfatizaram também a falta de oportunidades de emprego em Mossuril, e que isso é melhor para as raparigas aprenderem a trabalhar ‘devidamente’ (implicando geralmente trabalho doméstico e agricultura) quanto mais cedo melhor. Nestas comunidades fortemente Muçulmanas, além do mais, muitos pais preferem mandar os seus filhos para uma das muitas escolas Muçulmanas (*madrassas*).<sup>11</sup> Estas dão formação religiosa e instilam nos estudantes a posição do Islão sobre homens e mulheres (ver Capítulo 3), mas algumas delas ensinam também alfabetização básica e outras disciplinas da escola pública.

Na saúde, os números de 2005 mostram que há uma unidade sanitária (centro ou posto de saúde) para cada 19.000 habitantes, uma cama hospitalar para cada 2.400 habitantes, e um trabalhador profissional da saúde para cada 5.400 habitantes. As doenças registadas com mais frequência são a malária, diarreia, pneumonia, broncopneumonia, DTS e HIV-SIDA (com uma taxa estimada de 8%) (MAE 2005). O Director da principal unidade sanitária (o *Centro de Saúde do Tipo I* na Vila) disse-nos que a cobertura é insuficiente, e que é difícil recrutar (e manter) trabalhadores da saúde qualificados num distrito como Mossuril. Há também sérios problemas com o transporte, dado que as pessoas vivem espalhadas por todo o distrito e muitas comunidades ao longo da costa ficam efectivamente isoladas em alturas de cheias e ciclones (o último grande ciclone aconteceu em 2008, com o ‘Jokwe’). Na sua opinião, os médicos tradicionais (curandeiros) não são particularmente comuns no distrito, mas muitos ainda adiam a ida aos centros de saúde, muitas vezes porque as mulheres não obtêm a necessária autorização do seu marido para assim procederem.

Em resumo, Mossuril é um distrito ‘tradicional’ com influência considerável da cultura Macua e do Islão. É também um distrito pobre, com opções limitadas de emprego e rendimento para além da agricultura, pescas e comércio informal de pequena escala. Mossuril tem tido tradicionalmente uma alta taxa de analfabetismo e fracos níveis de saúde, mas na educação há iniciativas importantes em curso. Embora a administração do distrito conheça o discurso político sobre igualdade de género e empoderamento das mulheres, não há esforços públicos concertados no que diz respeito às desigualdades de género.

O enfoque das nossas discussões de grupo focal com homens e mulheres, em Mossuril, revelou um amplo acordo quanto aos principais desafios para este Distrito, embora com os homens a dar realce

---

<sup>11</sup> As pessoas pagam uma pequena propina para mandarem os seus filhos para estas escolas, mas a sua fonte principal de financiamento vem das Mesquitas e de indivíduos fora do distrito.

a problemas relacionados com emprego e rendimento e as mulheres mais interessadas no bem estar das suas famílias e crianças (Tabela 7).

**Tabela 7. Percepção dos Principais Problemas em Mossuril**

<b>Grupo Focal Masculino</b>	<b>Grupo Focal Feminino</b>
Há muito sofrimento	Há fome
Não há emprego para os locais	Não há emprego
As pessoas roubam casas / machambas	As crianças parecem velhas [devido à pobreza]
Os salários são demasiado baixos	As crianças não vão à escola
Não há acesso ao crédito	Muita gente está doente
Não há lojas	Não há respeito entre as pessoas

## 2.5 Cidade de Nampula

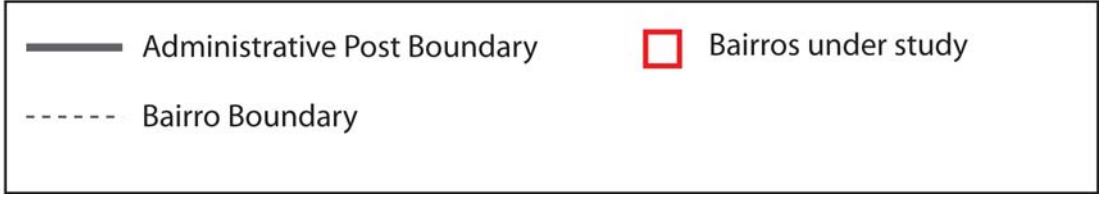
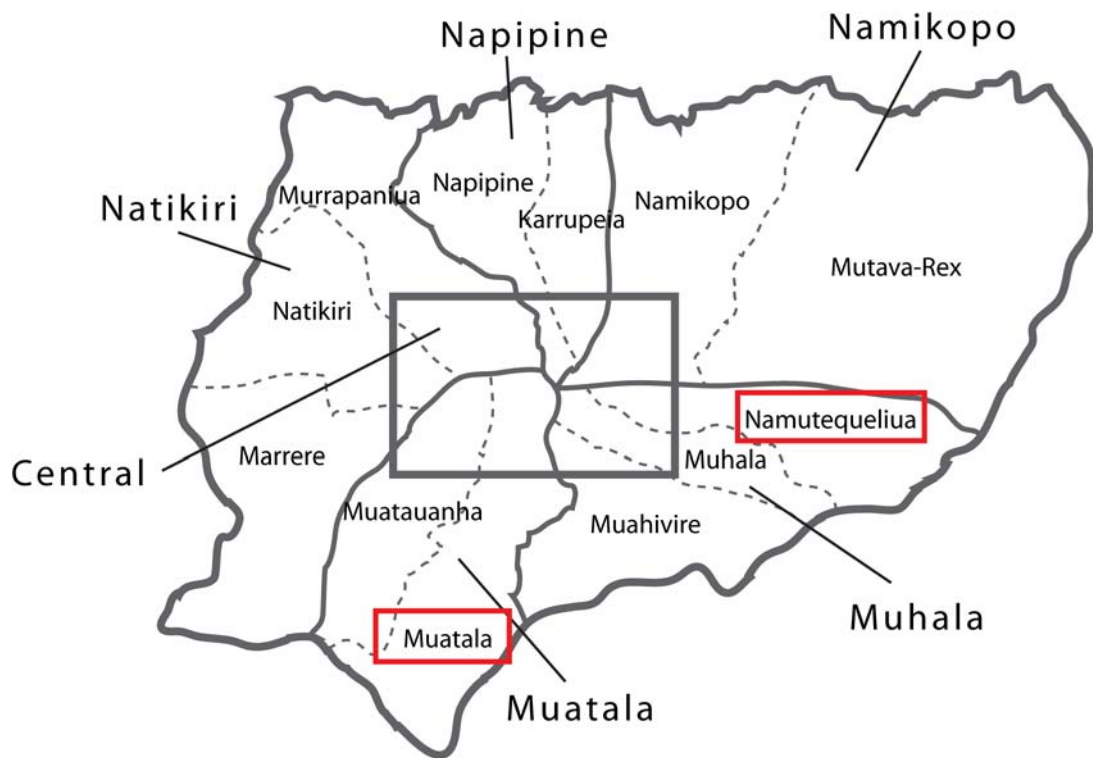
A cidade de Nampula é a terceira maior cidade de Moçambique (mais pequena do que Maputo e Matola mas maior do que a Beira) (INE 2009). A cidade traça a sua história desde a primeira chegada dos Portugueses em 1896; o estabelecimento de um campo militar em terreno de propriedade do *Régulo Uampula* (Nampula) em 1907; e da chegada da linha de caminho de ferro desde a costa até ao local em 1930, que levou ao estabelecimento de uma Vila e, a partir de 1956, da cidade de Nampula. A população da cidade de Nampula aumentou mais rapidamente do que qualquer outra cidade em Moçambique, de 146.000 em 1980, para 303.000 em 1997 e 478.000 em 2007. A proporção de mulheres aumentou consideravelmente e actualmente situa-se em aproximadamente 49% (Araújo 2005; INE 2009, Banco Mundial 2009).

Como todas as cidades Moçambicanas, Nampula está organizada num centro citadino comercial ‘formal’; velhas áreas residenciais ‘Portuguesas’ adjacentes e rodeada por grandes e povoados informais em expansão – embora os limites entre eles se tenham tornado cada vez mais indistintos já que as pessoas se estabeleceram espontaneamente por toda a cidade. As instituições do Estado, da Província e do Município estão localizadas no centro da cidade. Nampula ostenta diversos bancos, armazéns, lojas, vendedores de automóveis, hotéis, restaurantes e outras empresas formais, a maioria das quais parece ser ainda propriedade de Indianos. Mas a parte dominante da vida económica verifica-se nos grandes e movimentados mercados ao ar livre (incluindo o mercado de “grossista” Naresta, o mercado de alimentos Matadoure e o mercado de artigos Cavalaria), nas esquinas das ruas e nos ambulantes. Todavia, também neste caso as fronteiras entre a economia formal e informal são difíceis de estabelecer com precisão (ver o Mapa 3).<sup>12</sup>

<sup>12</sup>As fofocas de rua e discussões com informadores chave, como revendedores e motoristas de táxi, indicam que os “Nigerianos” (nome colectivo usado frequentemente para os homens jovens da África Ocidental) são crescentemente importantes nesta economia ‘de revenda’ que liga a economia formal e informal.



### NAMPULA CITY



À primeira vista, o espaço público na cidade de Nampula parece ser dominado por homens numa muito maior proporção do que é o caso em cidades do centro e sul de Moçambique (Paulo et al. 2007, Banco Mundial 2009). Há mulheres empregadas nos organismos públicos como o Município, onde 25% dos empregados são mulheres, mas nos principais mercados ao ar livre acima mencionados os homens parecem vender não apenas produtos fabricados (móveis, panelas e frigideiras, fogões, carvão, etc.) e produtos importados (utensílios de plástico, cigarros, pilhas, CDs, etc.) como em outras cidades Moçambicanas, mas também alimentos frescos (grão, vegetais, nozes, peixe, etc.) e alimentos processados incluindo carne grelhada, vegetais cozinhados e peixe. Nos maiores mercados, os únicos itens consistentemente vendidos por mulheres são produtos de pão, como as *bolinhas* e doces caseiros, muitas vezes feitos de coco e amendoim. As mulheres parecem também ter menor presença como compradoras do que os homens, o que provavelmente reflecte o facto de que é usual em Nampula os empregados domésticos serem homens e, conseqüentemente, fazerem as compras para os seus patrões.

Contudo, o cenário torna-se mais variado quando nos movemos à volta da cidade. No centro da cidade (vulgarmente chamada cidade de cimento), a mudança é mais aparente nas cenas caóticas à volta da estação de caminho de ferro e da terminal de autocarros, onde mulheres e homens lutam para venderem o mesmo tipo de produtos às pessoas em viagem e onde as divisões de género sócio-culturais são mais difíceis de aplicar. Além disso, quando nos movemos dentro dos bairros individuais e nas suas ruas estreitas, as divisões de género nas actividades económicas parecem ainda mais permeáveis ou difíceis de detectar. Em Namutequeliua, por exemplo, encontramos mulheres dirigindo lojas de carpintaria e vendendo praticamente todo o tipo de produtos, desde artigos importados a frutas e vegetais – bem como homens cozinhando e vendendo *bolinhas*.

Argumentaremos, também no caso de Nampula, que cenas públicas como estas revelam bastante acerca das relações de género, às quais voltaremos abaixo mais detalhadamente. Embora as relações ‘públicas’ entre homens e mulheres sejam ainda fortemente dominadas pelos homens, há processos de mudança aos níveis com mais base na comunidade e privados como um resultado combinado da crescente incapacidade dos homens em manterem a base económica da sua chefia do agregado familiar, com o desemprego por um lado e, por outro lado, o novo espaço criado para as mulheres no ambiente urbano.

“No nosso bairro são as mulheres que trabalham. Os homens só esperam por trabalho que sabem que não virá” (Residente Feminina, Namutequeliua).

A Cidade de Nampula é actualmente governada pela Frelimo (com 70% dos votos nas últimas eleições municipais), e tem a estrutura política e administrativa municipal comum em Moçambique (Banco Mundial 2009): uma Assembleia Municipal (44 homens e 19 mulheres); um Presidente do Município (um homem); e nove conselheiros – ou vereadores (dos quais 3 são mulheres) chefiando vários pelouros sectoriais. A cidade está administrativamente dividida em 6 Postos Administrativos Municipais e 18 bairros, com cada bairro dividido em quarteirões (Tabela 8).

Os homens dominam as pastas em todos estes níveis, mas menos à medida que descemos na estrutura: em Namutequeliua, por exemplo, 4 dos 10 chefes de quarteirão (os chefes de quarteirão são designados pela população) são mulheres. A instituição pública que trabalha mais activamente para aumentar o empoderamento da mulher na Cidade é o Departamento da Mulher dentro da

Direcção Provincial da Mulher e Acção Social. O Município não tem uma Unidade de Género específica, não tem uma política de género expressa e não parece estar particularmente interessado na questão.

**Tabela 8. População e Divisões Administrativas**

Posto Admin.	Homens	Mulheres	Bairros
Central	9.433	8.170	Central *
Muatala	55.164	53.841	Muatala, Mutauhanha
Muhala	77.056	75.823	Muhala, Namutequeliua, Muahivire
Namicopo	30.768	29.937	Namicopo, Mutava-Rex
Napipine	44.094	42.207	Napipine, Carrupeia
Natikiri	26.634	25.644	Natikire, Marrupaniua, Marrere

Fonte: INE 2009. \* Bairros: Bombeiros; 25 de Setembro; 1º de Maio; Limoeiros; Liberdade; Militar.

Há pouca informação disponível sobre a situação financeira e económica da cidade de Nampula.<sup>13</sup> Embora em processo de se tornar a “capital financeira do norte”, com o recente estabelecimento de alguns bancos reflectindo a posição central da cidade no comércio internacional e regional (Banco Mundial 2009), o acesso ao emprego formal é muito limitado fora das poucas empresas privadas (que muitas vezes precisam de subornos ou contactos) e instituições públicas que procuram qualificações que a maioria dos habitantes dos bairros não possuem. Ainda de acordo com o Banco Mundial (2009), a taxa de emprego formal é de 38% – com a maioria dependendo da economia informal ou ‘agricultura urbana’ desenvolvida nos arredores da cidade.

Os bairros transmitem geralmente uma impressão bastante ‘caótica’, em resultado de um longo período de construção desregulada e de sérios problemas com a erosão. Talvez que o aspecto de vida nos bairros de Nampula que mais chama a atenção seja a multidão e o constante movimento de pessoas. As habitações estão localizadas muito perto umas das outras, tornando muitas vezes o ‘espaço privado’ mais ‘público’ do que ‘privado’. Cada quarteirão tem um intrincado sistema de lugares de reunião social (bares, clubes, jardins infantis, associações, etc.) e diversos estabelecimentos comerciais que vendem a maioria senão a totalidade dos produtos que uma família necessitará durante uma semana.<sup>14</sup> Os bairros na parte central da cidade consistem em edifícios altos e casas privadas formais, mas também estes tendem a ser superpovoados, em mau estado de manutenção e com infra-estrutura física inadequada em termos de água, electricidade, estradas e gestão do lixo.<sup>15</sup> Os dois bairros mais populosos são Namutequeliua e Muahivire, localizados dentro dos limites do Posto Administrativo de Muhala.

Em termos de educação e saúde, Nampula tem três universidades, 14 escolas secundárias e 70 escolas primárias (EP1 e EP2) (Banco Mundial 2009). Deste modo, a cidade está bem dotada de instalações escolares, mas com o grande afluxo de população ainda existe pressão, particularmente no que respeita a instalações de instrução primária. Como veremos, além disso muitos pais não mandam as suas crianças à escola num novo ambiente urbano que eles sentem ser basicamente inseguro. Os dados sobre alfabetização e frequência escolar são relativamente favoráveis em

<sup>13</sup> Ao contrário do Distrito de Mossuril, onde fizemos entrevistas e recebemos toda a informação que solicitámos, em Nampula a situação foi muito mais problemática. Os esforços concertados para melhorar a competência e capacidade dos distritos através da Lei do Governo Local (RdM 2005) não parecem ter sido combinados com iguais esforços ao nível municipal.

<sup>14</sup> Os comerciantes do bairro tanto compram directamente nos grandes mercados grossistas como aos intermediários que transportam os produtos para os bairros

<sup>15</sup> Há, evidentemente, excepções a este cenário geral. A mais notória é o novo Hotel Milénio, construído em cimento e vidro.

Nampula quando comparados com Mossuril e mostram uma presença mais igualitária de rapazes e raparigas (Tabela 9). Contudo, há variações consideráveis dentro da cidade – com uma taxa de alfabetização feminina variando entre 43% no Distrito Urbano Central e 32% em Natikire e uma taxa de frequência escolar feminina variando entre 44% no Distrito Urbano Central e 16% em Namikopo (Banco Mundial 2009).

**Tabela 9.** Taxa de Alfabetização e Frequência Escolar, Cidade de Nampula (em percentagem)

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Taxa de alfabetização	64	36
Frequência escolar	26	23
Frequentou a escola	48	32
Nunca frequentou a escola	27	45

Fonte: Banco Mundial (2009).

Nampula tem três Hospitais Provinciais, três Centros de Saúde e alguns Postos de Saúde localizados nos diferentes bairros. Mais uma vez, o acesso às unidades sanitárias é relativamente bom, mas dificultado pelo acesso inadequado a pessoal qualificado e pelos custos das consultas que inibem muitas pessoas de se dirigirem às referidas unidades. Há uma unidade sanitária por cada 33.200 habitantes; uma cama de unidade sanitária por cada 699 habitantes; e um trabalhador da saúde por cada 772 residentes na cidade (Banco Mundial 2009). As autoridades de saúde registaram também 75 parteiras tradicionais, mas não curandeiros – o que, como veremos, não reflecte a realidade nos bairros, onde os curandeiros são usados particularmente em situações mais espirituais/psicológicas.

Em resumo, Nampula tem atraído um grande número de pessoas à procura de emprego e de uma vida melhor do que aquela que têm nas áreas rurais. Todavia, a grande maioria desses migrantes acaba em bairros de lata com os seus próprios problemas – primeiro e antes de tudo, relacionados com o emprego e rendimento, num contexto onde o dinheiro é necessário para sobreviver e uma parte complicada da maior parte das relações sociais. As nossas discussões em grupos focais com homens e mulheres em Nampula revelaram um amplo consenso sobre os principais desafios na cidade. Muitos destes têm a sua base no desemprego urbano, pobreza e o modo de vida urbano apinhado de gente. Também neste caso, porém, o grupo focal masculino centrou-se principalmente em questões relacionadas com a comunidade em geral, com o grupo focal feminino focando principalmente o agregado familiar e as questões familiares (Tabela 10).

**Tabela 10.** Percepção dos Principais Problemas na Cidade de Nampula

<b>Grupo Focal Masculino</b>	<b>Grupo Focal Feminino</b>
Desemprego [para os que não podem pagar]*	Fome
Falta de apoio aos mais velhos	Falta de trabalho
Crime	Falta de apoio do governo
Feitiçaria	Falta de dinheiro para pôr as crianças na escola
Vizinhos desconhecidos	Falta de machamba [para os que não têm dinheiro]
Falta de apoio aos que não têm família	O negócio não rende dinheiro
Divórcios [devido ao desemprego]	Os ladrões roubam as nossas casas
Pessoas que falam demais sobre as outras	Há muitos órfãos

\* Isto refere-se à prática espalhada em Moçambique (ver e.g. Tvedten et al. 2007; Rosário et al. 2008) de as pessoas terem de pagar a intermediários para obterem trabalho.

O distrito rural de Mossuril e a cidade de Nampula situam-se, deste modo, em contextos históricos e contemporâneos muito diferentes no que respeita às relações sociais de pobreza e género. No Capítulo 3 olharemos mais de perto estas relações.

### 3. Género e Pobreza

Embora o contexto histórico, político e económico tratado no capítulo anterior defina um conjunto de constrangimentos estruturais para as pessoas em Mossuril e na cidade de Nampula, elas estão também envolvidas em relações sociais ao nível mais imediato dos agregados familiares, famílias alargadas e comunidades locais. Como postulado no princípio deste estudo (Capítulo 1), o espaço de manobra das pessoas ou as suas estratégias alternativas de sobrevivência, dentro da ordem estrutural existente variarão de acordo com os níveis de pobreza material bem como com as percepções sócio-culturais hegemónicas de masculinidade e feminilidade. Neste capítulo, olharemos mais de perto as percepções culturais e relações sociais de género em Mossuril e na cidade de Nampula, e como a estrutura e a agência interagem e influenciam os processos chave de pobreza e género no capítulo de conclusão.

#### 3.1 Práticas Culturais

A construção cultural de homens e mulheres em Nampula é inicialmente inserida nas pessoas através das práticas culturais Macuas (como ritos de iniciação e cultos ancestrais) e da religião (as leis da *sharia* no caso dos Muçulmanos e a Bíblia e suas interpretações no caso do Cristianismo).<sup>16</sup> As pessoas em Nampula são fundamentalmente religiosas, no sentido de que dificilmente alguém questiona os dogmas básicos da sua religião, e uma grande proporção da população pratica a sua fé indo regularmente às mesquitas ou igrejas.<sup>17</sup> De facto, foram muitas vezes feitas referências à religião quando da discussão de questões de relações de género com pessoas em Mossuril e na cidade de Nampula.

Em Mossuril, todos os agregados familiares entrevistados no nosso estudo eram Muçulmanos (Tabela 11). Embora os *shaykhs* e professores religiosos (*mwalimo*) enfatizassem a superioridade dos homens no tecido social da sociedade e dos agregados familiares, sublinharam também as responsabilidades dos homens sujeitos às leis da *sharia* de apoiar as suas mulheres e filhos e de os tratar com respeito. O conhecimento da fé é instilado nas crianças desde tenra idade através de leituras do Corão (ou *Kitabu* em Macua), com a maioria frequentando uma das muitas escolas Muçulmanas (*madrassas*) nas comunidades. Os ritos de iniciação Muçulmanos para as raparigas, ao atingirem a puberdade, transmitem-lhes papéis e noções de sexualidade ligados ao género – realçando as suas obrigações para com os homens. No que respeita aos adultos, praticamente toda a gente<sup>18</sup> segue as prescrições contidas na *sharia* de orar regularmente; tomar parte nas festividades Muçulmanas relacionadas com o nascimento, casamento e morte; e (no caso dos homens) frequentar a Mesquita às Sextas-feiras. Apenas as mulheres mais velhas usam consistentemente véus (*hijab*) como prescrito na *sharia*. O número limitado de mulheres mais jovens e raparigas que se cobrem é uma indicação da fé menos dogmática na tradição Sufi, na costa, discutida no Capítulo 2.

<sup>16</sup> O Corão é interpretado através de várias tradições do profeta (como *shia* e *sunni*), que são novamente expressas em diversos cenários legais da *sharia* para guiar as vidas dos bons Muçulmanos.

<sup>17</sup> Os dados preliminares do Censo de 2007 mostram que 39% da população em Nampula é Católica, 38% é Muçulmana e 8% Evangelista.

<sup>18</sup> Sobre alguns tópicos neste estudo, foram postas questões nos grupos focais como "em dez, quantas pessoas/agregados familiares vão regularmente à mesquita/igreja", etc. – usando os dedos ou desenhando na areia para visualizar a distribuição. Os grupos tendiam a gastar muito tempo até chegarem a uma conclusão comum. Neste caso, os grupos insistiam que 'dez em dez' vão à Mesquita. Embora não 'científico' em sentido estreito, o exercício produziu alguns resultados interessantes que indicam tendências e contrastes.

Na cidade de Nampula, as referências à religião eram menos frequentes nas discussões sobre género e as relações entre homens e mulheres.<sup>19</sup> Mais de 70% dos agregados familiares no nosso estudo eram Muçulmanos e os restantes consideravam-se Católicos. Na discussão com grupos focais, as pessoas concordavam que “oito em dez” agregados familiares Muçulmanos (i.e. os seus homens) vão regularmente à Mesquita, enquanto apenas “três em dez” agregados familiares Católicos (i.e. homens e mulheres) vão regularmente à igreja. Como argumentado, as missões Católicas trouxeram consigo uma combinação da sua fé religiosa e uma cultura Latina fortemente patriarcal, que geralmente parece ter conduzido a um enviesamento em favor dos homens nos seus discursos e práticas religiosas (Sheldon 2002). As novas igrejas evangélicas e carismáticas que se estão a tornar cada vez mais comuns em outras cidades maiores em Moçambique, e frequentadas principalmente por mulheres, mal foram representadas na nossa amostra. A igreja Zione/Sião, por exemplo, representa apenas 1,5% da população de Nampula mas 15,5% ao nível nacional, de acordo com os dados preliminares do Censo de 2007.

**Tabela 11. Religião mais Comum Praticada pelos Agregados Familiares (em percentagem)**

Religião	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Católica	0	0	49	44	28
Muçulmana	100	100	49	52	71
Outra	0	0	2	4	1
Total	100	100	100	100	100

A importância da religião nas comunidades que estudámos não significa que as práticas espirituais tradicionais se tenham tornado menos importantes. Nesta linha, 86% dos agregados familiares do nosso estudo praticam regularmente cultos ancestrais ('Epapa', 'Mukutho', 'Swadaka' e 'Kupatha') (Tabela 12). A proporção de agregados familiares que praticam cultos ancestrais é mais elevada no Mossuril rural, mas a grande maioria das pessoas que se mudaram para a cidade, e nela se fixaram, também continuaram a praticá-los. Em Nampula, a proporção é mais alta nos agregados familiares chefiados por mulheres do que nos chefiados por homens. A sua essência é relacionar-se com os ancestrais e os seus espíritos para assegurar uma vida boa e resolver os problemas familiares e comunitários, com base numa percepção de interligações estreitas entre o passado e o presente. A complexidade das relações homem-mulher é bem exemplificada pela contínua importância das mulheres (*apyamwene n'loko / apyamwne nihimo*) nestes cultos.

**Tabela 12. Práticas de Cultos Ancestrais (em percentagem)**

Prática o culto	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	93	87	80	84	86
Não	7	13	20	16	14
Total	100	100	100	100	100

Tradicionalmente o tipo de prática cultural mais directamente relacionado com o género e a percepção cultural de homens e mulheres era os ritos de iniciação. Na tradição histórica Macua, as mulheres eram ensinadas a ter um comportamento de esposa, como parte das suas cerimónias de iniciação. Estas cerimónias tinham lugar quando as raparigas tinham à volta de dez anos, sob a

<sup>19</sup> Ao mesmo tempo, a tradição Islâmica mais recente e dogmática (*whahabi*), advogando uma maior purificação do Islão local (Bonate n.d.), tem uma posição mais forte na cidade de Nampula, particularmente entre a população Indiana.

tutela de mulheres mais velhas que as ensinavam sobre higiene, comportamento sexual (incluindo uma cerimónia em que as raparigas dilatavam as suas vaginas), e quais deviam ser os seus deveres para com os seus futuros maridos. Para os rapazes, os ritos de iniciação eram orientados para lhes ensinar bravura e responsabilidade (Sheldon 2002).

Os ritos de iniciação ainda são praticados mas, como se vê na Tabela 13, tornaram-se menos comuns entre as pessoas na Nampula urbana e particularmente entre os agregados familiares chefiados por mulheres. Isto é em parte o resultado de essas práticas serem desencorajadas pelos líderes religiosos (ver acima) mas *pode* também ser interpretado como um crescente cepticismo entre os agregados familiares chefiados por mulheres no que respeita às implicações de tais ritos<sup>20</sup>. O seu aspecto talvez mais importante é a ligação à sexualidade e ao casamento: ter passado pelos rituais de iniciação implica que os rapazes e raparigas são considerados aptos para se envolverem em relações sexuais, e é realçada a obrigação de as raparigas não recusarem sexo. Isto explica parcialmente a média de idade bastante baixa no casamento em Nampula, 16 anos, e a muito alta proporção de meninas abaixo dos 15 anos (37%) que se envolveram em relações sexuais, na província (MISAU 2005; INE 2009).<sup>21</sup> Ao mesmo tempo, porém, a importância dada à fertilidade e à capacidade de ter filhos está ainda profundamente enraizada na cultura Macua, e a baixa idade da relação sexual está também parcialmente ligada com a importância que tem para as mulheres provar a sua fertilidade.

**Tabela 13.** Ritos de Iniciação Tradicionais entre os Membros de Agregados Familiares com Menos de 12 Anos (em percentagem)

Praticam ritos de iniciação	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	40	18	33	9	23
Não	60	82	67	91	77
Total	100	100	100	100	100

Uma outra prática cultural com implicações de género muito específicas é a feitiçaria e bruxaria – sendo também praticada numa combinação aparentemente não problemática com a religião. Estudantes argumentaram que a feitiçaria e bruxaria têm principalmente uma função social, no sentido de que envolve geralmente pessoas que, de uma forma ou de outra, não cumprem as regras sócio-culturais nas comunidades locais (Moore e Sanders 2001). Em Mossuril e Nampula os grupos focais concordaram amplamente que as mulheres, ao contrário dos homens, estão mais frequentemente envolvidas nesses casos. Particularmente as viúvas mais velhas, que insistem nos seus direitos dentro das famílias, são muitas vezes acusadas de feitiçaria, sofrendo um estigma social. A prática continuada de feitiçaria e bruxaria que afecta as mulheres *pode* ser vista como uma forma de contrariar os sinais de crescente empoderamento das mulheres por parte dos homens.

A língua, como prática cultural, é importante não apenas para ser capaz de comunicar e ter acesso à informação, mas também para entendimento mais profundo do mundo em mudança onde as pessoas vivem. A língua comum fortalece também a coesão social de um grupo populacional e funciona como um veículo importante de valores e normas culturais. Como se vê na Tabela 14, a língua Macua, ou outra língua local, é a língua de comunicação mais comum de todos os agregados

<sup>20</sup> Como as pessoas que executam ritos deste tipo cobram cada vez mais dinheiro para os realizar, isso pode também reflectir parcialmente o facto de os agregados familiares chefiados por mulheres serem mais pobres do que os chefiados por homens (ver abaixo).

<sup>21</sup> Os estudos mostram que os casamentos infantis (e a conseqüente ‘perda’ de adolescência das raparigas) têm implicações negativas psicológicas e práticas (Otoo-Oyortey e Pobi 2003).

familiares em Mossuril. Todavia, enquanto 60% dos chefes masculinos de agregados familiares em Mossuril falam Português, nenhuma chefe fala esta língua (Tabela 15). Isto claramente coloca as mulheres fora da maior parte da cultura ‘oficial’ e da informação social importante. Na Nampula urbana, 66% dos agregados familiares chefiados por homens e 52% dos chefiados por mulheres usam o Português como o seu principal meio de comunicação. Além disso, praticamente todos os chefes de agregados familiares sabem Português como primeira ou segunda língua – o que, como veremos, é importante para o acesso ao emprego e ao rendimento nesse contexto.

**Tabela 14.** *Língua de Comunicação mais Comum usada no Agregado Familiar (em percentagem)*

Língua principal	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Português	0	0	66	52	30
Macua	100	97	34	48	69
Xangana	0	3	0	0	1
Total	100	100	100	100	100

**Tabela 15.** *Conhecimento de outra Língua para além da Principal, pelo AF (em percentagem)*

Segunda língua	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	60	0	100	96	64
Não	40	100	0	4	36
Total	100	100	100	100	100

O acesso desigual à “cultura”, no sentido mais amplo de informação e conhecimento sobre a sociedade contemporânea em geral é, finalmente, indicado pelos canais de acesso à informação das pessoas. Como se vê na Tabela 16, as fontes de informação são menos variadas no Mossuril rural do que na Nampula urbana. A diferença é particularmente notável no caso dos agregados familiares chefiados por mulheres: em Mossuril, 77% dos agregados familiares chefiados por mulheres têm a família e os amigos como as suas fontes de informação mais importantes, com o enfoque ‘local’ que isto implica, e apenas 10% têm acesso aos órgãos nacionais de comunicação social como a rádio, jornais e TV. Em Nampula, os números equivalentes são 24% e 76%. O impacto limitado da rádio entre as mulheres, tratando-se do órgão de comunicação social mais acessível num contexto de altas taxas de analfabetismo, é particularmente notável.

**Tabela 16.** *Fonte de Informação mais Importante para os Agregados Familiares (em percentagem)*

Fonte principal	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Rádio	77	7	60	28	28
TV	0	0	26	48	48
Jornais	0	3	6	0	0
Família/amigos	20	77	8	24	24
Outra	3	13	0	0	0
Total	100	100	100	100	100

Em resumo, as expressões culturais de ‘género’ discutidas acima parecem construir-se de acordo com a posição reprimida das mulheres, em particular em Mossuril – mas também na cidade de



Nampula. O sistema matrilinear Macua tradicional de parentesco e descendência, onde as mulheres têm uma posição relativamente forte e independente, está a mudar. A religião, e particularmente o Islão, pregam um sistema de valores em que os homens são superiores em praticamente todas as áreas da vida – embora ainda com a obrigação de cuidar da sua família. As práticas culturais como a feitiçaria e bruxaria parecem ter o efeito de excluir as mulheres que se comportam fora das normas sócio-culturais aceites. E os agregados familiares chefiados por mulheres parecem estar sistematicamente em desvantagem no que respeita ao seu acesso a informação relevante.

Encerramos este capítulo com a apresentação de uma expressão cultural que mudou ao longo do tempo, reflectindo a posição de mudança das mulheres e que é bastante popular em Nampula: a Dança Tufo. A Tufo costumava ser uma dança religiosa com grupos de dança de homens e mulheres (embora sempre separados), louvando o profeta Maomé através do canto e dança (Arnfred 2004). O ritmo monótono dos quatro tambores e tamborins era lento, e as pessoas dançavam sentadas sobre os seus joelhos. Actualmente, os homens raramente dançam, e principalmente em celebrações religiosas. Para as mulheres dos muitos grupos de dança, na costa e cada vez mais também na cidade de Nampula, a dança parece ter adquirido diferentes conotações. O ritmo é mais rápido, elas tendem a estar de pé e os versos variam desde textos religiosos ou culturais louvando a tradição a temas de política contemporânea – embora as mulheres de ambos os tipos de grupos realcem também a sua importância social para elas, enquanto mulheres (Ibid). De acordo com os nossos informadores, o primeiro tipo é ainda muito comum na costa (incluindo Mossuril) e o último nas áreas urbanas (incluindo Nampula). Desta forma, a dança Tufo deve ser vista como sublinhando a posição sócio-cultural das mulheres na Nampula rural e a posição em evolução das mulheres na Nampula urbana – que são tópicos aos quais voltaremos nas páginas seguintes.

### 3.2 Organização dos Agregados Familiares

As percepções culturais de ‘masculinidade’ e ‘feminilidade’ perdem imediatamente a eficácia dentro da instituição do casamento e da organização dos agregados familiares. Na Nampula matrilinear vimos como o casamento era tradicionalmente um meio de garantir alianças entre clans e famílias alargadas, com a matrilinearidade a manter o controlo sobre a mulher e os seus filhos. O padrão de residência *uxorilocal*, em que o marido se fixava na terra da família da sua mulher, significava que a matrilinearidade continuava a estar presente na vida das mulheres depois do casamento. O fraco controlo dos homens sobre a sua mulher, ou mulheres, e filhos era sublinhado pela ausência de lobolo. Embora não dando poder às mulheres como tal, o sistema implicava que as mulheres estavam em posição de se relacionarem com diferentes grupos sociais, o que lhes dava um sentimento acrescido de segurança social e económica.

O sistema tradicional de parentesco e casamento, em Nampula, tem estado sob pressão do Islão patriarcal, particularmente na costa, e das forças de ‘modernidade’ e urbanização onde a família alargada e a posse de terra se tornaram menos importantes e onde se desenvolveram novas formas de posse de bens e de acumulação de capital. O Corão e as leis da *sharia* enfatizam a relação entre um homem e os seus filhos biológicos e envolve também uma forma de dote (*mahr*) – embora este seja destinado à mulher que casa e não para a sua família. Além do mais, com a acumulação de riqueza para além da terra, as patrilinearidades e os homens tendem a reforçar os esforços para manterem as riquezas acumuladas. Note-se ainda que a passagem de uma forma de subsistência principalmente agrária para uma situação em que o emprego e o rendimento se tornaram vitais para a sobrevivência fez dos meios de subsistência do agregado familiar, bem como do casamento, uma forma mais frágil de organização social.

Tudo isto está reflectido na actual situação na província de Nampula, no distrito de Mossuril e na cidade de Nampula. Como se vê na Tabela 17, 21% de todos os agregados familiares na província

de Nampula são chefiados por mulheres (dados preliminares do Censo de 2007 indicam que esta percentagem subiu para 24.5%). A grande maioria destas (90%) são viúvas ou divorciadas (MISAU 2005). Embora mais baixa do que a média nacional de 26%, é uma proporção elevada considerando a ênfase tanto no sistema matrilinear tradicional Macua de incorporar as mulheres solteiras nas suas famílias de origem como nas dificuldades de as mulheres obterem o divórcio sob a lei da *sharia*.<sup>22</sup> Dados disponíveis de Mossuril (MAE 2005) e da cidade de Nampula (Banco Mundial 2009) indicam que a proporção de agregados familiares chefiados por mulheres nestas duas áreas é de 9% e 14%, respectivamente.<sup>23</sup>

**Tabela 17.** *Proporção de Agregados Familiares Chefiados por Homens e por Mulheres (em percentagem)*

<b>Chefia do Agregado Familiar</b>	<b>Província de Nampula</b>	<b>Mossuril</b>	<b>Cidade de Nampula</b>
Agregados familiares chefiados por homens	79	91	86
Agregados familiares chefiados por mulheres	21	9	14

Fontes: MISAU 2005; MAE 2005; Banco Mundial 2009.

O nosso estudo indica que estes números são provavelmente demasiado baixos se for contada a chefia feminina *de facto* e não *de jure*: em Mossuril, isto está principalmente relacionado com o número de mulheres de unidades polígamas de agregados familiares que não são apoiadas pelos seus maridos porque ‘eles são muito pobres’, e que dependem de facto dos seus próprios recursos para sobreviver. Num caso, uma mulher com três filhos pequenos vivia a apenas poucas centenas de metros da habitação do seu marido e da sua primeira mulher, em condições muito precárias. “Eu nem sequer tenho apoio para levar as crianças ao hospital”, lamentou ela. Em Nampula, parece haver um processo mais explícito de ‘abandono’: às mulheres é simplesmente dito para deixarem a habitação quando o marido encontra outra esposa ou amante, dado não haver ‘tradição urbana’ ou espaço para manter mais do que uma mulher. Em ambos os casos, as mulheres tendem a apresentar-se a si próprias como ‘casadas’, contanto que não estejam formalmente divorciadas – porque ser casada é a norma social e ser uma mãe solteira é mais facilmente associado a ser ‘dissoluta’ ou ‘prostituta’.

Além disso, tanto em Mossuril como na cidade de Nampula, as jovens mães solteiras estão frequentemente ‘escondidas’ nos seus agregados de origem, que consideram o apoio às suas filhas como uma obrigação. Estudos de casos individuais mostram que algumas se integram nestes agregados familiares, contribuindo para o rendimento do agregado e ‘comendo da mesma panela’ – sem nenhum apoio do pai biológico da criança. Com o reduzido papel do clan e do grupo de parentesco, torna-se mais difícil para a família da jovem mãe forçar o apoio. Na cidade de Nampula, tivemos conhecimento de casos em que os tribunais comunitários assumiram este papel, decidiram que o pai biológico devia pagar uma compensação e remeteram a decisão para os líderes comunitários (secretários de bairro ou chefes de quarteirão) ou empregadores formais. Embora as mulheres em Muatala e Namutequeliua se lamentem de que os líderes comunitários não tinham interesse ou poder para fazer executar as decisões, algumas mulheres foram bem sucedidas tendo o patrão do pai da criança retirado uma contribuição do seu salário (comun. pessoal Associação Moçambicana das Mulheres de Carreira Jurídica, AMMCJ). Nos agregados familiares mais pobres,

<sup>22</sup> Enquanto um homem pode imediatamente deixar a sua mulher através do que é chamado *talaq*, uma mulher só o pode fazer com o consentimento dos conselhos orientadores externos (*shura* ou *khula*) que são constituídos por homens.

<sup>23</sup> Como exposto no Capítulo 1, escolhemos seleccionar para o nosso estudo uma amostra de 50% de agregados familiares chefiados por homens e 50% chefiados por mulheres – compelindo-nos a usar outras fontes para garantir a proporção das duas categorias nos dois locais de estudo.

porém, as mães solteiras parecem tornar-se habitualmente responsáveis por elas mesmas e pela manutenção dos seus filhos, mesmo no caso de viverem debaixo do mesmo tecto que o seu agregado familiar de origem – tornando-as *de facto* chefes de agregados familiares.

Dito isto, também deparámos com casos em Muatala e Namutequeliua em que as mulheres abandonaram os homens quando encontraram outros homens que pensaram que podiam cuidar delas melhor. A incapacidade de alguns homens de cuidar das suas esposas (como em Mossuril) e de outros em as conservar (como na cidade de Nampula) aponta em ambos os casos para um processo emergente que em outros contextos da África Austral tem sido cunhado como ‘a crise de masculinidade’ (ver e.g. Bank 2001; Gregory 2005; Tvedten 2008). Tradicionalmente, a chefia masculina do agregado familiar tem-se baseado numa combinação de uma ‘cultura patriarcal’ e da capacidade dos homens para manter o seu estatuto e papel como chefes do agregado familiar por meio do seu controlo da produção agrícola e rendimento. Em situações de extrema pobreza, em que os homens não têm terra nem rendimento, isto torna-se difícil.

A permeabilidade emergente do agregado familiar, como uma unidade social central em situações de mudança, é indicada pelo estatuto conjugal. Como se pode ver na Tabela 18, a grande maioria de agregados familiares chefiados por homens no Mossuril ‘tradicional’ casa-se formalmente numa mesquita (através de uma cerimónia chamada *sunnah nikahi*). Estas cerimónias sancionam culturalmente o casamento, não apenas entre os esposos mas também em relação à comunidade em geral. Isto reforça o casamento como uma instituição, mas também torna mais difícil para as mulheres quebrar o acordo doméstico. Ao abrigo da *sharia*, as razões ‘legítimas’ para procurar o divórcio estão em primeiro lugar e acima de tudo relacionadas com: incapacidade de o marido alimentar a família, violência terrível e impotência (com. pessoal da Prof. Anne Sofie Roald) – mas ainda é difícil obter aceitação do *khula* (ver acima). Ao mesmo tempo, 97% dos agregados familiares chefiados por mulheres em Mossuril estão sós (divorciadas ou viúvas) e apenas 3% se encontram numa união conjugal – o que implica que os homens em Mossuril são, quase por definição, considerados chefes do agregado familiar quando estão presentes.

**Tabela 18.** Estatuto Conjugal (em percentagem)

Tipo de Casamento	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Solteiro	3	97	11	60	41
Em coabitação	10	0	34	24	17
Casamento Civil	0	0	3	0	0
Igreja/mesquita	87	3	46	16	40
Tradicional *	0	0	6	0	2
Total	100	100	100	100	100

\* Lobolo, pethe, mahari

Na cidade de Nampula, cerca de metade dos agregados familiares chefiados por homens são formalmente casados numa igreja ou mesquita e uma grande proporção (34%) vive em coabitação – em contradição com os princípios tradicionais *macua* bem como com os Muçulmanos e Cristãos. A coabitação não envolve qualquer das sanções formais conhecidas do casamento, nem para a família alargada nem para a comunidade local e tende assim a ser mais vulnerável (a coabitação é reconhecida na nova Lei da Família de 2003, mas não encontramos ninguém que tivesse conhecimento disso). As razões para a crescente prevalência da coabitação como um acordo doméstico parecem até certo ponto ser contraditórias: as ‘esbanjadoras’ cerimónias de casamento Cristãs ‘modernas’ tornaram-se populares e esperadas entre os que estão em melhor situação nas áreas urbanas, mas tornaram-se também tão dispendiosas que muitos escolhem viver juntos ou adiar

o casamento até terem meios para o realizar. Para a maioria dos que vivem em coabitação, porém, viverem juntos parece ser um arranjo prático relacionado com uma combinação de amor, sexo e considerações económicas imediatas. A habitação é escassa e viver juntos é importante não apenas para ter um lugar onde permanecer, como também em termos de segurança.

Além disso, enquanto 60% dos agregados familiares chefiados por mulheres na cidade de Nampula são não casados (principalmente divorciadas ou viúvas), 40% vivem com um parceiro masculino, seja pela via do casamento ou da coabitação. Deste modo, a chefia do agregado familiar em Nampula não é automaticamente assumida pela parceria masculina, mas sim uma questão de ‘negociação’. Os dois factores mais importantes que neste contexto definem a chefia são o aprovisionamento do agregado familiar e a propriedade da habitação: quando as mulheres são as principais ganhadoras de rendimento, são provavelmente consideradas chefes do agregado familiar. E quando são donas da habitação onde vive o agregado familiar podem também ser consideradas chefes do agregado familiar. Este é particularmente o caso quando a mulher arranhou outro homem depois do divórcio. Isto aponta, em contextos urbanos como Nampula, para um desenvolvimento emergente na forma de uma ‘masculinização’ da pobreza: homens desempregados e pobres ‘encostam-se’ cada vez mais a mulheres com rendimento e habitação, numa base semi-permanente, tornando-se efectivamente ‘nómadas domésticos’ (Tvedten 2008) com pouca ou nenhuma opinião a dar nos agregados familiares em que vivem.

Também a poligamia como acordo doméstico está sob pressão (Tabela 19). Embora a poligamia fosse tradicionalmente uma forma de fazer alianças, aumentar a produção agrícola e a riqueza e aderir à fé Muçulmana, está cada vez mais a tornar-se numa forma de casamento entre os pobres para provarem a sua masculinidade (Rosário 2008). Contudo, muitos homens pobres encontram-se numa situação em que não podem cuidar devidamente das suas mulheres e crianças, de acordo com as prescrições do Corão, e as segundas ou terceiras esposas tornam-se economicamente responsáveis por si mesmas ou voltam para a sua família de origem. Os dados oficiais mostram que a proporção de unidades polígamas na província de Nampula é elevada, 34% (MISAU 2005). O nosso estudo mostra uma proporção mais baixa de 14% em Mossuril, e 3% na cidade de Nampula, o que *pode* indicar um decréscimo de prevalência mas que é mais provavelmente o resultado da nossa definição *de facto* em vez da definição *de jure*.<sup>24</sup> A proporção mais baixa de unidades polígamas de agregados familiares na cidade de Nampula reflecte uma percepção na cidade de que a poligamia está mais relacionada com a ‘vida rural’ e ‘tradição’ do que com a ‘vida urbana’ e ‘modernidade’ – mas isso não implica necessariamente que os homens urbanos não tenham várias mulheres. Muitos homens parecem ter uma mulher ‘oficial’ e uma amante ‘privada’ na cidade, e outros têm uma unidade familiar na cidade e outra na sua área rural de origem como uma forma de ter ‘raízes duplas’.

**Tabela 19.** *Unidades Polígamas de Agregados Familiares (em percentagem)*

Número de esposas	Província de Nampula*	Mossuril**	Cidade de Nampula**
Só uma esposa	76	86	97
Mais do que uma esposa	34	14	3

Fontes: \* MISAU 2005. \*\* O nosso estudo.

<sup>24</sup> No nosso estudo, foi perguntado às mulheres se faziam formalmente parte de uma unidade polígama e se mantinham relações sociais e económicas com os seus maridos – tendo ambas as condições de se verificar para serem parte de uma unidade polígama.

A flexibilidade e permeabilidade das unidades de agregados familiares é ainda sublinhada pelas diferenças no tamanho dos agregados familiares. Apesar do facto de a taxa de fertilidade ser mais alta nas áreas rurais (6,3%) do que nas urbanas (5,4%) na província de Nampula (MISAU 2005), tanto as unidades de agregados familiares chefiadas por homens como as chefiadas por mulheres são maiores em Muatala e Namutequeliua do que em Mossuril (Tabela 20). Além disso, enquanto em Mossuril apenas 13% e 7% dos agregados familiares chefiados, respectivamente, por homens e por mulheres têm sete membros ou mais, as percentagens equivalentes para Nampula são 54% e 44%. O nosso estudo mostra que os agregados familiares na Nampula urbana têm uma proporção maior de membros, pertencentes ou não à família distante, do que no Mossuril rural, o que implica uma pressão considerável sobre os agregados familiares urbanos para receberem e apoiarem os migrantes das áreas rurais que querem tentar a sua sorte na cidade.<sup>25</sup>

**Tabela 20. Tamanho dos Agregados Familiares (em percentagem)**

Membros do Agregado Familiar	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
1-2	17	33	9	4	16
3-4	20	23	11	12	17
5-6	50	37	26	40	37
7+	13	7	54	44	30
Total	100	100	100	100	100
<b>Tamanho médio do AF</b>	<b>5,5</b>	<b>5,0</b>	<b>7,5</b>	<b>7,1</b>	<b>6,6</b>

As diferenças em tamanho dos agregados familiares chefiados por mulheres são particularmente notáveis: 33% dos agregados familiares chefiados por mulheres em Mossuril têm apenas 1-2 membros, mas apenas 4% desses agregados na cidade de Nampula têm tão poucos membros. Isto reflecte uma situação nas áreas rurais, com muitas viúvas mais velhas que se encontram sós ou com poucos dependentes – frequentemente netos ou sobrinhos que foram deixados pelos seus pais na área rural (a idade média dos agregados familiares chefiados por mulheres em Mossuril é de 55 anos). Algumas pessoas nos nossos grupos focais descreveram isto como uma estratégia para assegurar que as suas crianças aprendem a relacionar-se com a ‘tradição’ e a ‘comportar-se’. Outras descrevem-no como uma forma de reduzir a carga de ter de alimentar muitas crianças num contexto de pobreza. Num caso em Mossuril, a relação entre uma velha senhora e a sua neta era claramente tensa: a avó queixava-se que a neta não ajudava no campo, nunca trazia dinheiro para casa e não lhe obedecia. A rapariga contou-nos que tinha saudades da sua mãe e só queria ir para a cidade de Nampula para lá ficar.

Na cidade, as chefes de agregados familiares são mais novas, com uma idade média de 40 anos, e continuam a viver com as suas crianças bem como com outros membros da família e não familiares. Isto não resulta apenas de arranjos domésticos mais flexíveis ou permeáveis: reflecte também a escassez de espaço para viver em cidades como Nampula, que torna difícil para pessoas que têm uma casa não receber membros da família e outros que procuram alojamento. Em muitas circunstâncias os dependentes representam uma pesada carga para a chefe do agregado familiar enquanto principal ganhadora de rendimento, mas também encontramos casos em que as pessoas ingressavam no agregado familiar chefiado por uma mulher para o tornar numa unidade sócio-

<sup>25</sup> Dados preliminares do Censo de 2007 mostram que o tamanho médio do agregado familiar na Província de Nampula é de 4,0. Conforme argumentámos em estudos anteriores (Tvedten et al. 2006; Paulo et al. 2007; Rosário et al. 2008), este deve provavelmente ser o resultado de uma definição formal que não reflecte as realidades no terreno, tal como são entendidas pelas próprias pessoas – que vêem as pessoas que contribuem para e comem da mesma panela como a característica saliente, como sustentámos na nossa definição.

económica mais eficiente: num caso, duas irmãs viviam juntas com as suas respectivas crianças e cooperavam nas actividades de obtenção de rendimento e cuidados com as crianças, e num outro caso, a mãe da chefe do agregado familiar mudou-se da costa para Namutequeliua, com a tarefa explícita de fazer bolos, que a filha venderia no bairro, e de cuidar das crianças enquanto ela estivesse ausente.

Em resumo, vemos claras diferenças nos arranjos domésticos no Mossuril rural e na Nampula urbana: em Mossuril, o casamento e o estabelecimento de unidades de agregados familiares são ainda realizados com referência a idiosincrasias culturais Muçulmanas e ‘tradicionalistas’ Macuas. O casamento é formal, os homens são os chefes dos agregados familiares e a proporção de agregados familiares chefiados por mulheres é relativamente pequena. Em Nampula, os agregados familiares são frequentemente baseados em arranjos informais ou coabitação, a chefia é frequentemente definida com referência ao papel sócio-económico em vez da ‘cultura’ e a proporção de agregados familiares chefiados por mulheres é mais elevada. Para as mulheres, em Mossuril, isto implica que o seu ‘destino’ está estreitamente ligado ao do seu parceiro, o que, como veremos, é sublinhado pelo acesso limitado das mulheres ao emprego e rendimento. Em Nampula, o contexto económico pode ter dado às mulheres um maior grau de ‘independência’, mas também mais responsabilidade para elas mesmas, para os seus filhos e outros membros da família.

### 3.3 Emprego, Rendimento e Despesa

Já vimos como a cultura ‘tradicional’ e a religião ainda têm um forte impacto na formação de casamentos e relações de género em Mossuril, mas também como a urbanização contribuiu para novas formas de arranjos domésticos na cidade de Nampula – embora sem reformar completamente as práticas antigas. Além dos aspectos sócio-culturais essenciais do parentesco e casamento, a divisão do trabalho e controlo dos recursos económicos é provavelmente a determinante mais importante na formação das concepções de masculinidade, feminilidade e relações de género em Moçambique (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008; ver também Chant 2007).

Olhando primeiro para as principais ocupações dos(das) chefes de agregado familiar no Mossuril rural (Tabela 21), apenas uma proporção muito pequena está formalmente empregada; destes, todos são chefiados por homens e todos se situam no sector privado. Além disso, entre os agregados familiares chefiados por homens há uma distribuição relativamente igual entre aqueles cuja ocupação principal é o emprego informal, agricultura e pesca. Isto reflecte a situação económica em Mossuril, descrita no Capítulo 2, e aponta também para um nível muito baixo de rendimento em dinheiro e despesa no distrito (ver abaixo). Com baixa produção na agricultura e pescas fracas e flutuantes o rendimento é imprevisível, tornando as pessoas vulneráveis a choques adversos e a despesas relacionadas com, por exemplo, tratamento médico, educação e falta de comida devido a desastres ambientais.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Um exemplo recente de um desastre natural com sérias consequências para as pessoas em Mossuril foi o ciclone Jokwe - que atingiu a área em 2008.

**Tabela 21.** *Ocupação Principal do Chefe do Agregado Familiar (em percentagem)*

Ocupação Principal	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Emprego formal público	0	0	17	24	10
Emprego formal privado	10	0	11	0	6
Emprego informal	20	0	40	16	33
Emprego ocasional	10	0	0	0	5
Agricultor	30	87	3	12	20
Pescador	23	0	0	0	2
Estudante	0	0	3	0	1
Aposentado	3	0	3	0	2
Desempregado	3	13	23	48	21
Total	100	100	100	100	100

A grande maioria dos agregados familiares chefiados por mulheres, em Mossuril, considera-se principalmente agricultora. O nosso estudo mostra que geralmente têm poucas terras de pequenas dimensões, que não produzem o suficiente para a manutenção deles próprios e dos seus dependentes. Muitas chefes desses agregados que encontramos tinham elas mesmas de efectuar praticamente todo o trabalho nas suas terras, queixando-se da dificuldade de obterem o contributo de outros membros da família alargada e da falta de dinheiro para alugar força de trabalho. Nenhum agregado familiar chefiado por mulher vê a economia informal como a sua principal ocupação, o que não apenas reflecte o limitado mercado mas também as fortes proibições culturais contra as mulheres que trabalham. Como notado acima, ainda é considerado embaraçoso para muitos homens, em Mossuril, que as suas esposas ou mulheres da família trabalhem fora do quadro doméstico – vendo isso como um sinal público de que eles não podem cuidar delas devidamente, como prescreve a sua religião. A principal fonte alternativa de rendimento em dinheiro para as mulheres é a recolha de pequenas amêijoas nas praias, na maré vazante, que é uma das poucas ‘ocupações femininas’ usuais mas que dá retornos muito baixos. Também vimos algumas mulheres a vender biscoitos e doces de coco caseiros e maçaroca cozida, mas também estes produzem rendimentos baixos e flutuantes.

Na cidade de Nampula, uma proporção muito maior de chefes de agregados familiares tem emprego formal e rendimento em dinheiro – mas os custos de viver na cidade são também consideravelmente mais altos do que no Mossuril rural. A vantagem do emprego formal é que não apenas a remuneração é, geralmente, relativamente boa, como também o rendimento é regular, o que torna mais fácil às chefes do agregado familiar poupar e planear a longo prazo. Além disso, um benefício frequentemente ignorado do emprego formal é a auto-estima. Para muitos, a verdadeira razão de se mudarem para uma vila ou cidade é obter emprego, e conseguirem-no dá prestígio não apenas na comunidade urbana local mas também na área rural de origem. A pesquisa em outras áreas similares (Bank 2002; Tvedten 2008) mostra que muitos migrantes urbanos ficam tão envergonhados por não terem tido êxito na cidade que isso os inibe de voltar para a sua aldeia, embora o regresso pudesse ser o melhor para eles e suas famílias.

Uma proporção relativamente alta (24%) das chefes de agregados familiares na cidade de Nampula está também formalmente empregada. O nível de educação entre as mulheres é mais elevado e as inibições culturais à volta do emprego feminino são menos pronunciadas na Nampula urbana – quanto mais não seja porque o controlo sócio-cultural é mais fraco nos bairros densos e tensos e os agregados familiares precisam de rendimento em dinheiro para sobreviver. Mas os constrangimentos sócio-culturais não desapareceram: uma mulher, razoavelmente colocada na burocracia do estado, contou-nos que lhe tinha sido dado a escolher, pelo agora seu ex-marido, entre

deixar de trabalhar ou separarem-se, quando ela atingiu um nível de emprego mais elevado que o dele. A concentração de chefes femininas de agregados familiares empregadas no sector público é provavelmente um reflexo de que um emprego no sector público é largamente (mas não unicamente) baseado no mérito – embora a maior parte das mulheres ainda trabalhe em posições subordinadas, como secretárias ou assistentes de homens. No sector privado, a competição é muito feroz e há um sistema muito espalhado de ‘ter de pagar para progredir’ – com a implicação de as proibições culturais se tornarem mais notadas e as mulheres tenderem a sucumbir.

Como é também evidente na Tabela 21, as actividades económicas informais são muito mais comuns entre os agregados familiares na cidade de Nampula do que em Mossuril: há uma maior população e, conseqüentemente, um maior mercado de bens e serviços, mas este é também a única fonte de rendimento relevante para muitos agregados familiares, num contexto em que o emprego formal é difícil de obter, a terra para agricultura é escassa e o mar fica muito longe para que a pesca seja relevante. Como argumentado no capítulo anterior, o sector informal *pode* proporcionar altos retornos, particularmente na produção (como reparação de viaturas e carpintaria) e nos serviços (transporte, medicina tradicional, fornecimento de água, etc.). Em Namutequeliua, o mais ‘famoso’ e respeitado comerciante informal fez carreira no transporte e reparação de viaturas. Mas a grande maioria de agregados familiares no nosso estudo depende da venda de bens e artigos como vestuário em segunda mão, refrigerantes, vegetais, ovos, cartões de telemóvel, doces, lenha, carvão, água, peixe, areia, panelas, frigideiras, etc. num mercado altamente saturado e com baixos retornos. Uma das poucas mulheres que encontramos nos mercados públicos disse-nos que tinha gasto três dias a tentar vender quatro pequenas porções de carvão, que tinha adquirido a outra mulher que o produzia, e apenas tinha conseguido vender três com um lucro de apenas 20 Meticais.

Ao mesmo tempo, porém, a proporção de chefes femininas de agregados familiares que estão verdadeiramente envolvidas na economia informal na cidade de Nampula é muito mais baixa do que em contextos similares noutras partes do país (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008, ver também Horne 2000). O nosso estudo mostra que isto não se refere apenas a tipos específicos de bens: uma grande proporção dos nossos entrevistados queixou-se também que a venda nos mercados (64%), em bancas (38%) e nas ruas (71%) devia ser feita apenas por homens. Somente as vendas a partir de ‘casa’ são vistas como uma prerrogativa predominantemente feminina, com 31% argumentando que deviam ser feitas ‘apenas por mulheres’ e 69% por mulheres e homens. Para além da ‘tradição Macua’ e da proibição Muçulmana de as mulheres trabalharem e frequentarem lugares públicos, é difícil encontrar justificação para estas opiniões num contexto de extrema pobreza. De facto, os nossos estudos de caso em Muatala e Namutequeliua indicam que muitas mulheres insistem em afirmar-se ‘desempregadas’ ou ‘domésticas’ para aderirem às regras sócio-culturais – embora possam desenvolver actividades de geração de rendimento em pequena escala. Sem esse rendimento, muitos agregados familiares chefiados por mulheres simplesmente não sobreviveriam.

Num contexto sócio-cultural em rápida mudança como a cidade de Nampula, é também importante olhar para as excepções – mulheres que procuram novas áreas de emprego e rendimento. Num caso, uma mulher de 30 e poucos anos coabitava com um homem, três crianças e a sua mãe numa habitação de sua propriedade. Ela geria, a partir de sua casa no subúrbio, um ‘negócio de quintal’ bastante grande, vendendo grão (mandioca e milho), peixe, refrigerantes e doces. O seu novo ‘marido’ vendia os mesmos artigos no mercado público, essencialmente em representação da sua esposa que era *de facto* a chefe do agregado familiar, com base no seu poder económico e controlo da habitação. E uma mulher mais velha divorciada, em Namutequeliua, tinha infringido muitas regras sócio-culturais ao pedir ao seu marido para se ir embora (‘ele não trazia dinheiro para casa mas sim montes de problemas’), tomando conta da habitação e iniciando uma loja de carpintaria começando do nada, na qual trabalhava com os seus três filhos. Fabricava principalmente mesas e cadeiras e disse-nos que ‘muitos dos nossos clientes são mulheres’.



Para as pessoas pobres, na actual formação social mercantilizada, ser capaz de combinar rendimento em dinheiro com produção de subsistência é vital para a segurança alimentar. Vimos acima que a maioria dos agregados familiares em Mossuril vêem a agricultura como a sua principal ocupação, e praticamente todos têm acesso a uma *machamba* (Tabela 22). As principais culturas produzidas são raízes de mandioca, milho, arroz, amendoim, feijão e coco. A terra pertence formalmente ao Estado mas está facilmente disponível e é alocada com base nos direitos comunais de usufruto – ligados à ideia de que a terra pertence ao clan e ao grupo de parentes que primeiro se fixou na área relevante<sup>27</sup>. As mulheres parecem não ser particularmente discriminadas nos direitos à herança e direito à terra. De facto, é culturalmente entendido que a terra onde um casal reside é pertença da mulher (Osório 2001). Os problemas surgem principalmente para as mulheres que se divorciam ou enviuvam e que residem na aldeia do seu marido (*virilocalidade*). Estas mulheres podem voltar para a sua aldeia original e reclamar terra, mas se estiverem pouco dispostas ou se forem demasiado velhas para se mudarem podem ver negado o acesso à terra pela família do seu falecido marido. Todavia, o principal desafio em geral para as mulheres em Mossuril é a limitada tradição de cultivar; as dificuldades para a maioria das mulheres de preparar nova terra ou de contratar quem o faça; e os solos arenosos pobres (ver o Capítulo 2).

**Tabela 22.** *Posse de Machamba (em percentagem)*

Posse de Machamba	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	93	97	44	46	65
Não	7	3	66	64	35
Total	100	100	100	100	100

Na cidade de Nampula muito poucos chefes de agregados familiares viam a agricultura como a sua principal ocupação, mas 45% tinham acesso a um ou mais terrenos agrícolas. Muitos destes estão localizados nas aldeias de origem das pessoas e as suas possibilidades para realmente produzirem culturas depende do tipo de relações sociais que aí tenham e das suas próprias opções de pagar transporte para manterem a sua machamba. Nos arredores da cidade de Nampula, a terra está a tornar-se escassa, cara para alugar e difícil de manter para os moradores pobres das palhotas. Apesar destes obstáculos, são mais os agregados familiares chefiados por mulheres do que os chefiados por homens que vêem a agricultura como a sua principal actividade (Tabela 21) e que têm acesso a machambas (Tabela 22). Isto é provavelmente um resultado combinado das suas limitadas oportunidades económicas alternativas e da sua ênfase em alimentar a família (ver abaixo). Além do mais, a solução óptima para um agregado familiar urbano é ter actividades geradoras de rendimento na cidade e machambas como um ‘amortecedor’ em tempos de dificuldades económicas – o que poucos agregados familiares chefiados por mulheres parecem conseguir.

Outra fonte potencialmente importante de subsistência e rendimento é a produção animal. Nenhum agregado familiar, no nosso estudo, tinha gado bovino ou suíno (o primeiro provavelmente por razões económicas e o segundo por razões religiosas), sendo as galinhas o animal que possuíam mais comumente. Em Mossuril, mais agregados familiares chefiados por homens (77%) do que chefiados por mulheres (60%) tinham animais domésticos, mas na cidade de Nampula a proporção é maior nos agregados familiares chefiados por mulheres do que nos chefiados por homens, com 45% e 28%, respectivamente (Tabela 23). A maior prevalência de posse de animais entre os agregados

<sup>27</sup> O chefe masculino da linhagem é chamado *mwene n'loko* e o do grupo de parentes *mwene nihimo*. Ambos são acompanhados por uma irmã uterina mais velha chamada *apyamwene*, que é considerada a líder espiritual da comunidade e cujo poder de comunicação com a terra e os espíritos ancestrais ajudou a resolver crises da comunidade e disputas de terra (Bonate n.d.)

familiares chefiados por mulheres na cidade de Nampula, provavelmente é também o reflexo de uma combinação de falta de fontes alternativas de rendimento e subsistência e uma preocupação de ser capaz de alimentar os membros do agregado familiar. Num caso, três chefes femininas de agregados familiares juntaram forças e criaram uma pequena quinta de galinhas, a uma hora de caminho da cidade. Elas contrataram outra mulher para lá viver e olhar pela quinta, e fizeram turnos semanais para alimentar e transportar os animais para o seu bairro de lata, onde eram vendidos. Disseram-nos explicitamente que não queriam envolver homens no pequeno negócio, porque ‘eles só controlam e decidem tudo eles próprio’.

**Tabela 23.** *Posse de Animais (em percentagem)*

Animal	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Cabra	23	10	3	4	10
Coelho	0	0	3	4	2
Galinha	70	57	14	12	38
Pato	27	17	3	12	14
Pombo	0	0	0	4	1
Nenhum animal	23	40	83	72	55

Tradicionalmente, um importante amortecedor para os mais pobres, em tempos de dificuldade, é o trabalho ocasional para a família, vizinhos ou amigos contra pagamento em dinheiro ou espécie – ou o chamado *ganho-ganho*. Na nossa amostra, porém, apenas 10% dos agregados familiares praticam o *ganho-ganho* (Tabela 24). Ao mesmo tempo, 77% dos entrevistados argumentam que esta é uma actividade exclusivamente para homens, 2% que é uma actividade só para mulheres e 21% que pode ser feita por homens e mulheres. Isto pode implicar que a prática se está a tornar menos comum, particularmente nas áreas urbanas, mas pode também reflectir pobreza e incapacidade de pagar. Para as mulheres na cidade de Nampula, a prática de associações de crédito em pequena escala (*‘chittik’* ou *‘sidique’* como é chamada em Nampula) parece servir parcialmente de compensação, com o nosso estudo a mostrar que 20% dos agregados familiares chefiados por mulheres estão envolvidos em sociedades de crédito e poupança.

**Tabela 24.** *Prática do ganho-ganho (em percentagem)*

Praticam ‘ganho-ganho’	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	16	13	6	9	10
Não	84	87	94	91	90
Total	100	100	100	100	100

Tendo discutido as principais fontes de subsistência e rendimento dos agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres, respectivamente, permanece a questão de quem controla a alimentação e o rendimento. As nossas discussões de grupos focais (apoiadas por um estudo similar feito por Bonate s.d.) mostram que há uma clara distinção entre o controlo da alimentação e do rendimento em dinheiro: nos agregados familiares chefiados por homens as mulheres tendem a tomar decisões no que respeita ao uso dos produtos agrícolas e outros comestíveis para consumo, embora tenham geralmente pouca influência sobre o uso do rendimento em dinheiro. Em Mossuril, isto é parcialmente um reflexo das leis religiosas do Islão, onde a

responsabilidade do marido por cuidar da sua mulher, ou mulheres, é fortemente realçada.<sup>28</sup> Uma das principais preocupações da gestão no hospital local, por exemplo, era o número de crianças doentes que lá chegavam demasiado tarde, porque as mães tinham de pedir autorização aos seus maridos para as levar ao hospital. Na cidade de Nampula, também o acesso à comida é ‘mercantilizado’ no sentido em que a maioria dos agregados familiares tem de comprar uma grande parte da mesma. Enquanto os homens no grupo focal masculino argumentavam que precisavam de controlar as despesas a fim de garantirem que “há dinheiro suficiente para tudo o que precisamos”, as mulheres no grupo focal feminino queixavam-se que um dos principais problemas nos agregados familiares era que os homens gastavam dinheiro em coisas que não eram importantes para elas e para as suas crianças.

Em termos gerais, a despesa do agregado familiar é muito baixa, em particular em Mossuril. No nosso estudo, 83% dos agregados familiares, chefiados tanto por homens como por mulheres, gastavam menos de 250 Meticais por semana, com nenhum deles a gastar mais de 500 Meticais (Tabela 25). Com um tamanho médio do agregado familiar de 5,3 (ver Tabela 20), um rendimento semanal de 250 Meticais implica uma despesa total de 47 Meticais por pessoa. Na cidade de Nampula há uma diferença entre agregados familiares chefiados por mulheres e chefiados por homens, na medida em que 36% dos primeiros ganham menos de 250 Meticais por mês, enquanto o mesmo se verifica em apenas 7% dos últimos. A maior parte dos restantes agregados familiares chefiados por mulheres ganha menos de 500 Meticais, enquanto que os ganhos dos chefiados por homens estão mais distribuídos por toda a escala de despesas.<sup>29</sup>

**Tabela 25.** *Despesa Semanal do Agregado Familiar (em percentagem)*

Despesa em Meticais	Mossuril		Nampula	
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM
< 250	83	83	7	36
251 – 500	13	7	54	44
501 – 750	0	0	9	8
751 – 1000	0	0	9	4
1001 – 1500	0	0	3	0
1501 – 2500	0	0	6	8
2501 <	0	0	3	0
Não sabe	3	10	20	0
Total	100	100	100	100

Ao mesmo tempo, porém, uma visão geral dos bens que os agregados familiares possuem mostra que muitos têm artigos que não são vitais para a sua sobrevivência – como rádios, TVs e telemóveis (Tabela 26). Há, genuinamente, claras diferenças entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres: em Mossuril, 67% dos agregados familiares chefiados por homens e apenas 3% dos chefiados por mulheres possuem um rádio, sendo as percentagens correspondentes para Nampula de 71% e 36%. E 23% (em Mossuril) e 71% (em Nampula) dos agregados familiares chefiados por homens possuem um telemóvel, sendo as percentagens correspondentes nos chefiados por mulheres de 3% e 56%. A diferença mais consistente entre agregados familiares chefiados por

<sup>28</sup> De um modo interessante, muitas versões das leis da *sharia* dizem que enquanto o rendimento ganho pelo marido deve ser gasto no apoio a todo o agregado familiar, o rendimento ganho directamente pela esposa, ou esposas, é para ser controlado por ela(s) própria(s) (com. pessoal da Prof. Anne Sofie Roald). Nunca ouvimos qualquer referência a este aspecto nas nossas discussões de grupo focal ou entrevistas aprofundadas.

<sup>29</sup> A proporção de 20% entre os agregados familiares chefiados por homens que não sabem quanto ganham, muitas vezes no caso em que o entrevistado era uma mulher e não o próprio chefe, reflecte o controlo desta informação por parte dos homens.

homens e chefiados por mulheres é em termos de posse de bicicleta: como correctamente argumentou Hanlon (2008), possuir uma bicicleta é um indicador importante de bem estar material, mas no nosso caso a discrepância está igualmente muito relacionada com factores culturais ('as mulheres não andam de bicicleta'), tanto quanto com os económicos.

Uma forma de interpretar o aparente paradoxo de as pessoas, particularmente em Nampula, gastarem dinheiro em rádios, TVs e telemóveis, é que elas dão prioridade aos utensílios 'modernos' mesmo à custa da alimentação, vestuário e outras necessidades básicas. Especialmente entre as pessoas mais novas, ter um telemóvel é um dos sinais culturais mais importantes de ser 'devidamente urbano' (ter um telefone celular não significa necessariamente ter crédito e realmente fazer chamadas). Os rádios e telemóveis podem certamente ter também implicações práticas em termos de acesso a informação importante, como preços dos bens e serviços e poder estar em contacto com familiares. De uma perspectiva de género, é também indicativo que a discrepância entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres, em relação à posse de bens, é maior em Mossuril do que em Nampula – o que indica, também a este respeito, uma redução da diferença de género em contextos urbanos.

**Tabela 26. Posse de Bens (em percentagem)**

Tipo de Bem	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Rádio	67	3	71	36	46
TV	0	3	54	48	27
Bicicleta	40	3	25	0	18
Telemóvel	23	3	71	56	39
Motocicleta	3	0	17	12	8
Barco	13	0	0	0	3
Cadeiras	43	20	89	64	55
Sofá	0	0	29	32	15
Camas	50	73	97	96	79
Arados	100	100	86	76	91
Machete	83	43	83	36	63
Machado	57	50	60	40	46

Como indicado acima, o bem talvez mais importante, particularmente na Nampula urbana, é a habitação em que as pessoas vivem (Tabela 27). Tanto em Mossuril como na cidade de Nampula, a habitação é largamente considerada propriedade do chefe do agregado familiar. As habitações são significativas não apenas para ter um tecto para si e para a sua família, mas também como uma segurança, como um investimento e para geração de rendimento. Muitas actividades económicas incluindo confecção de bolos, produção de bebidas tradicionais, fazer tranças e costurar têm lugar em casa, e isto é especialmente importante para as mulheres que, como temos visto, têm restrições para realizar algumas destas actividades em espaço público. Como temos mostrado, o controlo da habitação na cidade de Nampula é tão importante que determina fortemente quem é considerado o chefe do agregado familiar, em casos de unidades domésticas onde viva um par casado ou em coabitação.

**Tabela 27. Posse de Habitação (em percentagem)**

Dono da Habitação	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Chefe do agregado familiar	89	96	91	83	90
Esposa do chefe do agregado familiar	0	0	3	0	1
Outro familiar	0	0	3	9	3
Outra pessoa	11	4	3	9	6
Total	100	100	100	100	100

O limiar para adquirir o controlo de uma habitação é mais elevado para as mulheres do que para os homens. Como se vê na Tabela 28, a maioria dos chefes masculinos de agregados familiares, tanto em Mossuril como na cidade de Nampula, construiu a sua própria habitação – mas este não é o caso no que respeita às chefes de agregados familiares. Em Mossuril, a maioria das chefes herdou a sua habitação da sua própria família alargada matrilinear ou de um marido falecido ou divorciado. Em Nampula, porém, a maioria das chefes de agregados familiares teve de comprar a sua habitação, o que representa um considerável investimento. Embora a terra nos bairros de lata seja formalmente regulamentada por meio de arrendamentos, a maior parte das casas são construídas ilegalmente em terrenos maiores, são caras para comprar e não têm segurança formal (podem ser sancionadas pelos régulos e chefes de quarteirão, mas sem a aprovação formal do município). A maioria das casas são também construídas com material sólido (como tijolos) e têm portas e janelas por razões de segurança, o que torna dispendiosa a sua construção.<sup>30</sup>

**Tabela 28. Origem da Habitação (em percentagem)**

Origem da habitação	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Auto-construção	86	29	58	26	51
Compra	7	4	30	39	20
Herança	7	46	3	13	17
Empréstimo	0	0	3	13	4
Presente	0	14	0	4	4
Outra	0	7	6	4	4
Total	100	100	100	100	100

Para sobreviverem como unidades de agregados familiares, no Mossuril rural e na Nampula urbana, a natureza e o conteúdo das relações sociais tornam-se vitais. Muitos agregados familiares conseguem encontrar formas de passar despercebidos na sua vida diária, relacionando o consumo com as mudanças no seu acesso aos produtos agrícolas e ao rendimento, mas os mais pobres, em particular, necessitarão de apoio externo em alturas de despesas extraordinárias ligadas com problemas de saúde, educação, perda de propriedade, etc. Ainda assim, a Tabela 29 mostra que apenas uma relativamente pequena proporção dos agregados familiares recebeu algum tipo de apoio externo no mês anterior ao estudo. As redes sociais de apoio mútuo têm raízes culturais e religiosas entre os Macuas em Nampula, e o número limitado de agregados familiares envolvidos nessas relações pode ser uma expressão do drama da pobreza em contextos crescentemente

<sup>30</sup> Em Nampula, como em muitas outras áreas urbanas em que trabalhamos, não há praticamente habitações de *caniço* como se encontra nas áreas rurais – apesar de serem mais baratas de construir e mais fáceis de deslocar se necessário. De facto, parece haver fortes proibições culturais contra o mudar o ‘rural e tradicional’ para o ‘urbano e moderno’, como isto implicaria.

mercantilizados: as pessoas pobres simplesmente não têm muito para partilhar, e são forçadas a pensar, em primeiro lugar, em si próprias.

Entre os agregados familiares que estavam envolvidos em redes de apoio, uma maior proporção recebeu apoio externo em Mossuril do que na cidade de Nampula e os agregados familiares chefiados por mulheres tinham mais probabilidade de receber apoio do que os chefiados por homens. Isto indica que as redes sociais são mais fortes no Mossuril rural, onde as pessoas nas aldeias se conhecem bem umas às outras e muitos agregados familiares terão membros da família por perto. O apoio é principalmente em espécie, reflectindo o acesso limitado ao dinheiro em Mossuril. Na cidade de Nampula o acesso a apoio externo é mais limitado, dado que muitas pessoas vivem longe da sua família alargada na sua área rural de origem. Entre os agregados familiares que afirmaram ter recebido apoio externo, o apoio da família é o mais comum (57%), seguido pela sociedade civil, incluindo igrejas e mesquitas, com 28% e os amigos com 11%. Uma proporção muito pequena (3%) declarou que ‘o governo’ é a sua fonte de apoio mais importante.

**Tabela 29.** *Proporção de Agregados Familiares que Receberam Apoio Externo no Último Mês (em percentagem)*

Tipo de Apoio	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Em dinheiro	1	1	4	6	3
Em espécie	13	25	5	6	11
Em dinheiro e em espécie	10	18	6	7	9
Não recebeu apoio	76	56	85	81	77
Total	100	100	100	100	100

Embora os dados do estudo não sejam muito conclusivos, dão-nos uma indicação de que os agregados familiares chefiados por mulheres estão mais inclinados a beneficiar destes tipos de redes de apoio do que os chefiados por homens. Em Mossuril, estão envolvidos 44% dos agregados familiares chefiados por mulheres e 24% dos chefiados por homens e na cidade de Nampula 19% dos agregados familiares chefiados por mulheres e 15% dos chefiados por homens tinham recebido apoio externo no mês anterior ao da entrevista para o estudo. Isto está também de acordo com os argumentos desenvolvidos nos nossos grupos focais e com as nossas próprias observações: em Mossuril, o apoio parece basear-se principalmente na idade avançada e pobreza das chefes de agregados familiares, nas obrigações costumeiras dos seus parentes matrilineares e nas instituições Islâmicas para apoiar os mais pobres (*zakat*). Em Nampula, muitas mulheres avançaram argumentos de que cada vez mais as mulheres cooperam e apoiam-se umas às outras. Encontrámos alguns casos em que amigas e vizinhas – muitas das quais tinham sido abandonadas pelos seus maridos ou coabitantes – formaram pequenas empresas, cooperaram nos cuidados com as crianças e apoiaram-se umas às outras por outras formas.

Em resumo, há claras diferenças nas adaptações económicas e nas estratégias de subsistência entre o Mossuril rural e a Nampula urbana, bem como entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres. Mossuril é, em primeiro lugar, um distrito rural com opções muito limitadas de emprego e rendimento, fora da agricultura e pesca, enquanto as fontes alternativas de emprego e rendimento são muito mais variadas em Nampula. Ao mesmo tempo, os agregados familiares chefiados por mulheres, e as mulheres, estão sistematicamente numa situação mais difícil do que as suas contrapartes masculinas no que se refere a emprego, rendimento e controlo dos recursos económicos. As razões, como sugerimos, são parcialmente ‘culturais’: há fortes proibições culturais contra as mulheres que têm um papel activo no aprovisionamento do agregado familiar, fora da agricultura. No contexto urbano – em que estão presentes meios de subsistência alternativos

e as regras culturais tradicionais parecem estar em processo de perder pelo menos algum do seu impacto – muitas mulheres e agregados familiares chefiados por mulheres encontram-se pelo menos com *alguns* meios económicos e *algumas* opções de mobilidade social ascendente.

As percepções das pessoas sobre as mudanças das condições nos seus próprios agregados familiares apoiam esta noção. Indagados se a situação no seu agregado familiar melhorou, permaneceu a mesma ou se deteriorou nos últimos cinco anos, os agregados familiares chefiados por homens representam a maior proporção de agregados familiares que pensam que a sua situação melhorou, tanto em Mossuril como em Nampula (Tabela 30). A maioria dos agregados familiares chefiados por mulheres, em Mossuril (63%) pensa que a sua situação se deteriorou. Isto aponta na direcção de processos de marginalização e exclusão social num contexto rural tradicional como Mossuril, dado que a pobreza cobra o seu tributo e o acesso ao rendimento em dinheiro se torna cada vez mais importante. Na cidade de Nampula, 36% dos agregados familiares chefiados por mulheres acreditam que a sua situação permaneceu na mesma ou deteriorou-se. Todavia, como veremos mais adiante, as pessoas são mais positivas no que respeita aos desenvolvimentos nas suas comunidades – o que pode ser tomado como implicando que vêem uma mudança positiva que pode, com o tempo, afectar a sua própria situação.

**Tabela 30.** *Mudanças Observadas nas Condições do Agregado Familiar Durante os Últimos Cinco Anos (em percentagem)*

Direcção da Mudança	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Melhorou	33	13	32	24	26
Permaneceu na mesma	47	23	29	40	34
Deteriorou-se	20	63	40	36	40
Total	100	100	100	100	100

Isto é, de facto, parcialmente verificado na Tabela 31 sobre a percepção das pessoas de possíveis mudanças na sua situação nos próximos cinco anos. 58% dos agregados familiares acreditam que a sua situação melhorará, e apenas 13% acham que se vai deteriorar. Contudo, os agregados familiares chefiados por mulheres, em Mossuril, que experimentaram o desenvolvimento mais negativo nos últimos cinco anos, continuam os mais pessimistas acerca do futuro. Isto parece reflectir a situação muito difícil das mulheres e dos agregados familiares chefiados por mulheres no Moçambique rural. Por outro lado, a maior proporção de agregados familiares que crêem que a sua situação melhorará nos próximos cinco anos encontra-se entre os agregados familiares chefiados por mulheres, na cidade de Nampula, o que parece confirmar o nosso ponto de vista de que, apesar da opressão contínua e da pobreza, o espaço social urbano é visto como abrindo novas possibilidades para as mulheres.

**Tabela 31.** *Percepção das Mudanças nas Condições do Agregado Familiar para os Próximos Cinco Anos (em percentagem)*

Direcção da Mudança	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Melhoram	40	23	49	58	43
Permanecem na mesma	53	53	43	28	44
Deterioram-se	7	23	9	13	13
Total	100	100	100	100	100

**Casos de famílias urbanas.** Caminhando através de um pequeno bairro em Namutequeliua a meio do dia, há uma estranha mistura de calma solidão e actividade febril: muitas das habitações estão fechadas e vazias, com os seus donos fora a trabalhar, a fazer compras, a visitar amigos ou na escola. Mas algumas habitações ainda têm pessoas a meio do dia, com adultos e crianças lá permanecendo, aparentemente sem nada fazerem excepto esperar por “qualquer coisa”.

Uma destas pessoas é **Flora Barrote**<sup>31</sup>. Ela vive numa casa muito pequena e em estado precário, feita de tijolos e cartão e está doente e em má forma. Flora contou-nos que tem três crianças de dois homens diferentes, mas que não é casada com nenhum deles. No princípio obtinha algum apoio para comprar vestuário e comida para as crianças, mas “isso acabou depressa”. A sua família de origem vive em Ribaue, e dá-lhe alguma ajuda na forma de comida, mas não pode voltar para lá porque “a casa já está cheia de gente”. Em Nampula, Flora tenta sobreviver vendendo tomates, mas queixa-se que não tem dinheiro para comprar muitos e “por isso o lucro é baixo”. Perguntada sobre a quem se dirigia quando tinha problemas reais, disse-nos que nem a família, vizinhos ou amigos a podiam ajudar porque “eles são todos tão pobres como eu”. Flora conseguiu alguma ajuda da “nossa líder comunitária” (referindo-se a uma chefe de quarteirão), mas só “quando eu estou muito doente e os meus filhos estão a sofrer”.

Uma outra família que visitámos em Namutequeliua ao fim da tarde consistia num homem (**Oraibo**) e na sua mulher (**Albertina**), três crianças e a mãe de Albertina. Viviam numa casa de tijolo com um telhado de zinco e tinham camas e outros móveis. Oraibo trabalhava no Município e a sua mulher tomava conta da machamba que a família possuía fora da cidade e vendia peixe seco que lhe era enviado de Angoche pelo seu tio. Albertina insistia que eles juntavam o seu rendimento e decidiam em conjunto como usá-lo. Todas as suas crianças frequentavam a escola pública e os pais queriam que elas continuassem “para a universidade” e, no futuro, “trabalhassem para o governo”. A família tinha uma rede activa constituída pela família alargada, vizinhos e amigos e contou-nos que tinham acabado de ajudar uma amiga “que teve problemas porque o seu marido deixou-a”. Questionados sobre se tinham meios para isso, responderam que ao ajudarem a sua amiga sabiam que seriam ajudados quando precisassem de apoio.

**Casos de famílias rurais.** **Isaque Ismael** foi um dos poucos chefes de agregado familiar que encontramos que afirmou ter mais do que uma mulher – em si próprio um sinal do reduzido “prestígio” da poligamia numa situação de pobreza e mudança. Isaque era um patrão de pesca, tinha casado com a sua primeira mulher “há muitos anos” e tinha quatro filhos dela e que, excepto um (uma filha com uma criança), se tinham ido embora e estabelecido os seus próprios agregados familiares em Mossuril. Isaque casou com uma segunda mulher há cerca de dez anos (da qual não teve filhos) e com uma terceira há aproximadamente cinco anos a qual, até agora, teve duas filhas e um filho. Vivem a pouca distância uns dos outros, e todos dependem da agricultura como a sua fonte mais importante de subsistência e rendimento. Isaque queixava-se que estes tempos são difíceis, e que é difícil apoiar uma família tão grande – admitindo que apenas raramente tem alguma coisa com que possa contribuir além de peixe. Embora a sua primeira esposa (que estava presente durante a entrevista) tivesse confirmado as suas declarações, uma das outras afirmou que nunca recebia nada e que ele “nem sequer ajuda na machamba e nos custos da escola”.

Para **Ossufo Braimo**, apoiar a sua família de seis pessoas (uma esposa, três filhos e uma sobrinha) é um esforço constante. Ele trabalha como marinheiro no barco de um patrão local, mas apenas é pago (às vezes em dinheiro, outras vezes em espécie) quando realmente pescam alguma coisa. Isso depende da estação, do tempo e da “disposição para trabalhar” do dono do barco. Quando não está no mar, Ossufo vende cargas de telemóvel na vila, mas queixa-se que há muitas pessoas a vender e poucas a comprar. A sua mulher Fátima trabalha na sua pequena machamba, mas diz que a

---

<sup>31</sup> Os nomes são fictícios.



produção é baixa porque o terreno é pequeno e “não há chuva”. Ela contribui para a economia do agregado familiar recolhendo conchas na praia, mas diz que é difícil conjugar isso com a tarefa de cuidar das crianças e com o trabalho no campo (“a melhor altura [para a recolha de conchas] é cedo, pela manhã”). A sua filha mais velha tem 15 anos e já está grávida, sem qualquer tipo de ajuda por parte do pai (mas aparentemente com o imã local envolvido em negociações para que a família dele pague uma compensação). Ela ajuda na machamba, mas a sua mãe lamenta-se que ela “gosta mais de namorar”. A filha mais velha deixou de estudar na terceira classe, e nenhum dos filhos mais novos em idade escolar anda na escola. De acordo com o pai a escola “fica muito longe”, mas a nossa sensação foi que o pai queria que ela realmente trabalhasse e contribuísse para o agregado familiar.

### 3.4 Educação

Na última década, o Governo de Moçambique introduziu diversas inovações no sistema de educação primária, com o fim de atingir o Objectivo de Desenvolvimento do Milénio n.º 2 sobre educação primária universal. Uma das inovações mais polémicas foi a “passagem automática” de classe, que foi introduzida em 2005 e que implica que nenhum aluno da escola primária pode repetir a classe, independentemente do seu nível de conhecimento. Obviamente, este regulamento ajuda a polir as estatísticas oficiais de frequência escolar mas terá sérias consequências no nível de capacidade dos graduados da escola primária Moçambicana.

Uma outra inovação, igualmente introduzida em 2005, foi o movimento em direcção a um sistema de educação primária “gratuito”. Até então, a decisão de enviar as crianças à escola representava um investimento financeiro no futuro da família. Neste contexto, as famílias pobres não tinham meios para educar todas as suas crianças. Em Moçambique, os homens têm tradicionalmente a responsabilidade de ganhar-pão e das tarefas financeiramente produtivas e, conseqüentemente, a educação dos rapazes foi durante muito tempo considerada uma prioridade. Como a divisão tradicional do trabalho coloca as mulheres em casa a cuidar das tarefas reprodutivas, não se achava necessário, ou até significativo, pagar a educação de uma rapariga.

Todavia, apesar do sistema escolar nominalmente gratuito, na prática, a educação ainda hoje envolve despesas, mesmo ao nível da escola primária. As famílias ainda precisam de pagar os uniformes escolares, cadernos, canetas e outro material escolar (excepto livros) que cada criança precisa de trazer consigo. Em alguns casos nas áreas rurais, onde a distância até à escola é significativa, as famílias podem também precisar de cobrir custos com transporte e/ou alojamento.

Em todo o caso, as recentes inovações no sector da educação têm tido um impacto positivo nos níveis de frequência escolar. De acordo com o Relatório de Desenvolvimento do Milénio de Moçambique para 2008 (MPD 2008), o índice médio líquido de matrícula na escola primária subiu de 69,4% em 2003 para 95,5% em 2007.<sup>32</sup> Embora a diferença entre raparigas e rapazes se esteja a nivelar progressivamente em termos de matrícula, a diferença de género permanece grande em termos da taxa de conclusão do 1º nível da escola primária – em 2007, o índice agregado de conclusão para os rapazes era de 80% vs. 65,1% para as raparigas.

Embora não haja estatísticas recentes disponíveis sobre educação para cada província, o último Inquérito Demográfico e de Saúde (2003) mostrava que a taxa de frequência da escola primária em Nampula era de 46,7% - 50,2% para os rapazes e 43,1% para as raparigas. Naquela altura, apenas 0,7% das mulheres e raparigas (de 6 anos para cima) e 1,9% dos homens e rapazes em Nampula tinham completado a escola primária (MISAU 2005). Na falta de quaisquer estatísticas mais

<sup>32</sup> O relatório nada revela sobre a base de cálculo do índice e não foi possível obter explicação por parte do Ministério da Educação.

recentes, não é ainda possível definir o efeito do regulamento de passagem automática. De qualquer modo, fica claro que a frequência escolar está a melhorar entre as gerações mais novas.

Em 2003, ao nível nacional, a frequência escolar atingia o nível mais alto nas crianças entre os 11 e 13 anos e começava a baixar significativamente entre as raparigas depois dos 14 anos e os rapazes depois dos 15. Não obstante, a nível nacional mais de metade dos jovens aos 16 anos ainda vai à escola (MISAU 2005). Dentro da nossa amostra do estudo em Nampula, também mais de metade dos jovens abaixo dos 16 anos (57%) vai à escola. Contudo, contrariamente às estatísticas nacionais, no nosso estudo na Nampula urbana e no Mossuril rural 60% das crianças que vão à escola são raparigas. Embora isto possa ser uma questão de amostragem, indica que as pessoas estão mais propensas a mandar as raparigas à escola do que anteriormente (ver MISAU 2005; UNICEF 2006).

Como se vê na tabela 32, não há grandes diferenças na frequência escolar das crianças entre agregados familiares chefiados por mulheres e chefiados por homens, na cidade de Nampula. Em ambos os tipos de agregados familiares há um pouco mais de raparigas a irem à escola do que rapazes; nos agregados familiares chefiados por mulheres este fenómeno é ligeiramente mais acentuado. É necessário notar ainda que a proporção de raparigas nos agregados familiares chefiados por mulheres é bastante mais elevada do que nos chefiados por homens (65% vs. 49% da composição do agregado familiar). No entanto, a indicação de as chefes femininas de agregados familiares enfatizarem a educação das raparigas está muito em linha com muitos estudos internacionais e nacionais que afirmam que as mulheres com capacidade de tomar decisões tendem a investir mais na educação das suas crianças e dependentes jovens do que os homens.

**Tabela 32.** *Rapazes e Raparigas que Estudam – Nampula (em percentagem)*

As crianças vão à escola?	Cidade de Nampula				Total
	AFCH		AFCM		
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Sim	53	58	53	64	57
Não	47	42	47	36	43
Total	100	100	100	100	100

A situação é bem diferente em Mossuril, como se mostra na Tabela 33. Das crianças com menos de 16 anos apenas 40% vão à escola. De um modo geral, a taxa de frequência escolar das crianças é mais alta nos agregados familiares chefiados por mulheres do que nos chefiados por homens. Em Mossuril, a educação dos rapazes é claramente priorizada, tanto nos agregados chefiados por homens como nos chefiados por mulheres. Embora apenas 42% das crianças que vão à escola sejam raparigas, a disparidade de género é, todavia, bastante maior nos agregados familiares chefiados por homens (a diferença entre rapazes e raparigas é de 24%) do que nos chefiados por mulheres (a diferença é de 15%).

**Tabela 33.** *Rapazes e Raparigas que Estudam – Mossuril (em percentagem)*

As crianças vão à escola?	Mossuril				Total
	AFCH		AFCM		
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Sim	43	19	60	45	40
Não	57	81	40	55	60
Total	100	100	100	100	100

A forte priorização da educação dos rapazes em Mossuril fala sobre os valores patriarcais e os papéis sociais tradicionais de homens e mulheres. Aqui, as mulheres ainda estão estreitamente ligadas ao cenário doméstico e, por isso, um investimento na sua educação parece ter menos significado. De modo interessante, todavia, mesmo em Mossuril as mulheres que têm poder de decisão e recursos financeiros para porem as suas decisões em prática tendem a mandar as suas filhas à escola com mais frequência do que as suas contrapartes masculinas. Indubitavelmente, estas mulheres chegaram à conclusão de que também para as raparigas as vantagens para o futuro são de longe melhores se possuírem educação escolar formal.

A frequência escolar das crianças parece ter alguma correlação com a religião do chefe do agregado familiar. Dentro dos agregados familiares católicos, 63% das crianças vão à escola, enquanto que nos agregados familiares Muçulmanos a percentagem é apenas de 48%. Estas percentagens, provavelmente, omitem o número de crianças Muçulmanas que frequentam escolas religiosas (*madrassas*), as quais, como já observado, são muitas vezes a opção preferida das famílias Muçulmanas. Sabe-se que o sistema escolar religioso também proporciona às crianças algum conhecimento científico, mas ao mesmo tempo reforça fortemente os papéis sociais diferenciados de homens e mulheres.

Ao explorar as razões pelas quais as crianças não vão à escola, foi frequentemente dito que a própria criança tinha abandonado a escola. Tanto em Mossuril como em Nampula, esta foi a resposta mais comum para explicar a não frequência das raparigas. Em relação à maioria dos rapazes em Mossuril, foi dito que a escola ficava muito longe ou que os parentes, por razões não especificadas, não tinham podido matricular a criança na escola.

Se passarmos agora a analisar o nível de educação dos chefes de agregado familiar, nota-se que dentro da nossa amostra na cidade de Nampula o nível de educação dos chefes masculinos e femininos do agregado familiar está surpreendentemente bem equilibrado. Como se mostra na Tabela 34, pouco mais de metade (52% de chefes femininas de agregados familiares e 51% de chefes masculinos) concluíram pelo menos o nível mais alto da escola primária e aproximadamente 30% das chefes femininas de agregados familiares e 40% dos chefes masculinos terminaram a escola secundária. O relativamente bom nível de educação entre as chefes femininas de agregado familiar pode ser parcialmente explicado pela sua idade; 23% têm menos de 35 anos e 85% têm menos de 50 (comparado respectivamente com 18% e 68% entre os chefes masculinos). Como já observado, as gerações mais novas tendem a ter melhor acesso à educação escolar.

Em Mossuril, o nível geral de educação é consideravelmente mais baixo e as disparidades de género são notáveis. Aqui, 70% das chefes femininas de agregado familiar nunca foram à escola, enquanto a maior parte dos chefes masculinos (63%) concluiu o grau mais baixo (EP1) da escola primária. Isto é compreensível, considerando que as chefes femininas de agregado familiar são bastante mais velhas; 37% têm 50 anos ou mais enquanto apenas 3% têm menos de 35 anos.<sup>33</sup> Muitas das mulheres da geração mais velha passaram a sua infância nas machambas em vez de na escola.

---

<sup>33</sup> Além disso, 43% das chefes femininas de agregados familiares em Mossuril não sabem a sua idade. Isto indica que i) nunca foram à escola, e ii) são bastante velhas. Se estas respondentes forem adicionadas ao grupo de chefes femininas de agregados familiares que disseram ter 50 anos ou mais, o resultado indica que 80% das chefes femininas em Mossuril são de facto pessoas mais velhas.

**Tabela 34.** *Nível de Educação do Chefe do Agregado Familiar (em percentagem)*

Nível de educação do chefe do agregado familiar	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Nunca foi à escola	23	70	9	12	28
Alfabetizado (nome próprio)	7	27	3	8	11
Primeiro grau da escola primária (EP1)	63	3	37	28	33
Segundo grau da escola primária (EP2)	3	0	11	12	7
Escola secundária	0	0	17	28	11
Escola técnica	0	0	3	0	1
Ensino superior	3	0	14	12	8
Educação universitária	0	0	6	0	2
Total	100	100	100	100	100

Dentro da nossa amostra de agregados familiares, as crianças têm muitas vezes um nível de educação mais elevado do que os seus pais – ver a Tabela 35. Esta é uma tendência fortemente dominante nos agregados familiares chefiados por mulheres, enquanto que nos chefiados por homens na cidade de Nampula o nível de educação mais alto pertence tão frequentemente ao chefe do agregado familiar como ao seu filho ou filha. Em Mossuril, o chefe masculino do agregado familiar é tipicamente o que tem o nível de educação mais elevado. Isto indica que muitos pais proporcionam aos seus filhos o mesmo nível de educação que eles próprios têm. É também provável que as crianças com níveis de educação mais altos tenham deixado a casa e partido para cidades maiores à procura de maiores oportunidades.

**Tabela 35.** *Nível de Educação mais Elevado no Agregado Familiar (em percentagem)*

Pessoa com o nível mais elevado de educação	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
CAF	43	7	37	16	27
Esposa	3	0	11	20	8
Filho/filha	30	47	37	40	38
Outro membro do AF	20	10	14	24	17
Nenhuma	3	37	0	0	10
Total	100	100	100	100	100

Interessantemente, tanto em Nampula como em Mossuril, a pessoa que tem o nível de educação mais alto é quase sempre do sexo masculino em agregados familiares chefiados por homens, enquanto a situação é a oposta nos chefiados por mulheres. Neste caso, a pessoa com o nível de educação mais elevado é com mais frequência do sexo feminino. Isto pode ser pelo menos parcialmente explicado pelo facto de os agregados familiares chefiados por mulheres serem compostos principalmente por raparigas e mulheres (65% da composição do agregado familiar, comparado com 49% nos agregados familiares chefiados por homens). Por outro lado, como demonstrado antes, as mulheres dão claramente mais importância à educação das raparigas (e dos rapazes) do que os homens.

Globalmente, é visível que a aderência escolar das raparigas é influenciada por vários factores diferentes, dos quais identificámos aqui o sexo do chefe do agregado familiar, a área onde a família vive (rural-urbana) e, até certo ponto, a religião do referido chefe. Em resumo, a educação formal das raparigas é mais comum na urbana Nampula entre os agregados familiares chefiados por mulheres que praticam o Catolicismo. Em Mossuril, tanto as chefes femininas de agregados

familiares como os chefes masculinos tendem a priorizar a educação dos rapazes. Todavia, a probabilidade de as crianças frequentarem a escola é mais alta nos agregados familiares chefiados por mulheres, e a diferença entre rapazes e raparigas é menor. De um modo geral, o nosso estudo sustenta solidamente a hipótese internacional de que as mulheres, mesmo as materialmente pobres, investem mais na educação das suas crianças – filhos e filhas – do que os homens.

**Lizete Ussene** vive na cidade de Nampula, e cresceu numa família de nove pessoas (o seu pai e a sua mãe, dois irmãos, duas irmãs e dois primos pequenos que viviam com eles desde o falecimento da mãe). O seu pai era guarda de uma empresa local de segurança e a sua mãe trabalhava na machamba e em casa. A Lizete contou-nos que tinha visto quão duramente a sua mãe trabalhava sem nunca ter tempo livre, e decidiu cedo que queria estudar “para ser capaz de ganhar o seu próprio dinheiro”. O seu pai tinha apenas a terceira classe e a sua mãe não tinha qualquer habilitação, mas a Lizete afirmou que eles tinham visto o valor da educação quando um vizinho recebeu dinheiro de uma filha que se tinha tornado enfermeira. Afirmou também que fez a escola primária ‘sem repetir’ qualquer ano e conseguiu iniciar e pagar os estudos na escola secundária com a ajuda do irmão da sua mãe e “algum dinheiro que o meu pai poupou para mim”. Lizete está perfeitamente consciente que teve sorte: “Muitas das minhas amigas deixaram de estudar e estão agora casadas e com filhos. Mas eu quero uma vida diferente para mim. Quero ser enfermeira”.

Encontrámos **Felisberta Tiquire** nos arredores da vila de Mossuril, quando estava a pilar grão e cuidar da criança que trazia às costas. Disse-nos que tinha 15 anos e que vivia com a sua mãe, o seu pai, três irmãos mais novos e com o seu filho que tinha apenas um ano. O seu pai era pescador e a sua mãe trabalhava no campo “e de vez em quando faz bolinhas”. Felisberta parou de estudar depois da 3ª classe, segundo disse porque não havia dinheiro para estudar mas, de acordo com o seu pai (com quem nos encontramos mais tarde), porque não valia a pena dado que os professores não apareciam e “ela não aprendia nada”. Felisberta não vivia com o pai do seu filho nem dele recebia qualquer apoio (“ele trabalhava para a Mcel e voltou para Nampula”). Ela passava os seus dias a trabalhar na machamba ou a cuidar dos seus irmãos e do seu filho. Felisberta disse que seria bom estudar mais, mas que isso era difícil com um filho e com todo o trabalho que tinha de fazer para ajudar a família. Afirmou não ter amigas que tivessem ido além da escola primária, e que todas eram casadas ou tinham filhos e trabalhavam nas machambas.

### 3.5 Saúde

Estima-se que aproximadamente 50% da população em Moçambique tem acesso aos serviços de saúde (MISAU 2005). Aproximadamente 36% da população tem um ‘fácil acesso’ a uma unidade sanitária, i.e. as pessoas gastam menos de 30 minutos, a partir da sua residência, para chegar a uma unidade sanitária. O acesso é significativamente melhor nas áreas urbanas do que nas áreas rurais (INE 2004). Vale a pena notar que há uma correlação positiva entre a utilização dos serviços de saúde e o nível de educação e consumo. A frequência do uso dos serviços de saúde é mais limitada entre as pessoas sem uma educação formal e entre as que têm um nível de consumo mais baixo (primeiro quintil) (INE 2004).

A taxa de mortalidade infantil é amplamente usada, não apenas como um indicador de saúde, mas também como um dos indicadores de desenvolvimento essenciais. Os últimos dados disponíveis sobre a taxa de mortalidade infantil em Moçambique vêm do Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS) de 2003, que estabeleceu a taxa de mortalidade infantil geral em 124 por 1.000 nascimentos (MISAU 2005). Embora a taxa de mortalidade infantil e a malnutrição sejam problemas comuns em Moçambique, não há diferenças significativas entre raparigas e rapazes (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008).

A taxa de mortalidade infantil em Moçambique é duas vezes mais alta entre os 20% mais pobres da população, comparados com os 20% mais ricos - 143 e 71 respectivamente por cada 1.000 nados vivos (PNUD 2007). Além disso, a taxa de mortalidade infantil é mais alta entre as crianças cujas mães têm nenhuma ou um baixo nível de educação, e.g. a taxa de mortalidade infantil é 65/1.000 entre as mães com a escola secundária, contra 142/1.000 entre as mães que não têm educação formal. O Inquérito Demográfico e de Saúde de 2003 (MISAU 2005) mostra que a tendência de mortalidade das crianças jovens e bebés diminui à medida que as mulheres têm maior poder de tomada de decisões dentro do agregado familiar. Por exemplo, nos agregados familiares onde as mulheres não têm a possibilidade de dar opinião, a taxa de mortalidade infantil é de 164/1.000, comparada com 108/1.000 nos agregados familiares onde a mulher participa na tomada de decisões em cinco situações diferentes (MISAU 2005).

Tendo dito isto deve realçar-se que, de um modo geral em Moçambique, os homens tomam a maioria das decisões relacionadas com a saúde nos agregados familiares por eles chefiados. Este fenómeno é ainda mais acentuado nas áreas rurais, onde 96,2% das decisões relacionadas com a saúde são tomadas pelos chefes masculinos dos agregados familiares, comparado com 78,2% nas áreas urbanas (Banco Mundial 2007). A tomada de decisões desequilibrada é muitas vezes apontada como a razão principal para a falta de acesso das mulheres aos serviços de saúde e aos serviços de saúde reprodutiva, em particular.

O nosso estudo prova que a mortalidade infantil continua elevada na cidade de Nampula e em Mossuril. Como se vê na Tabela 36, em ambos os locais uma média de 70% dos chefes de agregados familiares perderam pelo menos uma criança durante os primeiros 12 meses após o nascimento. A ocorrência de mortalidade infantil no primeiro ano de vida e o número de crianças falecidas durante o seu primeiro ano de vida é das mais altas entre as chefes femininas de agregados familiares rurais, entre as quais 86% perderam pelo menos uma criança (contra 50% dos chefes masculinos de agregados familiares rurais) e 32% perderam três ou mais crianças (vs. 6% nos chefes masculinos de agregados familiares rurais). À primeira vista, estes resultados podem apanhar-nos de surpresa, mas deve ser lembrado que 70% destas mulheres não tiveram acesso a qualquer educação formal e 57% delas vivem abaixo da linha de pobreza nacional (i.e. menos de 8,5 Meticais por dia). Assim, é provável que elas tenham também conhecimento insuficiente de boas práticas de saúde e higiene e limitada consciência das doenças e das diferentes opções de tratamento.

Como era de esperar na cidade de Nampula, onde os antecedentes económicos e educacionais dos chefes de agregados familiares são mais equilibrados, a situação é exactamente o oposto. Aqui, 83% dos chefes masculinos de agregados familiares sofreram a morte de pelo menos uma criança com menos de um ano, em comparação com 52% das chefes femininas. Mais uma vez, esta constatação apoia fortemente o argumento de que as mulheres com capacidade para tomar decisões tendem, mais do que os homens, a dar prioridade ao bem estar das suas crianças.

**Tabela 36.** *Agregados Familiares que Sofreram a Mortalidade Infantil (0-12 meses) (em percentagem)*

Número de crianças falecidas	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Nenhuma	50	14	17	48	30
1	31	29	50	24	33
2	13	25	28	19	22
3	6	11	6	10	8
4	0	18	0	0	6
5	0	4	0	0	1
Total	100	100	100	100	100

Quando voltamos a nossa atenção para a saúde da população adulta, os nossos estudos indicam que a probabilidade de cair doente é maior na área rural do que na área urbana. Isto é provavelmente o resultado de uma higiene menos cuidada e de medidas preventivas de saúde insignificantes (incluindo a deficiente qualidade da água para beber, habitação, nutrição, etc.) que muitas vezes prevalecem nas áreas rurais. Além disso, a saúde geral das chefes femininas de agregados familiares parece ser mais fraca do que a dos chefes masculinos, como se observa na Tabela 37. Em Nampula e em Mossuril mais de metade das chefes femininas de agregados familiares foram assinaladas como estando doentes durante o mês que precedeu o nosso estudo, em comparação com a média de 39% dos chefes masculinos.

**Tabela 37.** *Proporção de Agregados Familiares com o Chefe Doente no Último Mês (em percentagem)*

Chefe do Agregado Familiar Doente	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	47	67	31	52	48
Não	53	33	69	48	52
Total	100	100	100	100	100

O padrão é bastante similar no que respeita a outros membros do agregado familiar. A ocorrência de doença é mais comum em Mossuril do que em Nampula e em Mossuril 50% das chefes femininas de agregados familiares tinham tido membros do agregado familiar doentes – outros que não elas mesmas – no último mês (vs. 32% de chefes masculinos). Em Nampula, a diferença entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres não é tão grande, mas mesmo aí o último grupo encontrou uma incidência de doenças ligeiramente mais alta (28% vs. 21%). Em Mossuril, a situação pode ser entendida com base na idade mais velha das chefes femininas de agregados familiares e no nível mais elevado de pobreza material que torna as suas condições de vida mais precárias e o estatuto geral de bem estar mais propenso à doença. Todavia, a fim de se entender a situação dos agregados familiares chefiados por mulheres em Nampula, é necessário olhar para além dos números quantitativos apresentados.

Embora as mulheres possam de facto estar mais vezes doentes do que os homens, é necessário ter em mente duas coisas. Primeiro, o conceito de doença (ou estado saudável) é muito subjectivo, e.g. a fadiga e o estado de fraqueza a longo prazo podem ser interpretados como doença por uma pessoa, enquanto outra pode considerá-los como parte das alterações corporais normais. Em segundo lugar, as mulheres são as principais cuidadoras dos membros doentes do agregado familiar e, conseqüentemente, as suas memórias relacionadas com doenças são tipicamente mais precisas do

que as dos homens que podem simplesmente ignorar a doença de um membro da família, especialmente se não precisar de cuidados de saúde específicos ou de investimentos financeiros. Consequentemente, deve-se explorar mais o tipo de doenças no agregado familiar antes de aqui formar quaisquer conclusões firmes sobre as diferenças de género.

Considerando a limitada cobertura da rede nacional de saúde, é de alguma forma surpreendente que a grande maioria da nossa amostra de população em Nampula e Mossuril – tanto mulheres como homens – diga que procurou assistência numa unidade sanitária quando eles, ou membros do seu agregado familiar, estavam doentes – ver a Tabela 38. Deve realçar-se contudo que é relativamente fácil aceder às instituições de saúde tanto em Nampula como em Mossuril.<sup>34</sup>

**Tabela 38.** *Principal Lugar de Tratamento de Doenças (em percentagem)*

Principal lugar de tratamento	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Hospital / unidade sanitária	95	94	100	100	97
Curandeiro tradicional	7	6	2	5	5
Total	102	100	102	105	102

Apenas 5% dos entrevistados dizem que foram a um curandeiro tradicional; não havia diferenças significativas entre as áreas geográficas ou entre os chefes masculinos e femininos de agregados familiares.<sup>35</sup> Isto pode ser surpreendente considerando que, depois da Zambézia, Nampula tem sido a província com a mais alta frequência de consultas a curandeiros tradicionais; em 2003, 19% da população na Província de Nampula consultou curandeiros tradicionais (INE 2004). Todavia, é preciso lembrar que os curandeiros tradicionais são principalmente consultados por problemas que são entendidos como tendo origem espiritual. Estes problemas não são necessariamente considerados como doença e, por isso, o seu tratamento não estaria reflectido nas respostas acima.

Também não é incomum as pessoas ficarem em casa quando estão doentes sem qualquer tipo de assistência. Uma situação dessas foi descrita e.g. por um chefe masculino de agregado familiar na cidade de Nampula cuja mulher e uma filha tinham estado doentes na semana anterior à entrevista. Não as levou a nenhum lado para receberem assistência porque não tinha dinheiro.

Em geral, há evidência comprovativa de que a capacidade das mulheres para tomarem decisões tem uma forte correlação com o estado de saúde das suas crianças e dependentes. Em Moçambique, a capacidade das mulheres tomarem decisões é tipicamente reduzida pela norma social que enfatiza a autoridade masculina. Como provado pelo nosso estudo, a capacidade das mulheres tomarem decisões, ou capacidade de agir, é ainda reduzida pela pobreza material e baixo nível de educação. Na nossa amostra, as taxas de mortalidade infantil mais altas verificaram-se nos agregados familiares rurais chefiados por mulheres. Na maior parte dos casos, os chefes femininos destes agregados familiares nunca foram à escola e vivem em pobreza absoluta. Na cidade de Nampula, onde o nível de educação de homens e mulheres está mais equilibrado, a taxa de mortalidade infantil é de longe mais baixa entre os agregados familiares chefiados por mulheres do que entre os chefiados por homens.

<sup>34</sup> Na cidade Nampula há um hospital central e várias unidades sanitárias pequenas. Em Mossuril, há um hospital distrital que serve a área onde as entrevistas tiveram lugar.

<sup>35</sup> Note-se que na Tabela 38 alguns totais são acima de 100% porque algumas pessoas consultaram tanto uma unidade de saúde como um curandeiro tradicional.



Encontrámos **Alima Minzane** quando esperava no corredor do Hospital de Mossuril. Há muitos dias que se sentia mal do estômago e tinha deixado a sua aldeia no dia anterior e caminhado durante a noite até ao hospital. O seu marido queria levá-la primeiro ao curandeiro, mas quando ela se sentiu pior concordou que fosse ao hospital. Alima estava acompanhada pela sua irmã. Alima disse-nos que havia sempre gente doente na família e que ela já tinha perdido três bebês [ficando ainda com duas raparigas e um rapaz]. Quando ficava doente não sabia o que fazer. O curandeiro custa dinheiro “e nem sempre ajuda”, não podia pagar medicamentos, e dificilmente conseguia dinheiro para comprar carne e peixe (“*karil*”) para acompanhar a mandioca (com valor nutricional muito baixo) que comia todos os dias. “Tenho de rezar pelos meus filhos [para que não morram]”.

**Muaramadane Bicú** era um curandeiro que encontrámos na cidade de Nampula, que nos contou que tinha uma esposa, quatro crianças e “outras três pelas quais pago”. Ser curandeiro era a única ocupação que ele tinha, mas a sua mulher ganhava algum dinheiro trabalhando numa padaria local. Muaramadane afirmou que as pessoas na cidade vão habitualmente ao posto de saúde ou ao hospital quando estão doentes com dores de estômago ou malária, mas que vêm ter com ele “se isso não ajuda” ou pelo que ele chamava razões “espirituais”. Cobrava 250 Meticais por consulta, mas dizia também que algumas vezes ajudava pessoas “que não têm dinheiro para ir ao hospital ou para virem ter comigo”. Tendo trabalhado em áreas rurais quando era jovem, Muaramadane afirmou que as pessoas eram mais saudáveis na cidade “porque aqui comemos pão” do que nas áreas rurais “onde há sempre fome”. Muitas das pessoas que o consultavam eram homens, mas quase sempre para ajudar uma esposa, um filho ou outro familiar.

### 3.6 Relações Comunitárias e Conflitos

A partir das nossas descrições do distrito de Mossuril e da cidade de Nampula no Capítulo 2, é evidente que representam tipos muito diferentes de comunidades: a população em Mossuril partilha uma história comum e tem, em geral, as mesmas raízes sócio-culturais e religiosas; vivem em comunidades rurais escassamente povoadas onde a maioria das pessoas se conhece entre si; e muitas pessoas são relativamente pobres e dependem do comércio em pequena escala, da agricultura e pesca. A cidade de Nampula e os seus bairros de Muatala e Namutequeliua são povoados por migrantes urbanos com diferentes trajetórias históricas e culturais; são densamente povoados por pessoas que podem saber muito pouco umas das outras; e embora muitas pessoas nos bairros sejam pobres em termos materiais, há um alto nível de desigualdade na cidade em geral – lembrando constantemente às pessoas dos bairros a sua posição sócio-económica inferior.

O que pode parecer representar um nível mais elevado de coesão social ou ‘capital social’, em pequenas comunidades *relativamente* igualitárias e formadas por parentes próximos como Mossuril é, em primeiro lugar e acima de tudo, desafiado pela pobreza material. Encontrámos constantemente pessoas que estavam bem conscientes acerca de outras nas suas comunidades, que sofriam de profunda pobreza e desamparo, mas que foram deixadas sem ajuda apenas porque os outros membros da família, vizinhos e amigos não tinham nada para lhes dar.

Muitos daqueles que se encontram socialmente isolados ou excluídos eram pessoas mais velhas com responsabilidade pelos netos, sobrinhos ou sobrinhas. Outros estavam física ou mentalmente incapacitados. E outros ainda eram simplesmente pessoas muito pobres sem fontes de subsistência excepto apelar para a ajuda dos outros. De acordo com os grupos focais masculinos e femininos em Mossuril, as pessoas têm a tendência de ajudar aqueles que elas sabem estar em posição de devolver o favor noutra altura em que elas próprias necessitem de ajuda – deixando os muito pobres entregues à mesquita ou a outras instituições sociais.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> A Mossuril Muçulmana recolhe dinheiro para os necessitados como parte das cerimónias religiosas à Sexta-feira, mas de acordo com um *sheikh* local, a população não tem muito para dispensar.

Se medido através da inserção em diferentes agrupamentos sociais (Tabela 39), as mulheres em Mossuril são aproximadamente tão activas socialmente como os homens. Embora estando menos activamente envolvidos em organizações religiosas,<sup>37</sup> associações de pesca e organizações comunitárias do que os agregados familiares chefiados por homens, os agregados familiares chefiados por mulheres são mais activos do que as suas contrapartes masculinas em associações culturais e de poupança. A coesão social é fortalecida para todos pela inserção na comunidade Islâmica. Notavelmente, mais homens e mulheres são membros de associações de pesca do que de associações agrícolas – apesar dos esforços concertados do distrito para desenvolver estas últimas.

**Tabela 39. Membros de Igrejas / Associações (em percentagem)**

Tipo de associação	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Igreja/Mesquita	63	53	40	36	48
Agrícola	10	0	3	4	4
Pesca	20	10	0	0	8
Cultural	6	20	3	0	7
Comunitária	6	3	9	4	6
Poupança	0	7	17	20	11
Outra	0	3	9	4	4
Total	100	100	100	100	100

Na cidade de Nampula, as pessoas parecem compensar a limitada coesão comunitária dos bairros densos, tensos e fragmentados confinando a sua 'comunidade' mental à vizinhança próxima ou quarteirão. Aí desenvolvem relações individuais de confiança e apoio mútuo, fazendo dos vizinhos e amigos próximos uma parte importante da sua comunidade imediata. Também aí a pobreza material constitui a principal limitação para verdadeiramente preencher estas relações com conteúdo material – o que, em cenários urbanos como Muatala e Namutequeliua, geralmente implica dinheiro. Embora os agregados familiares chefiados por homens sejam geralmente mais activos em actividades religiosas e comunitárias organizadas, as mulheres são mais activas nas associações agrícolas e sociedades de poupança, o que mais uma vez aponta no sentido de um novo espaço económico para as mulheres em contextos urbanos.

De acordo com os nossos grupos focais em Namutequeliua, as pessoas que se consideram a si próprias socialmente isoladas ou excluídas no bairro onde vivem não são principalmente as pessoas mais velhas (que representam uma minoria muito pequena) mas antes as pessoas que foram consideradas nocivas para a comunidade ou demasiado 'preguiçosas' (chamadas '*wihacha*' no Macua vernáculo local) para trabalhar e, conseqüentemente, não merecendo apoio. Geralmente estas pessoas, de acordo com os grupos focais masculinos e femininos, eram homens. Para os mais pobres, a igreja e a mesquita representam fontes potenciais de apoio na cidade de Nampula – mas as pessoas têm também melhor acesso às instituições governamentais e aos fundos sociais.<sup>38</sup> Durante a nossa visita ao Posto Administrativo de Namutequeliua, uma longa fila de residentes locais – identificados como necessitados pelos chefes de quarteirão – alinhava-se para receber auxílio do Fundo de Acção Social.

<sup>37</sup> O número inclui pessoas que são *membros activos* em associações e organizações, e não pessoas que apenas colaboram em ocasiões específicas – como serviços religiosos.

<sup>38</sup> Também é nossa impressão, a partir de outros lugares onde trabalhamos (Tvedten et al. 2007; Rosário et al. 2008), que estes fundos tendem a ficar nos Municípios ou capitais Distritais.

As percepções da ‘comunidade’ e os principais problemas que as pessoas enfrentam estão reflectidos na Tabela 40 abaixo. A fonte mais importante de problemas comunitários em Mossuril, de acordo com os agregados familiares chefiados por homens e por mulheres, é o desemprego e a pobreza que o acompanha. A extrema pobreza como se encontra em Mossuril esvazia o capital sócio-cultural da comunidade e força as pessoas a pensarem principalmente nelas mesmas. Na cidade de Nampula há uma maior variedade de conflitos do que em Mossuril. Aqui, o roubo e a violência são considerados problemas tão importantes como a pobreza. Além disso, diversas pessoas mencionaram as fracas infra-estruturas como a principal razão de preocupação.

**Tabela 40.** Principais Razões de Preocupação na Comunidade (em percentagem)

Área de Conflito	Mossuril		Nampula	
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM
Desemprego, pobreza	90	97	29	35
Roubo, furto	3	0	29	23
Violência	0	0	18	8
Fracas infra-estruturas	3	3	15	15
Fraca colaboração	3	0	0	8
Doença	0	0	0	4
Nenhuma	0	0	9	8
Total	100	100	100	100

Especialmente em Mossuril, o limiar parece relativamente elevado para tentar resolver conflitos no agregado familiar através de instituições externas. Há um sentimento bastante espalhado de que os conflitos devem ser resolvidos dentro ou entre os agregados familiares ou as famílias alargadas directamente envolvidas, tanto na cultura tradicional Macua como na lei da família Islâmica. Em ambos os casos, particularmente as mulheres que perseguem assuntos ‘privados’ no espaço ‘público’, são entendidas negativamente. Para aqueles que têm conflitos, as pessoas em Mossuril e em Nampula ainda confiam principalmente nos líderes comunitários locais (ver a Tabela 41). Estes são normalmente os régulos com os seus *chingores* em Mossuril, e os chefes de quarteirão e chefes de dez casas na cidade de Nampula, ou líderes religiosos e curandeiros. A polícia é abordada, principalmente em caso de roubo e, em menor grau, no caso de infidelidade entre casais. As pessoas parecem confiar menos na polícia, em Mossuril, do que na cidade de Nampula. Há também um sentimento alargado em Mossuril, bem como nos bairros de Nampula, de que a polícia e os tribunais do estado não levam a sério os conflitos locais, e são usados num grau muito limitado.

**Tabela 41.** Principais Fontes de Resolução de Conflitos (em percentagem)

Fonte de resolução de conflitos	Mossuril		Nampula	
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM
Líder comunitário	36	28	22	20
Parente chegado*	1	2	5	3
Polícia	2	5	9	5
Líder religioso	8	2	4	0
Curandeiro	10	11	9	11
Tribunal	0	0	0	2
Vizinhos/amigos	1	4	6	8
Nenhuma	0	1	1	2
Outra **	17	17	17	16
Sem problema	24	31	27	33
Total	100	100	100	100

\* Geralmente identificado como o tio materno \*\* Incluindo ‘resolvido no agregado familiar’

O grupo focal de mulheres em Namutequeliua estava particularmente preocupado com a violência que, conforme argumentaram, está a tornar-se mais comum e mais séria. Embora a violência seja vista como uma razão legítima para sair de um casamento, tanto pelas convenções sócio-culturais tradicionais Macuas como pelas Muçulmanas, ainda é muito difícil deixar um parceiro violento que não quer o divórcio. Os tribunais comunitários locais e os órgãos Islâmicos de mais velhos e instruídos (*khula*) pedem a 'prova' por parte das mulheres que, muitas vezes, é difícil de apresentar. E levar o caso à polícia ou ao tribunal público significa pôr em perigo a sua posição no agregado familiar e na comunidade. Neste sentido, instituições como a Associação Moçambicana das Mulheres de Carreira Jurídica (AMMCJ), que foi estabelecida especificamente para acompanhar casos de violência contra as mulheres e tem o seu escritório em Nampula, lamentam-se de que o limiar é demasiado elevado, em particular para que as pessoas nos bairros levem os seus casos até elas.

Dito isto, parece haver um sentido de mudança na direcção certa entre a população das comunidades de Mossuril e Muatala/ Namutequeliua: a maioria dos agregados familiares (56%) pensa que as condições nas suas comunidades melhoraram nos últimos cinco anos, 28% pensa que estão na mesma e 15% pensa que se deterioraram (Tabela 42).<sup>39</sup> De uma perspectiva de género, é mais uma vez notável que, em Mossuril, a proporção mais alta de agregados familiares que pensa que a situação nas suas comunidades se deteriorou encontra-se entre os agregados familiares chefiados por mulheres. Isto implica que as comunidades rurais tradicionais sofrem um processo de marginalização e exclusão dos muito pobres. Pode também ser um sinal da progressão da epidemia de HIV/SIDA, que reduziu a geração produtiva jovem e deixou para as pessoas mais velhas o encargo de, sozinhas, cuidarem dos netos. Como as redes de segurança tradicionais estão esticadas ao máximo, a geração mais velha é abandonada sem qualquer apoio monetário ou material.

Por outro lado, a proporção mais alta de agregados familiares que pensam que a situação nas suas comunidades melhorou encontra-se entre os agregados familiares chefiados por mulheres em Muatala/Namutequeliua. Isto mostra que as mulheres, apesar de uma opressão e pobreza contínuas, se apercebem que o seu espaço social se expandiu num contexto urbano como a cidade de Nampula. Além disso, não obstante o sofrimento actual, metade dos chefes de agregados familiares em Mossuril e dois terços em Nampula confiam que o futuro na comunidade será melhor. As chefes femininas de agregados familiares em Nampula são as mais optimistas (92% acreditam que as condições melhorarão no futuro), enquanto que em Mossuril não há diferenças significativas entre os dois grupos.

**Tabela 42.** *Mudanças Observadas na Comunidade nos Últimos Cinco Anos (em percentagem)*

Direcção das mudanças	Mossuril		Nampula		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Melhorou	47	53	54	72	56
Está na mesma	37	13	37	24	28
Deteriorou-se	17	33	6	4	15
Não sabe	0	0	3	0	1
Total	100	100	100	100	100

<sup>39</sup> Usamos sempre este tipo de dados com uma palavra de prudência: a nossa experiência diz-nos que muitas pessoas têm dificuldades relacionadas com a percepção de 'melhoramento' e 'deterioração' na sua comunidade, dado que tendem principalmente a pensar em termos da sua própria situação imediata. Além disso, as pessoas não gostam de se lamentar, sobretudo perante visitantes externos.

**As comunidades locais** em Mossuril e na cidade de Nampula distinguem-se como cenários sócio-culturais muito diferentes para as mulheres. Visitando as comunidades em Mossuril, as mulheres e os homens parecem habitualmente moverem-se, sentarem-se e falarem em grupos separados. Quando voltam da machamba ou do mar, os homens reúnem-se fora de certas casas ou debaixo das árvores e falam de “coisas de homens” como “os velhos tempos”, “o governo” e os desafios na agricultura e nas pescas. E às Sextas-feiras, os homens afluem às mesquitas onde ficam também separados das mulheres. As mulheres, por sua vez, parecem caminhar e falar em pequenos grupos, principalmente à volta das suas casas, e só raramente se sentam em grandes grupos excepto quando chamadas para reuniões públicas. Também aí, elas tendem a ficar ao fundo e raramente falam, excepto quando a sua opinião é especificamente pedida pelos homens. Os homens em particular afirmaram que homens e mulheres “falam bem” dentro do lar, mas algumas mulheres que entrevistámos argumentaram que os homens e as mulheres vivem realmente “vidas separadas” e que é muito difícil para as mulheres falar com franqueza dentro do agregado familiar.

Na cidade de Nampula, o cenário comunitário é muito diferente. Os homens (muitas vezes quando bebem, jogam aos dados, vêem futebol ou fazem outras ‘coisas de homens’) e as mulheres (frequentemente quando vendem produtos locais em sua casa, fazem tranças ou ouvem música) permanecem em grupos separados, mas há também alguns locais onde eles e elas se misturam com aparente facilidade. Durante um dia num dos Postos Administrativos Urbanos, por exemplo, as mulheres tomaram parte activa em reuniões entre chefes de quarteirões, no tribunal comunitário local, e na organização à volta da distribuição mensal de fundos sociais para os idosos e incapacitados. As mulheres estavam em clara minoria, mas entre os mais sonantes ao expressar as suas opiniões. Nas reuniões relacionadas com o possível apoio, por uma ONG, às associações locais, muitas pessoas que apareceram eram mulheres que diziam representar iniciativas femininas na agricultura ou comércio. No nosso grupo focal masculino os homens queixavam-se que as mulheres na cidade ‘não mostravam respeito’, enquanto as mulheres no grupo focal feminino argumentavam que as mulheres no bairro tinham de trabalhar duramente para ajudar as suas famílias “já que os nossos homens não trazem nada para casa”.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> No grupo focal feminino de 12 mulheres, todas activas na comunidade, oito viviam de facto sem um homem. Muitas afirmavam terem sido ‘abandonadas’, mas algumas também admitiam que tinham deixado os seus maridos. Um estudo sobre Nampula feito por Sender e Oya (2007) observa que há uma taxa mais elevada de mulheres separadas ou divorciadas com uma educação relativamente alta e com rendimento formal do que entre as mulheres pobres e sem educação ou pobres e desempregadas.

## 4. Conclusões

O objectivo deste relatório foi estudar de que forma os dados gerais e agregados sobre género e pobreza, tratados no primeiro relatório desta série (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008), se reflectem num cenário rural e noutro urbano no norte de Moçambique – o Distrito de Mossuril e os dois bairros de Muatala e Namutequeliua na cidade de Nampula. O nosso ponto de partida foi a noção de que as relações de género e a posição sócio-económica de homens e mulheres são o resultado de condições históricas e estruturais políticas, económicas e culturais, e a articulação entre esses constrangimentos e as acções ('agência') de agregados familiares e indivíduos. Também postulamos a possibilidade de, no mundo social 'mercantilizado' em que as pessoas se encontram, a pobreza material ter implicações significativas sobre até que ponto elas estão em posição de procurar estratégias alternativas de subsistência e de consumir a mobilidade social ascendente dentro do cenário estrutural existente.

O nosso estudo em Mossuril e na cidade de Nampula confirmou que há uma diferença sistemática na pobreza e bem estar entre agregados familiares chefiados respectivamente por homens e por mulheres, bem como entre homens e mulheres individuais. A um certo nível, estas diferenças estão estreitamente relacionadas com as realidades política, económica e cultural nas quais as pessoas se situam: historicamente os homens dominaram as formações sociais tradicional Macua, colonial Portuguesa e Muçulmana – embora tanto os princípios matrilineares como as leis da *sharia* sejam 'sensíveis ao género' no sentido de sublinhar as responsabilidades que os homens têm para com as mulheres e crianças.

Vimos também como os homens dominam as estruturas políticas contemporâneas aos níveis da província, município e distrito – embora com uma representação feminina mais forte nos níveis mais baixos de representação, particularmente na Nampula urbana. Em termos económicos, tanto o mercado de trabalho formal como o informal apresentam um enviesamento em favor dos homens, como é evidenciado pelo número limitado de mulheres com emprego formal e pela 'invisibilidade' das mulheres no mercado público informal. As mulheres em Mossuril e na cidade de Nampula estão em grande parte 'escondidas' num sector agrícola com baixa produtividade e baixo retorno e em empresas informais de pequena escala e com um retorno igualmente limitado.

Todavia, talvez os constrangimentos estruturais mais determinantes para as estratégias de subsistência de homens e mulheres, em Mossuril e na cidade de Nampula, sejam 'consuetudinários' e 'culturais': há fortes constrangimentos tradicionais e religiosos à agência das mulheres, as quais desde o início as amarram aos homens e à cena doméstica. Estes constrangimentos são instilados nas crianças desde tenra idade, através de rituais e preceitos realçando a posição subordinada das mulheres e a sua responsabilidade de 'não se oporem aos homens'. Muitas mulheres parecem encarnar a sua própria posição inferior,<sup>41</sup> já que muito poucas questionaram ou se opuseram à ordem das relações de género nos grupos focais femininos que organizámos. Na cidade, as idiosincrasias culturais enviesadas em favor do homem tomam formas mais subtis – tais como banir *de facto* as mulheres dos mercados públicos informais.

A opressão estrutural dos agregados familiares chefiados por mulheres e das mulheres, em Mossuril e em Nampula, está reflectida nos dados quantitativos e qualitativos que apresentámos: em termos gerais as mulheres são vistas como subordinadas aos homens na tradição Macua e na fé Islâmica; têm um acesso mais limitado do que os homens à informação sobre a sociedade em geral; têm um

---

<sup>41</sup> Uma tal 'incorporação' dos constrangimentos estruturais é o que Bourdieu (1977, 1990) chama *habitus*, definido como 'esquema mental e corpóreo de percepção e acção'.

acesso mais limitado do que os homens ao emprego e rendimento; gastam menos e têm menos bens do que os homens; têm níveis de educação mais baixos e adoecem mais vezes do que os homens; e são mais susceptíveis à violência doméstica e ao divórcio do que os homens.

Dito isto, vimos também que há diferenças significativas entre os agregados familiares chefiados por mulheres e as mulheres no cenário rural de Mossuril e no cenário urbano de Nampula. Em Mossuril, praticamente todos os agregados familiares chefiados por mulheres se encontram na mesma posição sócio-económica. Em Nampula, por outro lado, havia uma muito maior variação na situação dos agregados: enquanto uns estão desempregados, não têm educação escolar, têm saúde deficiente e lutam com a pobreza profunda, outros acham-se nos escalões superiores em termos de consumo, educação e acesso às unidades sanitárias. Vimos também como algumas mulheres se tornam *de facto* chefes do agregado familiar como resultado da sua importância para o aprovisionamento do agregado familiar e/ou propriedade da habitação.

Ao mesmo tempo, porém, os agregados familiares pobres no cenário urbano surgem também mais vulneráveis do que as suas contrapartes rurais: uma maior proporção de agregados familiares assenta em ‘coabitação’ *ad hoc* ou temporária, é mais dependente do emprego (formal ou informal) e do rendimento em dinheiro, e é mais susceptível à violência doméstica ou comunitária. A família alargada e as relações comunitárias encontradas no Mossuril rural são parcialmente substituídas por vizinhos, amigos e instituições da sociedade civil – mas, mesmo assim, as famílias urbanas que não estão em posição de manter relações urbano-rurais parecem excepcionalmente vulneráveis aos choques que se seguem à súbita perda de rendimento ou a despesas necessárias.

Os nossos dados fornecem alguma base para argumentar que as mulheres pobres tentam crescentemente relacionar a sua pobreza e vulnerabilidade envolvendo-se em redes sociais que se concentram na mulher. É mais provável que os agregados familiares chefiados por mulheres se envolvam em redes de mútuo apoio e sociedades de crédito, tendo nós apresentado vários estudos de caso em que as mulheres colaboram em pequenas empresas económicas e nos cuidados com as crianças. Ao mesmo tempo, apresentámos casos em que os homens destituídos se encontram socialmente marginalizados sem mulheres.

O nosso princípio básico neste relatório foi que as mudanças estruturais e o controlo patriarcal mais limitado na Nampula urbana abriram oportunidades para as mulheres, que estas não têm no Mossuril rural – onde permanecem geralmente em desvantagem e com poucas opções de mobilidade social. Ao mesmo tempo, vimos que nos agregados familiares onde as mulheres têm uma posição dominante, seja *de jure* ou *de facto*, é mais provável as chefes investirem no bem estar social dos membros do agregado familiar através da educação e saúde. Da forma como o vemos, e do ponto vantajoso dos esforços de Moçambique para reduzir a pobreza, isto terá três implicações principais:

1. Nas áreas rurais, as intervenções para redução da pobreza e igualdade de género (incluindo medidas de protecção social) devem visar os agregados familiares chefiados por mulheres e as mulheres que permanecem mais pobres e mais vulneráveis.
2. Nas áreas urbanas, devem ser feitos esforços para explorar o novo espaço criado para as mulheres, através de intervenções orientadas para apoiar os empreendimentos económicos das mulheres.
3. Em ambas as áreas (rurais e urbanas), devem ser feitos esforços para apoiar as redes e associações com enfoque na mulher, as quais terão o melhor efeito sobre o bem estar de todos os membros do agregado familiar, incluindo as crianças.

## 4.1 Recomendações

Mais especificamente, os resultados do nosso estudo indicam que as seguintes acções serão importantes para atingir uma maior igualdade de género e empoderamento das mulheres no norte de Moçambique:

1. Embora tenha havido um aumento na proporção de mulheres nos organismos públicos, tanto a nível de Município como de Distrito, há poucas, se algumas, intervenções orientadas para a igualdade de género e empoderamento da mulher. Isto deverá ser feito através de programas e projectos concretos, mais do que através de ‘unidades de género’ que tendem a diluir a responsabilidade.
2. O Departamento da Mulher (Direcção Provincial da Mulher e Acção Social) tem pessoal bom e dedicado, e devia estar mais directamente envolvido no desenvolvimento de políticas sólidas e acções concretas dirigidas à igualdade de género e ao empoderamento da mulher, nas instituições públicas em Nampula.
3. As instituições tradicionais e religiosas têm um forte impacto nas percepções culturais e acção social das pessoas. As instituições públicas, de ajuda e privadas que trabalham em questões de género, devem relacionar e desafiar as autoridades nestas instituições, usando como ponto de partida as componentes de género dos seus princípios orientadores.
4. Em termos gerais, as intervenções de desenvolvimento devem visar as mulheres muito mais directamente do que tem sido o caso até agora, com o argumento de que o apoio às mulheres tem as mais positivas implicações para o bem estar geral (segurança alimentar, educação, saúde). A contínua discrepância no nível de pobreza material entre os agregados familiares chefiados por homens e por mulheres justifica essa discriminação positiva, pelo menos durante um período transitório.
5. Com base no nosso estudo, as áreas mais importantes de intervenções rurais parecem ser assegurar às chefes femininas mais velhas de agregados familiares condições mínimas de vida, através de programas de acção social (incluindo a Acção Social). Para as outras mulheres, o constrangimento mais importante é a falta de opções de obtenção de rendimento independente. Isto pode ser encorajado através de uma combinação de fundos em sementes para pagar o trabalho agrícola e acesso dirigido ao crédito para actividades económicas informais.
6. Nas áreas urbanas, as intervenções precisam de relacionar o duplo constrangimento de violência doméstica e pública e a falta de poder das mulheres para realizarem as suas actividades económicas no espaço público. Os tribunais comunitários/religiosos deviam ter um mandato mais forte e formação para tratarem as questões de violência. E as instituições como a AMMCJ (ver o Capítulo 3) devem arranjar recursos para alargarem as suas actividades e chegarem às comunidades locais.
7. O alargamento da área de oportunidades para as actividades económicas das mulheres pode ser melhor alcançado através de acções/projectos concretos onde as mulheres obtenham apoio para estabelecer empresas de pequena escala no espaço público. Com o ‘poder do exemplo’, mais mulheres atingirão uma posição que lhes permita desafiar os constrangimentos sócio-culturais ainda existentes para as actividades económicas femininas.
8. A fim de construir a sustentabilidade a longo prazo, tanto nas áreas rurais como urbanas, as intervenções governamentais e não governamentais devem procurar maximizar o acesso das raparigas ao sistema escolar formal e desafiar activamente os elementos culturais e tradicionais que limitam ou impedem a educação das raparigas.
9. Duas áreas mais específicas, justificam também mais atenção: o nosso estudo mostrou que as mulheres cooperam cada vez mais em grupos sociais e associações, e estas últimas devem ser encorajadas como um veículo de mudança tanto para o desenvolvimento económico como sócio-cultural.
10. Além disso, vimos como as mulheres, particularmente nas áreas rurais, estão isoladas da informação sobre a mudança social contemporânea e as oportunidades, em resultado do seu



acesso limitado, particularmente ao rádio como meio de comunicação social. O alargamento da cobertura da rádio e o acesso aos aparelhos de rádio pelas mulheres deve ser encorajado.

11. Dito isto, deve ser dada atenção à tendência aparentemente emergente de homens urbanos pobres, que não conseguem atingir as expectativas de ‘masculinidade’, tornando-se socialmente marginalizados e isolados. Numa perspectiva de mais longo prazo, estes homens podem representar um perigo sério para as comunidades locais e para as famílias individuais.

## Bibliografia

- ADB (2004). *Mozambique: Multi-Sector Country Gender Profile*. Tunísia: Banco Africano de Desenvolvimento.
- ADF (2005). *Republic of Mozambique. Women's Entrepreneurship and Skills Development for Food Security*. Tunísia: Banco Africano de Desenvolvimento.
- AdR (2004). *Aprova a Lei da Família e Revoga o Livro IV do Código Civil. Lei Nº. 10/2004 de 25 de Agosto*. Maputo: Assembleia da República / Imprensa Nacional de Moçambique.
- Agadjanian, V. (2001). "Negotiating through Reproductive Change: Gendered Social Interaction and Fertility Regulation." Em: *Journal of Southern African Studies* Vol. 27(2) pp.291-309.
- Agadjanian, V. (2002). "Men's Talk about 'Women's Matters' - Gender, Communication and Contraception in Urban Mozambique." Em: *Gender and Society* Vol. 16(2) pp.194-215.
- Agadjanian, V. (2005). "Gender, Religious Involvement, and HIV/AIDS Prevention in Mozambique." Em: *Social Science and Medicine* Vol. 61(7) pp.1529-1539.
- Alberts, Ritva and Soila Hirvonen (2003). *Kvinnoliv i Mosambik*. Estocolmo: Afrikagrupperna.
- Araújo, Manuel Mendes de (2005). "Cidade de Nampula: A Rainha do Norte de Moçambique." Em: *Finisterra* Vol. XL(79) pp.209-222.
- Arnaldo, Carlos (2002). "Ethnicity and Marriage Patters in Mozambique." Em: *African Population Studies* Vol. 19(1).
- Arndt, Channing (2002). *HIV/AIDS, Human Capital and Economic Prospects for Mozambique*. TMD Discussion Paper No. 88 Washington D.C: International Food Policy Research Institute.
- Arnfred, Signe (2001). "Ancestral Spirits, Land and Food: Gendered Power and Land Tenure in Ribáué, Nampula Province". Em: R. Waterhouse and C. Vijfhuizen (eds.) *Strategic Women, Gainful Men. Gender, Land and Natural Resources in Different Contexts in Mozambique*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Arnfred, Signe (2001). *Family Forms and Gender Policies in Revolutionary Mozambique 1975-1985*. Travaux et Documents No. 68-69 Bordeaux: Centre d'Etudes d'Afrique Noire.
- Arnfred, Signe (2004). "Conceptions of Gender in Colonial and Post-Colonial Discourses: The Case of Mozambique." Em: *CODESRIA Gender Series / Gender Activism and Studies in Africa* Vol. Vol. 3 pp.82-100.
- Arthur, Maria José (2008). "A propósito da discussão da proposta da Lei contra a violência doméstica: de que vale ter um grande número de mulheres no parlamento?" Em: *Outras Vozes* Vol. 22 (Fevereiro 2008).
- Arthur, Maria José e Margarida Mejia (2006). *Coragem e Impunidade: Denúncia e Tratamento da Violência Doméstica Contra as Mulheres em Moçambique*. Maputo: Women and Law in Southern Africa (WLSA).
- Arthur, Maria José e Margarida Mejia (eds.) (2007). *Rebuilding Lives: The Strategies of Women Survivors of Domestic Violence*. Maputo: Women and Law in Southern Africa (WLSA).
- Arthur, M.J. et al. (2000). *Inequality Politics: Rudiments for an Evaluation of Government and NGO Gender Policies and Programmes Post-Beijing*. Maputo: Fórum Mulher.
- Arthur, Maria José (Organizadora) (2007). *Memórias do Activismo pelos Direitos Humanos das Mulheres. Recolha de Textos Publicados no Boletim Outras Vozes 2002-2006*. Maputo: Women and Law in Southern Africa (WLSA).
- Baden, Sally (1997). *Post-Conflict Mozambique: Women's Special Situation, Population Issues and Gender Perspectives*. Brighton, UK: Institute of Development Studies.
- Bagnol, Brigitte e Chamo Ernesto (2003). *"Titos" e "Catorzinhas". Pesquisa Exploratória sobre "Sugar Daddies" na Zambézia (Quelimane e Pebane)*. Maputo: DfID/PMG Moçambique.
- Balate, Angelina de Natividade (2001). *Relações de Género e Gestão Comunitária das Fontes de Água. O Caso do Distrito de Marracuene 1992-1999*. Tese de Licenciatura em

- Antropologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais. .
- Bell, Emma (2003). *Gender and PRSPs: With Experiences from Tanzania, Bolivia, Vietnam and Mozambique*. Sussex: Institute of Development Studies (IDS).
- Bonate, Liazzat J.K. (2006). *Islamic Education and State Policies of Education in Mozambique. International Symposium 'Islamic Civilization in Southern Africa'*, Johannesburg.
- Bonate, Liazzat J.K. (n.d). *Matriliny, Islam and Gender in Northern Mozambique*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane (Dept. de História).
- Bourdieu, Pierre (1990). *The Logic of Practice*. Stanford: Imprensa Universitária de Stanford.
- Casas, Maria Isabel, Ana Laforte, et al. (1998). *Gender Profile of the Nampula Province*. Maputo: Relatório preparado para a Embaixada do Reino dos Países Baixos.
- Casimiro, Isabel, Ximene Andrade, et al. (1996). *Women and Law in Southern Africa Research Project: Right to Succession and Inheritance*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Centro de Estudos Africanos.
- Chant, Sylvia (2003). *Female Household Headship and the Feminisation of Poverty: Facts, Fictions and Forward Strategies*. Londres: London School of Economics, Gender Institute.
- Chant, Sylvia (2006). "Rethinking the 'Feminization of Poverty' in Relation to Aggregate Gender Indices." Em: *Journal of Human Development* Vol. 7(2) pp.201-220.
- Chant, Sylvia (2007). *Gender, Generation and Poverty. Exploring the 'Feminisation of Poverty' in Africa, Asia and Latin-America*. Londres: Edward Elgar.
- Chapman, Rachel R. (2006). "Chikotsa - Secrets, Silence and Hiding: Social Risk and Reproductive Vulnerability in Central Mozambique." Em: *Medical Anthropology Quarterly* Vol. 20(4) pp.487-515.
- Chiconela, Jacinto (2004). *Estimativas e Perfil da Pobreza em Moçambique. Uma Análise Baseada no Inquérito aos Agregados Familiares 2002-2003*. Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento.
- CIDA (2005). *CIDA's Framework for Assessing Gender Equality Results*. Ottawa: Canadian International Development Agency.
- CIDA (2006). *CIDA's Mozambique Program. Gender Equality Strategy*. Maputo: Canadian International Development Agency.
- Collier, Edda (2003). *Gender Profile in Mozambique: Analysis and Action Plan for the New Strategy Period 2004-2010*. Maputo: USAID.
- Collier, Edda (2006). *Towards Gender Equality in Mozambique: A Profile on Gender Relations. Update 2006*. Maputo: SIDA / Embaixada da Suécia.
- Cornwall, Andrea (2007). "Myths To Live By? Female Solidarity and Female Autonomy Reconsidered" Em: *Development and Change* Vol. 38(1) pp.149-168.
- Cornwall, Andrea, Elisabeth Harrison, et al. (2007). "Gender Myths and Feminisation Fables: The Struggle for Interpretive Power in Gender and Development." Em: *Development and Change* Vol. 38(1) pp.1-20.
- Costa, Ana Bénard da (2007). *O Preço da Sombra. Sobrevivência e Reprodução Social entre Famílias de Maputo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cuambe, Benigna Gama (2005). *As Relações de Género na Comunidade Pesqueira de Pangane – Estudo de Caso 1992-2003*. Tese de Licenciatura em Antropologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais.
- DANIDA (2005). *Multifaceted Challenges. A Study on the Barriers to Girls' Education. Zambezi Province*. Copenhaga: DANIDA.
- DfID (2002). *Gender Manual: A Practical Guide for Development Policy Makers and Practitioners*. Londres: Department for International Development, Social Development Division.
- DNPO (2000). *Perfil Provincial de Pobreza e Desenvolvimento Humano. Nampula*. Maputo: Ministério do Plano e Finanças, Direcção do Plano e Orçamento.

- DNPO (2004). *Poverty and Well-Being in Mozambique: The Second National Assessment*. Maputo: Ministério do Plano e Finanças, Direção Nacional do Plano e Orçamento.
- Espling, Margareta (1999). *Women's Livelihood Strategies in Processes of Change: Cases from Urban Mozambique*. Gotenburgo, Suécia: Universidade de Gotenburgo, Dept. de Geografia.
- Fontana, Marzia e Yana van der Meulen Rodgers (2005). "Gender Dimensions in the Analysis of Macro-Poverty Linkages." Em: *Development Policy Review* Vol. 23(3) pp.333-349.
- Fórum-Mulher (2006). *Dossier para a 15ª Assembleia Geral*. Maputo: Fórum Mulher – Coordenação para a Mulher no Desenvolvimento.
- Fórum-Mulher (2006). *Relatório das Actividades Realizadas Janeiro-Outubro de 2006*. Maputo: Fórum Mulher – Coordenação para a Mulher no Desenvolvimento.
- Fórum-Mulher (2007). *Shadow Report: Stage of Implementation of the CEDAW in Mozambique*. Maputo: Fórum da Mulher.
- Fox, L., E. Bardasi, K. van den Broeck (2005). "Poverty in Mozambique. Unraveling Changes and Determinants". *Poverty Background Paper to the Country Economic Memorandum 2005*. Washington, D.C.: Banco Mundial.
- Francisco, António A. da Silva e Margarida Paulo (2006). *Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique*. Maputo: Cruzeiro do Sul.
- Garrett, Ashley (2003). *Gender Analysis of the Plan of Action for the Reduction of Absolute Poverty 2001-2005, and Recommendations for Engendering the PARPA*. Washington D.C.: Gender Action.
- GdM (2005). *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta, 2006-2009 (PARPA II)*. Maputo: Governo de Moçambique, Ministério do Planeamento e Cooperação.
- GdM (2006). *Plano Económico e Social para 2007*. Maputo: Governo de Moçambique.
- GdM (2006). *Plano Nacional de Acção para o Avanço da Mulher 2007-2009*. Maputo: Governo de Moçambique.
- Geffray, Christian (2000). *Nem Pai, Nem Mãe: Crítica do Parentesco, o Caso Macua*. Lisboa: Ndjira.
- Geisler, Gisela (2004). *Women and the Remaking of Politics in Southern Africa. Negotiating Autonomy, Incorporation and Reputation*. Uppsala: Nordic Africa Institute.
- Gengenbach, Heidi (2000). "Naming the Past in a Scattered Land: Memory and the Powers of Women's Naming Practises in Southern Mozambique." Em: *International Journal of African Historical Studies* Vol. 33(3) pp.523-542.
- Ghonhamo, Tânia Mariza (2004). *Representações das Relações de Género e o Seu Impacto na Reinserção Social da Mulher Seropositiva: O Caso das Mulheres Seropositivas da Província de Maputo*. Tese de Licenciatura em Sociologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais.
- Handa, S., K.R. Simler e S. Harrower (2004). *Human Capital, Household Welfare and Children's Schooling in Mozambique*. Washington D.C: International Food Policy Research Institute.
- Hanlon, Joseph (2007). "Is Poverty Decreasing in Mozambique?" Documento apresentado na conferência inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicas (IESE) em Maputo, 19 de Setembro de 2007.
- Hanlon, Joseph e Teresa Smart (2008). *Do Bicycles Equal Development in Mozambique?* Woodbridge, Suffolk: James Currey.
- Horne, Nancy (2000). *Gender-Based Market Research: Nampula Province, Mozambique*. Harare: Southern Africa Research and Documentation Centre (SARDC).
- Ibraimo, Maimuna (2006). *Experiências Internacionais do Orçamento na Óptica do Género*. Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento/DNEAP.
- Ibraimo, Maimuna (em curso). *Women's Contribution to Economic Growth in Mozambique (1980-2004). A Growth Accounting Exercise*. Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento.

- INE (1999). *Mulheres Chefes de Agregados Familiares em Maputo Cidade. Cifras e Realidades*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2004). *Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Orçamento Familiar 2002/03. Relatório Final*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2006). *The Informal Sector in Mozambique. Outputs from the First National Survey*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2006). *Inquérito Integrado à Força de Trabalho (IFTRAB 2004/05)*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2009). *Inquérito de Indicadores Múltiplos 2008 (MICS)*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- Isaacman, Allen e Barbara Isaacman (1983). *Mozambique: From Colonialism to Revolution, 1900-1982*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- Ivala, Z. (1998). *As Mulheres na Autoridade Tradicional Makuwa. Documento Preparado para o Perfil de Género da Província de Nampula*. Nampula: Embaixada do Reino dos Países Baixos.
- Jackson, Cecilie (2007). "Resolving Risks? Marriage and Creative Conjugality." Em: *Development and Change* Vol. 38(1) pp.107-129.
- James, Robert C., A. Channing and K. Simler (2005). *Has Economic Growth in Mozambique been Pro-Poor?* Maputo: Ministério do Plano e Finanças.
- Jensen, Robert e Rebecca Thornton (2003). "Early Female Marriage in the Developing World." Em: *Gender and Development* Vol. 11(2) pp.9-19.
- Johnson-Hanks, Jennifer (2002). "On the Limits of Life Stages in Ethnography: Toward a Theory of Vital Conjunctions" Em: *American Anthropologist* Vol. 104(3).
- Kabeer, Naila (2007). "Marriage, Motherhood and Masculinity in the Global Economy: Reconfigurations of Personal and Economic Life." Em: *IDS Working Paper* Vol. 290.
- Kanbur, Ravi (2001). "Q-Squared?. A Commentary on Qualitative and Quantitative Poverty Appraisal". Paper delivered at the workshop "Qual-Quant. Qualitative and Quantitative Poverty Appraisal: complementarities, tensions and the way forward". Universidade de Cornell, 15-16 de Março de 2001.
- Kanbur, Ravi e P. Schaffer (2007). "Epistemology, Normative Theory and Poverty Analysis. Implications for Q-Squared in Practise." Em: *World Development* Vol. 35(2) pp.183-196.
- Laforte, Ana Maria (2004). "Políticas e estratégia para a igualdade do género: constrangimentos e ambiguidades." Em: *Outras Vozes* Vol. 8 (Agosto de 2004).
- Lituri, Célia Virgínia de Benjamin e (2002). *Mulher no Espaço Público: O Caso da Participação Feminina nos Tribunais da Cidade de Maputo*. Tese de Licenciatura em Antropologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais.
- MAE (2005). *Perfil do Distrito de Mossuril, Província de Nampula*. Maputo: Ministério da Administração Estatal.
- Maximiano, N., C. Arndt e K.R. Simler (2005). *Qual foi a dinâmica dos determinantes da pobreza em Moçambique?* Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento.
- MEC (2006). *Indicadores de Avaliação do Plano Estratégico da Educação*. Maputo: Ministério da Educação.
- Medeiros, Carmem (1984). *A Representação da Mulher nas Estruturas do Poder Tradicional: O Exemplo das Sociedades do Norte de Moçambique*. Maputo: Memo.
- Membawase, Rogério N. (2005). *Mulheres Chefes de Agregado Familiar: Viúvas, Divorciadas, Casadas e Solteiras – Suas Características Sociais e Suas Estratégias de Sobrevivência*. Tese de Licenciatura em Antropologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais.
- Mikkelsen, Britha (2002). *Mainstreaming Gender Equality: Sida's Support for the Promotion of Gender Equality in Partner Countries*. Estocolmo: Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional (ASDI).

- MISAU (2005). *Moçambique. Inquérito Demográfico e de Saúde 2003*. Maputo: Ministério da Saúde.
- MMAS (n.d). *Guião para a Introdução do Género no Orçamento do Estado*. Maputo: Ministério da Mulher e Acção Social.
- Moore, Henrietta L. (1994). *A Passion for Difference*. Londres: Polity Press.
- Moore, H.L. e Todd Sanders (2001). "Magical Interpretations and Material Realities. An Introduction". Em: H. L. Moore and T. Sanders (eds.) *Magical Interpretations, Material Realities, Modernity, Witchcraft and the Occult in Postcolonial Africa*. Londres: Routledge, pp.1-27.
- Morrell, Robert (2001). "The Times of Change. Men and Masculinity in South Africa". Em: R. Morrell (ed.) *Changing Men in Southern Africa*. Pietermaritzburg, África do Sul: Imprensa Universitária do Natal, pp.3-37.
- Morrison, Andrew, Dhushyanth Raju, et al. (2007). *Gender Equality, Poverty and Economic Growth. Policy Research Working Paper 4349*. Washington: The World Bank Vol. Banco Mundial.
- Newitt, Malyn (1995). *A History of Mozambique*. Indiana: Imprensa Universitária de Indiana.
- Nordstrom, Carolyn (1997). *A Different Kind of War Story*. Filadélfia: Imprensa Universitária da Pensilvânia.
- O'Laughlin, Bridget (2007). "A Bigger Piece of a Very Small Pie: Intrahousehold Resource Allocation and Poverty Reduction in Africa." Em: *Development and Change* Vol. 38(1) pp.21-44.
- Ortner, Sherry (2006). *Anthropology and Social Theory. Culture, Power and the Acting Subject*. Los Angeles: Imprensa Universitária da UCLA.
- Ortner, Sherry B. (1996). *Making Gender. The Politics and Erotics of Culture*. Boston: Imprensa de Beacon.
- Osório, Conceição (2001). *Género e Pobreza em Moçambique: Revisão de Literatura: Questões Conceptuais de Género e Vulnerabilidade*. Harare: ILO/SAMAT.
- Otoo-Oyortey e Sonita Pobi (2003). "Early Marriage and Poverty: Exploring Links and Key Policy Issues." Em: *Gender and Development* Vol. 11(2) pp.42-51.
- Ouzgane, Lahoucine e Robert Morrell (eds.) (2005). *African Masculinities: Men in Africa from the Late Nineteenth Century to the Present*. New York/Scottsville: Palgrave Macmillan/Imprensa Universitária de KwaZulu-Natal.
- PAP (2008). *Joint Review: Análise da Pobreza e Sistemas de Monitoria*. Maputo: Programme Aid Partners: (<http://www.pap.org.mz>)
- PAP (2008). *Joint Review: Género*. Maputo: Programme Aid Partners ( <http://www.pap.org.mz>).
- PAP (2008). *Joint Review: Mulher e Acção Social*. Maputo: Programme Aid Partners (<http://www.pap.org.mz>).
- Paulo, Margarida, Carmeliza Rosário, et al. (2007). 'Xiculungo'. *Social Relations of Urban Poverty in Maputo, Mozambique*. Relatório CMI 2007:13 Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Peronius, Elina (2005). *The Significance of High Female Representation in Parliament. A Minor Filed Study about Women's Movement in Mozambique*. Departamento de Geografia Social e Económica. Umeå: Universidade de Umeå.
- Pfeiffer, J., S. Gloyd, et al. (2001). "Intrahousehold Resource Allocation and Child Growth in Mozambique: An Ethnographic Case Study." Em: *Social Science and Medicine* Vol. 53(1) pp.83-97.
- Pontara, Nicola (2001). *Gender and Poverty in Mozambique: A Review of Empirical Literature*. Harare: ILO/SAMAT.
- Preston-Whyte, Eleanor e Christian Rogerson (eds.) (1991). *South Africa's Informal Economy*. Cape Town: Imprensa Universitária de Oxford.
- PSI (2005). *'Milking the Cow'. Young Women's Construction of Identity, Gender, Power and Risk in Transactional and Cross-Generational Sexual Relationships*. Maputo: Population Services International.

- Quisumbing, Agnes R. (ed.) (2003). *Household Decisions, Gender, and Development*. Washington D.C.: International Food Policy Research Institute.
- Quisumbing, Agnes R. e Bonnie McClafferty (2003). *Using Gender Research in Development*. Washington D.C.: International Food Policy Research Institute.
- Ribeiro, Marlen Isabel Monteiro (2003). *Género: Entre Conceito e Realidades. Uma Abordagem ao Contexto Moçambicano*. Tese de Licenciatura em Antropologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais.
- Rocha, Mercedes Gonzalez de la (2007). "The Construction of the Myth of Survival." Em: *Development and Change* Vol. 38(1) pp.45-66.
- Rosário, Carmeliza (2008). *Desperate Co-Wives. The Illegality of Polygamy in the New Mozambican Family Law*. Master Thesis, Department of Social Anthropology. Bergen: Universidade de Bergen.
- Rosário, Carmeliza, Inge Tvedten, et al. (2008). *Mucupuki. Social Relations of Rural-Urban Poverty in Central Mozambique*. Relatório CMI 2008:13. Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Saide, Momade Amisse (2001). *Relações de Género na Gestão Comunitária de Recursos Florestais no Distrito de Matutuíne – Comunidade de Djavula*. Tese de Licenciatura em Antropologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais.
- SARDC (2005). *Beyond Inequalities 2005. Women in Mozambique*. Harare: Southern African Research and Documentation Centre.
- Sender, John e Carlos Oya (2007). *Divorced, Separated and Widowed Female Workers in Rural Mozambique*. ASC Working Paper 70/2007. Leiden: Africa Study Centre.
- Sheldon, Kathleen E. (1998). "I Studied with the Nuns, Learning to Make Blouses": Gender Ideology and Colonial Education in Mozambique." Em: *The International Journal of African Historical Studies* Vol. 31(3) pp.595-625.
- Sheldon, Kathleen E. (2002). *Pounders of Grain: A History of Women, Work and Politics in Mozambique*. Portsmouth: N.H.: Heinemann.
- Sheldon, Kathleen E. (2003). "Markets and Gardens: Placing Women in the History of Urban Mozambique." Em: *Canadian Journal of African Studies* Vol. 37(2-3) pp.358-395.
- SIDA (2005). *Promoting Gender Equality in Development Cooperation*. Estocolmo: Autoridade Sueca para o Desenvolvimento Internacional.
- Silva, Teresa Cruz e, Ximena Andrade, et al. (2007). *Representations and Practises of Sexuality among Youth, and the Feminisation of AIDS in Mozambique*. Maputo: Women and Law in Southern Africa (WLSA).
- Stoler, A.L. (1995). *Race and the Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham/Londres: Imprensa Universitária de Duke.
- Tsabete, Sérgio Absalão (2004). *Relações de Género e Estratégias de Segurança Alimentar e Nutrição no Distrito de Magude – O Caso da Povoação de Mahel-Sede*. Tese de Licenciatura em Antropologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais.
- Tvedten, Inge (2008). 'As Long as They Don't Bury Me Here'. *Social Relations of Poverty in a Southern African Shantytown*. Tese de Doutoramento, Departamento de Antropologia Social: Universidade da Cidade do Cabo.
- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2006). 'Opitanha'. *Social Relations of Rural Poverty in Northern Mozambique*. Relatório CMI 2006:16. Bergen, Noruega: Chr. Michelsen Institute.
- UD (2007). *På like vilkår: Kvinnens rettigheter og likestilling i utviklingspolitikken*. St.meld.nr. 11 (2007-2008). Oslo: Det kongelige norske utenriksdepartement.
- UD (2008). *Handlingsplan for kvinnens rettigheter og likestilling i utviklingsarbeidet*. Oslo: Utenriksdepartementet.
- UEM (1996). *Women and Law in Southern Africa Research Project: Right to Succession and Inheritance*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Centro de Estudos Africanos.

- UN-DAW (2008). *www.un.org/womenwatch/daw/*. Washington: UN Division for the Advancement of Women.
- UNDP (2001). *National Human Development Report 2001: Mozambique. Gender, Women and Human Development. An Agenda for the Future*. Maputo: PNUD.
- UNDP (2007). *National Human Development Report 2007, Mozambique: Challenges and Opportunities. The Response to HIV and AIDS*. Maputo: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
- UNFPA (2006). *Igualdade de Género e Empoderamento da Mulher em Moçambique*. Maputo: Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNFPA).
- UNICEF (2006). *Childhood Poverty in Mozambique. A Situation and Trends Analysis*. Maputo: UNICEF.
- UNIFEM (2006). *Gender Budgetting in Mozambique. Bi-Annual Bulletin No. 2*. Maputo: UNIFEM.
- UN-MDG (2008). *UN Millennium Goals: www.un.org/millenniumgoals/stats.shtml*.
- Urdang, Stephanie (1989). *And Still They Dance. Women, War and the Struggle for Change in Mozambique*. Londres: Earthscan Publications.
- Vletter, F. de (1996). *Study on the Informal Sector in Mozambique (Maputo and Sofala) (Mimeo)*. Maputo: Ministério do Plano e Finanças, Unidade de Alívio da Pobreza.
- Vletter, Fion de (2001). *Microfinanças em Moçambique: Estarão os Doadores a Promover a Feminização da Pobreza?*. Harare: ILO/SAMAT.
- West, Harry G (2009). *From Socialist Chiefs to Postsocialist Cadres: Neotraditional Authority in Neoliberal Mozambique*. New York: Berghahn Books.
- Whitehead, Ann, A. Cornwall, et al. (2006). *Feminisms and Development: Contradictions, Contestations and Challenges*. Londres: Zed Press.
- WLSA/Moçambique (2008). *Various Texts on Sexual Abuse in 'Outras Vozes'*. *www.wlsa.org.mz/*. Maputo: Women and Law in South Africa.
- WLSA/Moçambique (2008). *Various texts on the Mozambican Family Law* *www.wlsa.org.mz/*. Maputo: Women and Law in South Africa.
- World-Bank (2006). *Gender Equality as Smart Economics: A World Bank Group Gender Action Plan (2007-10)*. Washington D.C.: Banco Mundial.
- World-Bank (2006). *GenderStats. Database on Gender Statistics* (*http://devdata.worldbank.org/genderstats*). Washington D.C.: Banco Mundial
- World-Bank (2007). *Beating The Odds: Sustaining Inclusion in a Growing Economy. A Mozambique Poverty, Gender and Social Assessment* Washington D.C: Banco Mundial.
- World-Bank (2009). *Municipal Development in Mozambique: Lessons from the First Decade*. Washington D.C.: Banco Mundial.
- Xaba, Jantjie, Pat Horne, et al. (2002). *The Informal Sector in Sub-Saharan Africa* Geneva: International Labour office (ILO).
- Aasen, Berit et.al (2005). *Evaluation of the "Strategy for Women and Gender Equality in [Norwegian] Development Cooperation 1997-2005"*. Oslo: Instituto Norueguês de Pesquisa Urbana e Regional (NIBR).





## SUMÁRIO

Este é o segundo relatório da série 'Políticas de Género e Feminização da Pobreza em Moçambique'. Enquanto o primeiro relatório se debruçou sobre os dados quantitativos existentes a nível nacional, este relatório foca as relações sociais e a percepção cultural de género no distrito rural de Mossuril e na cidade de Nampula na província nortenha de Nampula. Mudanças estruturais e um controlo patriarcal mais limitado na Nampula urbana abriram oportunidades para as mulheres que elas não têm no Mossuril rural – onde geralmente permanecem em desvantagem e com poucas opções de mobilidade social. As mulheres urbanas e os agregados familiares chefiados por mulheres têm mais probabilidade de serem economicamente independentes dos homens e investem no bem estar dos membros do agregado familiar.

**Printed version: ISBN 978-82-8062-379-9**  
**Electronic version: ISBN 978-82-8062-380-5**

O Instituto Chr Michelsen é um centro independente de pesquisa em desenvolvimento internacional e políticas públicas com foco em países pobres. O Instituto conduz pesquisa básica e aplicada, nas áreas temáticas de direitos humanos, redução de pobreza, reforma do setor público, resolução de conflitos e manutenção de paz. Enfoque geográfico é dado a África do Norte e Sub-sahariana, Oriente Médio, Ásia Central e Sudeste Asiático, e América Latina.

A pesquisa realizada pelo CMI tem como objetivo informar e influenciar políticas públicas assim como contribuir para o debate sobre desenvolvimento internacional. O CMI trabalha com uma vasta rede de pesquisadores parceiros e em estreita cooperação com pesquisadores no Sul.